

ERIDA SOUZA LIMA

SEI NAVEGAR NA INTERNET: SEREI EU UM LETRADO DIGITAL?

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Sergipe.

Orientador: Prof. Dr. Vanderlei José Zacchi

São Cristóvão

2015

o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto de práticas sociais de leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

(Soares, 2012, p. 47)

Prof. Dr. Vanderlei José Zacchi – Orientador (UFS)

Prof^a. Dr^a. Lilian Cristina Monteiro França (UFS)

Prof. Dr. Daniel de Mello Ferraz (UFES)

Prof^a. Dr^a. Marlene de Almeida Augusto de Souza – Suplente (UFS)

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a mim mesma, pelo esforço e persistência em continuar, mesmo nos momentos íngremes. A minha mãe, por estar desde sempre ao meu lado e me apoiar em tudo. Ao meu amor Junior, por não ter podido compartilhar outros momentos importantes da minha vida. Ao meu orientador Vanderlei, por tornar esta pesquisa possível.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me iluminar, me abençoar, me dar forças, me erguer e reerguer sempre.

A minha mãe, Conceição, pelo apoio incondicional.

Ao meu amor, Junior, por me trazer de volta e ter me dado força para concluir esta pesquisa.

Aos membros da banca de qualificação, Prof^{ra}. Dr^a. Lilian Cristina Monteiro França e Prof^{ra}. Dr^a. Marlene de Almeida Augusto de Souza, pela valiosa contribuição e esclarecimentos.

Ao meu orientador Prof. Dr. Vanderlei José Zacchi, por fazer jus ao nome “orientador”, por ter sido sempre presente, atencioso, educado, humilde, compreensivo, e por todas as valiosas reflexões e contribuições que tornaram possível a elaboração desta dissertação. Sem dúvida, tive muita sorte de tê-lo como orientador. Muito obrigada!

Aos meus queridos alunos dos cursos de Letras Português/Espanhol e Letras/Espanhol (3º período-2014.1), da Universidade Federal de Sergipe, pela contribuição com os questionários da pesquisa.

As minhas queridas alunas Wilma, Kizzy, Taiana, Laisa e Andreza, do curso de Letras Português/Espanhol (4ª período- 2014.2), da Universidade Federal de Sergipe, pela cooperação com as entrevistas da pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa tem por intuito discutir os conceitos de letramento digital, fazendo ponte com os conceitos de alfabetização digital e interação aluno/interface. Questiona-se o que é ser letrado digital, quais as habilidades necessárias para que um indivíduo possa ser considerado um letrado digital, bem como, onde e como ele pode adquirir esse letramento. Questiona-se também até que ponto a alfabetização digital e a interação aluno/interface podem influenciar no desenvolvimento do letramento digital. Na tentativa de responder a essas questões, além da pesquisa bibliográfica, utilizamos como fonte de dados dois questionários, entrevista, e o trabalho desenvolvido no *blog Nos Gusta Español*; todos aplicados com alunos dos cursos de Letras/Espanhol e Letras Português/Espanhol, da Universidade Federal de Sergipe. Para elucidar esta pesquisa, dentre os principais referenciais teóricos, utilizamos os conceitos de Araújo (2009), Araújo; Silva (2012), Braga (2010), Belloni (2012), Buzato (2001), Coscarelli (2011), Frade (2011), Goulart (2011), Mattar (2012), Nascimento (2014), Palfrey (2011), Paiva (2010), Prensky (2001), Primo (2011), Ribeiro (2008), Rojo (2004), Silva (2012), Soares (2001-2013), Tori (2010), Xavier (2005), Zacchi (2014), entre outros. Observamos que temos um leque de possibilidades quando tentamos conceituar letramento digital ou mesmo quais requisitos necessários para que um indivíduo possa ser considerado um letrado digital. Além da própria divergência na conceituação teórica, é preciso levar em conta que existem diferentes tipos de usuários e, a depender do contexto, nem todas as habilidades serão necessárias.

Palavras-chave: letramento digital; alfabetização digital; interação aluno/interface.

RESUMEN

Esta investigación tiene por objetivo discutir los conceptos de *letramento digital*, haciendo puente con los conceptos de alfabetización digital e interacción alumno/interface. Se cuestiona qué es ser letrado digital, cuáles las habilidades necesarias para que un individuo pueda ser considerado un letrado digital, como también, dónde y cómo él puede adquirir ese *letramento*. Se cuestiona también hasta qué punto la alfabetización digital y la interacción alumno/interface pueden influir en el desarrollo del *letramento digital*. En el intento de contestar a esas cuestiones, además de la investigación bibliográfica, utilizamos como fuente de datos dos cuestionarios, entrevista, y el trabajo desarrollado en el *blog Nos Gusta Español*; todos aplicados con alumnos de los cursos de *Letras/Espanhol* y *Letras Português/Espanhol*, de *Universidade Federal de Sergipe*. Para aclarar esta investigación, entre los principales referenciales teóricos, utilizamos los conceptos de Araújo (2009), Araújo; Silva (2012), Braga (2010), Belloni (2012), Buzato (2001), Coscarelli (2011), Frade (2011), Goulart (2011), Mattar (2012), Nascimento (2014), Palfrey (2011), Paiva (2010), Prensky (2001), Primo (2011), Ribeiro (2008), Rojo (2004), Silva (2012), Soares (2001-2013), Tori (2010), Xavier (2005), Zacchi (2014), entre otros. Notamos que tenemos un abanico de posibilidades cuando intentamos conceptuar *letramento digital* o aún cuáles requisitos necesarios para que un individuo pueda ser considerado un letrado digital. Además de la propia divergencia en la conceptualización teórica, es necesario llevar en consideración que existen distintos tipos de usuarios y, dependiendo del contexto, ni todas las habilidades serán necesarias.

Palabras clave: *letramento digital*; alfabetización digital; interacción alumno/interface.

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1: Cabeçalho do *blog*, 18
- FIGURA 2: Exemplo de tema de discussão, 21
- FIGURA 3: Exemplo de avatar produzido por aluno 1, 22
- FIGURA 4: Cabeçalho do site *Elo*, 23
- FIGURA 5: Atividade sobre o Meio Ambiente elaborada no site *Elo*, 24
- FIGURA 6: Caso de limitação na alfabetização digital 1, 36
- FIGURA 7: Caso de limitação na alfabetização digital 2, 37
- FIGURA 8: Caso de limitação na alfabetização digital 3, 37
- FIGURA 9: Exemplo de avatar produzido por aluno 2, 39
- FIGURA 10: Seção 1.1 da matriz de letramento digital, 49
- FIGURA 11: Seção 1.2 da matriz de letramento digital, 51
- FIGURA 12: Seção 1.3 da matriz de letramento digital, 52
- FIGURA 13: Seção 1.4 da matriz de letramento digital, 54
- FIGURA 14: Interação versus Interatividade, 78
- FIGURA 15: Comunicação sem e com o uso da interação mediada por computador, 78
- FIGURA 16: Autores dos tipos de interação, 83
- FIGURA 17: Exemplo de atividade 1, 93
- FIGURA 18: Exemplo de atividade 2, 94
-
- GRÁFICO 1: Ferramentas tecnológicas que conhece e/ou costuma acessar, 59
- GRÁFICO 2: Leitura de textos a partir de ferramentas tecnológicas, 61
- GRÁFICO 3: Produção escrita a partir de ferramentas tecnológicas, 62
- GRÁFICO 4: Outros tipos de produção a partir de ferramentas tecnológicas, 64
- GRÁFICO 5: Uso das tecnologias nas práticas sócias, 65
- GRÁFICO 6: Uso das tecnologias para algum fim específico, 66
- GRÁFICO 7: Produções socializadas e/ou compartilhadas, 67
- GRÁFICO 8: Interação aluno e as tecnologias, 86
- GRÁFICO 9: Acesso à internet móvel, 88
- GRÁFICO 10: Acesso à internet imóvel, 88

GRÁFICO 11: Ferramentas tecnológicas que possui, 89

GRÁFICO 12: Dificuldades quanto ao manuseio de ferramentas tecnológicas, 90

GRÁFICO 13: Dificuldades quanto ao uso de programas, aplicativos e sites, 91

GRÁFICO 14: Ano de nascimento dos informantes, 103

QUADRO 1: Classificação dos níveis de alfabetização digital, 33

QUADRO 2: Classificação dos níveis de letramento digital, 57

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| Dados gerais da pesquisa | 13 |
| 1. Objetivos | 13 |
| 2. Perguntas de pesquisa | 14 |
| 3. Questões metodológicas | 14 |
| 3.1 Sujeitos da pesquisa | 14 |
| 3.2 Coleta de dados | 15 |
| 3.3 Instrumentos de pesquisa | 15 |
| 3.3.1 Questionário | 15 |
| 3.3.2 Entrevista | 16 |
| 3.3.3 Blog Nos Gusta Español | 17 |
| 3.3.3.1 Temas para Discusiones | 20 |
| 3.3.3.2 Quién Somos Nosotros | 21 |
| 3.3.4 Site Elo | 21 |
| 4. Desenho da pesquisa | 23 |
| CAPÍTULO 1 – LETRAMENTO DIGITAL | 24 |
| 1.1 Alfabetização e Letramento: uma breve contextualização | 24 |
| 1.2 Alfabetização digital | 28 |
| 1.2.1 Conceito | 28 |
| 1.2.2 Habilidades necessárias para ser considerado alfabetizado digital e Níveis de alfabetização digital | 31 |
| 1.2.3 Ferramentas tecnológicas e Tecnologias da informação e comunicação | 33 |
| 1.2.4 Relatos da experiência com os informantes desta pesquisa: algumas limitações na alfabetização digital | 34 |
| 1.3 Letramento digital | 40 |
| 1.3.1 Revendo conceito(s) | 40 |
| 1.3.2 Matriz de letramento digital | 46 |
| 1.3.3 Níveis de letramento digital | 55 |
| 1.3.4 Sei navegar na internet: serei eu um letrado digital? | 58 |
| 1.3.5 Mas afinal, o que é ser letrado digital? | 68 |
| 1.3.5.1 O caso da vovó | 68 |
| 1.3.6 Para ser considerado um letrado digital, o que o indivíduo precisa saber? | 70 |
| 1.3.7 Onde e como o indivíduo deve aprender ou adquirir o letramento digital? | 71 |
| CAPÍTULO 2 – INTERAÇÃO | 75 |
| 2.1 Interação X Interatividade | 75 |
| 2.2 Níveis de interatividade | 80 |
| 2.3 Tipos de interação | 82 |
| 2.4 Interação aluno/interface | 84 |
| 2.4.1 Autocrítica do blog Nos Gusta Español e Site Elo | 91 |
| 2.4.1.1 O blog no contexto educacional | 95 |
| 2.4.1.2 Uso contextualizado das TIC na educação | 98 |

| | |
|---|------------|
| <i>2.5 Nativos e Imigrantes digitais</i> | 100 |
| CONCLUSÃO | 106 |
| REFERÊNCIAS | 115 |
| APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO 1 | 118 |
| APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO 2 | 122 |
| APÊNDICE 3 – ENTREVISTA INFORMANTE 1 | 124 |
| APÊNDICE 4 - ENTREVISTA INFORMANTE 2 | 127 |
| APÊNDICE 5 - ENTREVISTA INFORMANTE 3 | 129 |
| APÊNDICE 6 - ENTREVISTA INFORMANTE 4 | 131 |
| APÊNDICE 7 - ENTREVISTA INFORMANTE 5 | 133 |

INTRODUÇÃO

O termo letramento é relativamente recente e vem sendo tratado por diversos autores, partindo de diferentes perspectivas, de maneira que é um conceito que segue muito em aberto. Um dos principais pontos discutidos é a diferença entre alfabetização e letramento, ou mesmo o que é ser alfabetizado ou ser letrado. No contexto digital, essa discussão continua, e ainda percebemos que algumas definições se encontram confusas, no que se refere à conceituação de alfabetização digital e letramento digital. De fato, o que é um e o que é o outro? Onde começa um e onde termina o outro?

A motivação desta pesquisa partiu da inquietude de tentar compreender, e talvez, encontrar respostas mais consolidadas e/ou convincentes sobre o que seria o letramento digital, bem como o que seria o letrado digital. Acreditamos que esse estudo apresenta certa relevância, dada a importância das mídias digitais, hoje, no cotidiano e na escola. No que se refere às instituições de ensino, é importante que seja aproveitada como um lugar de interação e construção do conhecimento, e para que isso seja possível, é imprescindível que os educadores reflitam e estudem maneiras de integrar as novas tecnologias ao processo de ensino/aprendizagem, de modo que possibilite um conhecimento mais autêntico, significativo e útil na vida dos educandos. Nesse sentido, pensamos que integrar o ensino de línguas com os mais variados letramentos pode ser um caminho que possibilite uma aprendizagem mais significativa.

Neste trabalho, a discussão teórica girará em torno dos variados discursos sobre o letramento digital, fazendo ponte com os conceitos de alfabetização digital e interação aluno/interface. Inicialmente, será feita uma breve contextualização sobre a alfabetização e o letramento, a partir dos conceitos de Baptista (2010), Gimenez et al. (2004), OCEM (2006), Ribeiro (2008), Soares (2010 e 2013), Xavier (2005) e Zacchi (2014). No segundo momento,

uma discussão sobre os conceitos de alfabetização digital de acordo com Frade (2011) e Soares (2003). Em seguida, partiremos para as discussões e reflexões sobre o letramento digital em si, segundo as perspectivas de Araújo (2009), Araújo e Silva (2012), Braga (2010), Buzato (2001), Coscarelli (2011), Dias e Novais (2009), Gimenez et al (2014), Nascimento (2014), OCEM (2006), Ribeiro (2008), Rojo (2004), Silva (2012), Soares (2001, 2002), Xavier (2005) e Zacchi (2014). E por último, trataremos a respeito da interação aluno/interface, e as denominações nativos e imigrantes digitais, partindo das vozes de Belloni (2012), Goulart (2011), Mattar (2012), Palfrey e Gasser (2011), Paiva (2010), Prensky (2001), Primo (2011), Ribeiro (2008) e Tori (2010).

Dados gerais da pesquisa

1. Objetivos

- Geral
 - ✓ Discutir e refletir sobre questões referentes ao letramento digital.
- Específicos
 - ✓ Fazer um levantamento teórico sobre os diversos conceitos de letramento digital;
 - ✓ Levantar os conceitos teóricos sobre a alfabetização digital e interação aluno/interface;
 - ✓ Investigar até que ponto os alunos de duas turmas de graduação em Letras/Espanhol e Letras Português/Espanhol, da Universidade Federal de Sergipe, podem ser considerados letrados digitais.

2. *Perguntas de pesquisa*

- ✓ Os alunos dos cursos de graduação Letras/Espanhol e Letras Português/Espanhol (mencionados na pesquisa), da Universidade Federal de Sergipe, podem ser considerados letrados digitais?
- ✓ Para ser considerado um letrado digital, quais as habilidades que precisam saber?
- ✓ Onde e como podem aprender e/ou adquirir o letramento digital?
- ✓ Como a alfabetização digital e a interação aluno/interface que possuem podem influenciar no desenvolvimento do letramento digital?
- ✓ Esses alunos poderiam ser considerados nativos digitais? Quem é nativo digital é também letrado digital?

3. *Questões metodológicas*

3.1 *Sujeitos da pesquisa*

A pesquisa de campo foi realizada com 29 alunos, dos cursos de graduação em Letras/Espanhol e Letras Português/Espanhol (somente duas turmas, acompanhamento do 2º período -2013.2 ao 4º período - 2014.2), da Universidade Federal de Sergipe, localizada no município de São Cristóvão. Dentre os 29 alunos, 19 vivem nos interiores do estado e 10 vivem na capital Aracaju.

A turma de Letras Português/Espanhol é do turno vespertino, tem um perfil de alunos jovens, entre 17-20 anos, com poucas exceções de alunos que ultrapassam essa média de faixa etária. A maioria não trabalha, apenas se dedica aos estudos.

Já a turma de Letras/Espanhol é do turno noturno, tem um perfil diferente, são alunos mais velhos, experientes. A faixa etária abrange de 20-70 anos. A maioria tem uma rotina de trabalho, por essa razão, optou por estudar a noite.

3.2 Coleta de dados

Para sua execução, a pesquisa foi dividida em três etapas, no período de 21 de outubro de 2013 a 5 de dezembro de 2014.

A primeira etapa ocorreu entre 21 de outubro de 2013 e 28 de fevereiro de 2014, correspondente ao semestre 2013.2. Durante esse intervalo, foi realizado um trabalho inicial com o *blog Nos Gusta Español*, a partir das disciplinas de Língua Espanhola II (turma vespertino de Letras Português/Espanhol), e Teoria e Prática de Língua Espanhola II (turma noturno de Letras/Espanhol), da Universidade Federal de Sergipe. Nesse momento, todos os alunos estavam no 2º período.

A segunda etapa ocorreu entre 14 de abril de 2014 e 15 de agosto de 2014, correspondente ao semestre de 2014.1. Dentro desse intervalo, foram aplicados dois questionários com os mesmos alunos, que agora estavam cursando as disciplinas de Língua Espanhola III (turma vespertino de Letras Português/Espanhol), e Teoria e Prática de Língua Espanhola III (turma noturno de Letras/Espanhol). Nesse momento, todos os alunos estavam no 3º período.

E a terceira etapa ocorreu entre 2 de dezembro de 2014 e 5 de dezembro de 2014, correspondente ao semestre 2014.2. Durante esse intervalo, cinco alunas do curso de Letras Português/Espanhol (turno vespertino) foram entrevistadas sobre questões referentes ao uso das tecnologias. Todas elas se encontram no 4º período letivo.

3.3 Instrumentos de pesquisa

3.3.1 Questionário

Uma das fontes de coleta de dados foi o questionário, que no geral, possibilita medir com mais exatidão as informações que a pesquisa necessita: “Questionário é um instrumento

de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (MARCONI et al. 2010, p. 86).

O anonimato também é essencial para que o informante se sinta à vontade, e as respostas possam ser mais verídicas. Os autores Cervo et al. reforçam essa questão quando afirmam que:

Todo questionário deve ter natureza impessoal para assegurar uniformidade na avaliação de uma situação para outra. Possui a vantagem de os respondentes se sentirem mais confiantes, dado o anonimato, o que possibilita coletar informações e respostas mais reais (o que pode não acontecer na entrevista). (CERVO et al., 2007, p. 53)

O questionário aplicado teve por intuito colher informações específicas dos alunos sobre o uso das tecnologias digitais, a fim de analisar até que ponto eles poderiam ser considerados letrados digitais. Como as informações fornecidas em algumas das perguntas foram superficiais, deixaram lacunas que dificultaram a análise. Por essa razão, outro questionário complementar foi elaborado e aplicado, posteriormente, na tentativa de encontrar as respostas deixadas pelas lacunas do questionário inicial. Desse modo, foram aplicados o questionário 1 (*vide* anexo 1), e o questionário 2 (*vide* anexo 2).

3.3.2 Entrevista

Outra fonte de coleta de dados utilizada foi a entrevista, que costuma ser um encontro entre duas pessoas a fim de obter informações sobre algum assunto: “A entrevista constitui um instrumento eficaz na recolha de dados fidedignos para a elaboração de uma pesquisa” (ANDRADE, 2010, p. 131).

No que se refere aos objetivos, no geral, pretende obter informações do entrevistado sobre um dado assunto ou problema, mas pode ser utilizado a fim de alcançar algum objetivo específico:

Uma entrevista pode ter como objetivos averiguar fatos ou fenômenos; identificar opiniões sobre fatos ou fenômenos; determinar, pelas respostas individuais, a

conduta previsível em certas circunstâncias; descobrir os fatores que influenciam ou que determinam opiniões, sentimentos e condutas; comparar a conduta de uma pessoa no presente e no passado, para deduzir seu comportamento futuro etc. (ANDRADE, 2010, p. 132)

Em relação aos tipos de entrevista, há diferentes tipos que variam segundo o propósito do entrevistador, podendo ser: padronizada ou estruturada, despadronizada ou não estruturada, ou do tipo painel. A entrevista utilizada, nesta pesquisa, foi do tipo semiaberta, logo, se enquadra dentro do tipo despadronizada ou não estruturada. Nesse tipo de entrevista, “O entrevistado tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão” (MARCONI et al, 2010, p. 82). Sendo que esse tipo de entrevista apresenta três modalidades, segundo Ander-Egg (1978 apud MARCONI, 2010, p. 82): entrevista focalizada, entrevista clínica e não dirigida. Nesta pesquisa, realizamos a entrevista focalizada, nesta “há um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser” (MARCONI, 2010, p. 82).

As entrevistas aplicadas (*vide* anexos 3, 4, 5, 6 e 7) tiveram por objetivo extrair informações complementares a respeito do uso e limitações das tecnologias digitais dos alunos, na tentativa de encontrar respostas que os questionários não conseguiram suprir.

3.3.3 *Blog Nos Gusta Español*

A outra fonte de dados utilizada nessa pesquisa partiu do trabalho inicial realizado com o *blog* intitulado *Nos Gusta Español*, como ilustra a figura:



Figura 1: Cabeçalho do *blog*

Fonte: <http://eridasouza2.wordpress.com/>

Como se sabe, o gênero digital *blog* surgiu como um diário digital, tendo como função publicar o “diário íntimo” de seus usuários na rede: o diário online. Sua estrutura permite a atualização rápida a partir dos conhecidos *posts*. Estes, por sua vez, são elaborados de acordo com a proposta e/ou temática do *blog*.

De acordo com Costa (2009), o *blog* pode ser definido como um jornal/diário digital/eletrônico pessoal publicado na web, geralmente, informal, atualizado com frequência e direcionado ao público em geral. O autor ainda reitera:

Blogs geralmente trazem a personalidade do autor, seus interesses, gostos, opiniões e um relato de suas atividades. Portanto, geralmente são simples, com textos curtos, predominando os narrativos (relatos), descritivos e opinativos. O blog é o gênero discursivo da autoexpressão, isto é, da expressão escrita do cotidiano e das histórias de pessoas comuns. (COSTA, 2009, p. 44-45)

De acordo com Bruguera (2007, p. 9):

Um blog é uma página web, pessoal ou coletiva, editada e publicada na internet com ferramentas eletrônicas de uso simplificado e ao alcance de usuários sem conhecimentos de informática específicos. Além. Costuma estruturar-se a partir da atualização regular de conteúdos que adotam uma ordem cronológica, oferece opções de interatividade aos usuários leitores, e tem nos links por hiperlinks seu principal sistema de conexão com outras iniciativas e usuários da rede.¹

Mais do que uma expressão de escrita do cotidiano, o *blog* permite uma escrita coletiva, colaborativa e conectiva, tendo em vista que o autor escreve, e os leitores leem e reescrevem seus pensamentos, críticas e contribuições. Richardson (2006 apud MATTAR, 2012, p. 88) trata que os *blogs* teriam fundado um novo gênero de escrita, que o autor batiza

¹ Tradução nossa.

de *connective writing* (escrita conectiva), que envolve ler, tomar decisões de edição, escrever e publicar.

O gênero *blog* apresenta um leque de possibilidades de uso que vão além de um diário pessoal, é um gênero que possui bastante potencial, que pode ser explorado no contexto educacional de diversos modos, a depender das necessidades dos docentes e discentes, além do objetivo do curso e/ou disciplina. Por essa razão, o *blog Nos Gusta Español* foi elaborado, tendo por intuito propiciar um ambiente virtual de aprendizagem da língua espanhola.

A estrutura do *blog* é composta por categorias obrigatórias (corresponde aos conteúdos e atividades da disciplina), e categorias facultativas (corresponde aos demais conhecimentos da língua espanhola que podem ser acessadas ou não pelo aluno). O *blog* é dividido nas seguintes categorias:

- Unidades: espaço destinado aos conteúdos e atividades propostas na disciplina. O título “unidades” pode ser substituído pelo nome da disciplina específica;
- Temas para discusiones: espaço aberto para propor temas transversais e geradores de discussão. Aqui, os alunos emitem suas opiniões sobre os diversos temas propostos, na língua espanhola;
- Quién somos nosotros: espaço destinado à apresentação do professor e alunos, através de avatar e *podcast*;
- Historietas: esse espaço é destinado às Histórias em Quadrinhos! Aqui, os alunos terão acesso para leitura de diversas HQs em espanhol;
- Ojo en la lengua: espaço para informar questões da língua como: gírias, provérbios, expressões coloquiais.

Além das categorias apresentadas acima, o *blog* conta com um espaço denominado *Blogroll*, utilizado para indicação de sites de interesse em língua espanhola, tais como: cursos

online, dicionários online, conjugador de verbos, rádio online, tv online, jornais online, revistas online, histórias em quadrinhos online, jogos, entre outros. Conta também com um espaço denominado *Canciones*, que disponibiliza várias músicas em espanhol.

Das categorias citadas acima, trabalhamos com as denominadas *Temas para discusiones* e *Quién somos nosotros*, que comentaremos a seguir. A categoria *Unidades* foi trabalhada a partir do site *Elo*, e as demais categorias estiveram disponíveis para acesso optativo.

3.3.3.1 *Temas para Discusiones*

Outra atividade proposta a partir do *blog* foi apresentada na categoria *Temas para Discusiones*. Neste espaço, alguns temas transversais foram lançados para discussão, e os alunos responderam e interagiram fazendo uso da língua espanhola. A figura 2 ilustra um dos temas propostos:



Figura 2: Exemplo de tema de discussão

Fonte: <http://eridasouza2.wordpress.com/category/temas-para-discusiones/>

3.3.3.2 *Quién Somos Nosotros*

Outra categoria do *blog* que foi trabalhada com os alunos é intitulada *Quién Somos Nosotros*. Como esse espaço é destinado à apresentação dos aprendizes, a tarefa solicitada foi que cada aluno criasse seu avatar e inserisse um áudio com uma breve apresentação em espanhol, através de *podcast*. O avatar foi elaborado no site *Voki* (<http://www.voki.com/>). Podemos visualizar o avatar de um dos alunos na figura 3:



Figura 3: Exemplo de avatar produzido por aluno 1

Fonte: <http://www.voki.com/pickup.php?scid=9055689&height=267&width=200>

3.3.4 *Site Elo*

O *Elo* é um site de ensino de línguas *online*, no qual o professor pode elaborar alguns tipos de atividades digitais, e os alunos podem ter acesso a essas atividades quando entram no site. Como mostra a figura seguinte:



Figura 4: Cabeçalho do site *Elo*

Fonte: <http://elo.pro.br/cloud/>

O site oferece dois espaços específicos: o do estudante e o do professor. Ambos precisam criar uma conta para terem acesso completo ao site. No espaço do professor, além dele poder elaborar atividades *online*, o site disponibiliza para ele informações específicas de cada aluno, ao realizar a atividade proposta, como: nome do aluno, tempo utilizado, horário de acesso e pontuação alcançada. Já no espaço do estudante, este tem apenas a opção de buscar atividades *online*, podendo ser do seu professor, ou de qualquer outro que esteja disponível no site. O site *Elo* foi utilizado para elaboração de algumas atividades *online*, para compor uma das categorias do *blog* denominada *Unidades*. Nesse caso, o *blog Nos Gusta Español*, além de se apresentar como AVA², serviu também como *link* de acesso para esse outro ambiente, que seria outro tipo de AVA.

Os alunos de Língua Espanhola II e Teoria e Prática de Língua Espanhola II realizaram algumas atividades nesse site, relacionadas aos conteúdos que estavam sendo ministrados na sala de aula presencial. Uma das atividades tratou sobre o Meio Ambiente, a tarefa consistia em assistir a um vídeo sobre o tema, e, em seguida, participar de um *quiz* sobre as informações apresentadas nele. Podemos visualizar na figura abaixo:

² Ambiente virtual de aprendizagem.

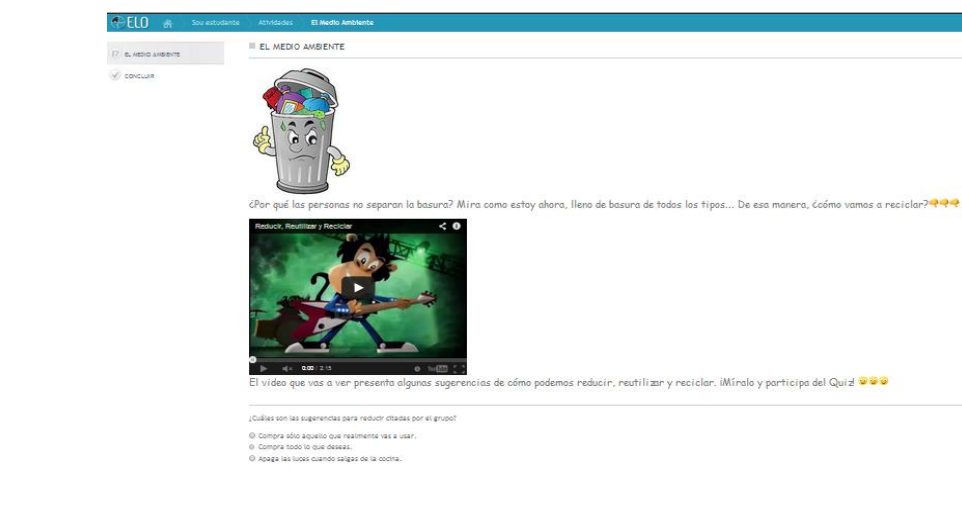


Figura 5: Atividade sobre o Meio Ambiente elaborada no site *Elo*

Fonte: http://elo.pro.br/cloud/aluno/atividade.php?id=364&limpa_score=1

4. Desenho da pesquisa

Esta dissertação será composta por esta introdução, onde são apresentadas as considerações teóricas, delimitação do problema de pesquisa, além dos dados gerais da pesquisa como: os objetivos, as perguntas de pesquisa, questões metodológicas e o desenho da pesquisa; o capítulo 1, onde será realizada uma discussão teórica e analítica a respeito dos conceitos de letramento digital e alfabetização digital; o capítulo 2, onde serão levantadas reflexões teóricas e analíticas, a respeito da interação aluno/interface e o conceito de nativos e imigrantes digitais. E por fim, a conclusão, onde teceremos as reflexões finais da pesquisa.

CAPÍTULO 1 – LETRAMENTO DIGITAL

1.1 Alfabetização e Letramento: uma breve contextualização

O termo letramento é relativamente recente e vem sendo tratado por diversos autores, partindo de diferentes perspectivas. Um dos principais pontos discutidos é a diferença entre alfabetização e letramento, ou mesmo, o que é ser alfabetizado ou ser letrado. Outra questão geradora de discussão é a existência do termo ‘letramentos’, perspectiva que faz com que o letramento digital, foco desta pesquisa, seja apenas um tipo de letramento, entre outros existentes: “o letramento digital seria mais um tipo e não um novo paradigma de letramento imposto à sociedade contemporânea pelas inovações tecnológicas” (XAVIER, 2005, p. 4), pois, além da cultura do papel, contamos com o letramento digital, letramento computacional, letramento informacional, letramento visual, letramento midiático, entre outros. Como defende Barton:

Letramento não é o mesmo em todos os contextos; ao contrário, há diferentes Letramentos. A noção de diferentes letramentos tem vários sentidos: por exemplo, práticas que envolvem variadas mídias e sistemas simbólicos, tais como um filme ou computador, podem ser considerados diferentes letramentos, como letramento fílmico e letramento computacional (BARTON, 1998, p. 9 apud XAVIER, 2005, p. 4).

Veremos aqui uma breve explanação sobre o conceito de alfabetização e letramento, para então, partirmos para o letramento digital propriamente dito.

Segundo Soares (2013), a alfabetização em seu sentido próprio e específico seria o processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita. Sendo assim, o indivíduo alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever.

No entanto, ter certo conhecimento técnico das práticas de leitura e escrita, não quer dizer que o indivíduo possua a competência necessária para fazer uso desse conhecimento nas

práticas sociais, visto que o letramento requer habilidades que vão além do mecânico, ou seja, que vão além do saber codificar e/ou decodificar a língua.

Segundo Ribeiro (2008), enquanto o alfabetizado é o indivíduo que domina uma tecnologia, o letrado pode até não dominá-la, individualmente, mas convive com práticas letradas em sociedade. Ou seja, é possível que um indivíduo conviva com práticas de letramento na sociedade na qual está inserido, mesmo que não tenha domínio do conhecimento técnico, ou seja, ser alfabetizado não é determinante para ser letrado. Isso porque existem variados contextos de letramentos, de maneira que, a depender da prática, o indivíduo pode realizá-la tendo ou não domínio da técnica. Então, não existe o indivíduo iletrado, o que existe é o indivíduo letrado que apresenta níveis e graus distintos de letramentos, como afirma Britto (2003 apud RIBEIRO, 2008, p. 28), quando diz que o letramento trata-se de:

um movimento mais geral, que se relaciona com a percepção da ordem da escrita, de seus usos e objetos, bem como de ações que uma pessoa ou um grupo de pessoas faz com base em conhecimentos e artefatos da cultura escrita. Sendo assim, se a noção de alfabetizado implica uma condição do tipo tudo ou nada, a de letramento (ou de alfabetismo) sugere uma multiplicidade de níveis e graus, em função do quanto o indivíduo realiza com seus conhecimentos de escrita.

O indivíduo alfabetizado apesar de saber ler e escrever, ainda assim, traz consigo certa limitação, no sentido de se deparar com textos e situações simples de leitura e escrita e não experimentar os contextos que as práticas sociais requerem, como por exemplo: compreender textos mais sofisticados, produzir textos argumentativos de maneira que exponha e defenda seu pensamento crítico, bem como fazer outros usos mais complexos da leitura e escrita. Como afirma Xavier, a partir das pesquisas de Kleiman e Soares:

alfabetizado seria aquele sujeito que adquiriu a tecnologia de escrita, sabe decodificar os sinais gráficos do seu idioma, mas ainda não se apropriou completamente das habilidades de leitura e de escrita, isto é, aquele indivíduo que, mesmo tendo passado pela escola, ainda lê com dificuldade, de modo muito superficial e escreve com pouca frequência e, quando escreve, produz textos

considerados simples (bilhetes, listas de compras, preenchimento de proposta de emprego e coisas do gênero). (XAVIER, 2005, p. 1)

Já no que diz respeito ao letramento, ainda segundo a voz de Soares (2012, p. 32-39), o termo é uma tradução para o português da palavra inglesa *literacy*, que significa “a condição de ser letrado”. Por sua vez, *literate* é a pessoa que domina a leitura e a escrita, ou seja, ser letrado é apropriar-se da escrita, é assumi-la como sua propriedade. Portanto, letramento é o resultado da ação de letrar-se, tornar-se letrado. É o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. Como nos afirma Soares (2012, p. 39):

ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua “propriedade”.

Barton e Hamilton (1998 apud Baptista, 2010, p. 121) afirmam que o letramento também pressupõe um conjunto de práticas sociais associadas, de uma forma ou de outra, à escrita, em contextos específicos, e para objetivos específicos.

Partindo dessa perspectiva, o indivíduo letrado é aquele que vai além do domínio técnico do saber ler e escrever, ele domina tais habilidades e faz uso delas nas práticas sociais e nas práticas mais complexas, desse modo, assume papel ativo nas relações socioculturais. A alfabetização seria, então, uma dimensão individual, e o letramento seria uma dimensão social. Como trata Soares (2003 apud RIBEIRO, 2008, p. 28) ao afirmar que:

embora correndo o risco de uma excessiva simplificação, pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia – a isso se chama alfabetização, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos, atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita – a isso se chama letramento.

A partir do pensamento de Brydon, Zacchi (2014, p. 139) reapresenta a ideia de que letramento não se limita apenas à habilidade de ler, compreender e escrever, mas é vista também como uma prática social e cultural de construção de sentidos, que opera em muitas esferas. Nesse sentido, a partir das orientações curriculares para o ensino médio, podemos dizer que “o projeto de letramento está intimamente ligado a modos culturais de usar a linguagem” (BRASIL, 2006, p. 98), e que o uso dessa linguagem é realizado a partir de práticas socioculturais contextualizadas, em uma dada comunidade:

No uso da linguagem em “comunidades de prática”, é muito comum que esse uso seja composto por conjuntos complexos de habilidades antes isoladas e chamadas de “leitura”, “escrita”, “fala” e “compreensão oral”. Levando isso em conta, passa-se a preferir o uso do termo letramento para se referir aos usos heterogêneos da linguagem nas quais formas de “leitura” interagem com formas de “escrita” em práticas socioculturais contextualizadas. Isso leva à superação do restrito conceito anterior de “alfabetização”, pautado ainda na concepção da “escrita” como tecnologia descontextualizada e universal produtora das supostas habilidades lingüísticas homogêneas de leitura e escrita. (BRASIL, 2006, p. 106)

Reiterando a ideia de que os letramentos são heterogêneos, logo, são diferentes, a depender dos diferentes contextos socioculturais ao qual se apresente, podemos, então, reforçar que os letramentos:

são práticas sociais e culturais que têm sentidos específicos e finalidades específicas dentro de um grupo social, ajudam a manter a coesão e a identidade do grupo, são aprendidas em eventos coletivos de uso da leitura e da escrita, e por isso são diferentes em diferentes contextos sócio-culturais (BUZATO, 2006 apud GIMENEZ et al., 2014)

Reiterando os conceitos que aqui foram explanados, podemos notar que há uma diferença entre ser alfabetizado e ser letrado. Enquanto o alfabetizado é o indivíduo que sabe ler e escrever, o letrado é aquele que além de saber desenvolver tais competências, vive na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ou seja, faz uso dessas habilidades nas práticas sociais de leitura e escrita. Sendo assim, o indivíduo alfabetizado que passa a fazer

uso da leitura e escrita, além de envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita, passa a ser letrado, ainda que em diferentes níveis de letramento.

O indivíduo que adquire uma tecnologia e assume como sua propriedade tem possibilidade de realizar práticas de letramentos, ainda que essas práticas possam ser realizadas em níveis de letramento diferentes, já que cada prática requer um grau de letramento, do simples ao mais complexo. Como também o fato dele ser considerado letrado não quer dizer que seja em todos os contextos, pois, ele pode saber realizar práticas de letramento em um contexto, e não saber realizar outro tipo de prática de letramento em outro contexto.

1.2 Alfabetização digital

1.2.1 Conceito

A alfabetização está embutida no conceito de letramento. Se seguirmos a linha de pensamento em que o letramento consiste na apropriação da leitura e escrita em prol das práticas sociais, logo, o indivíduo precisa saber ler e escrever para conseguir apropriar-se de tais habilidades. No entanto, é possível que um indivíduo realize uma prática de letramento mesmo que não seja alfabetizado. Tudo vai depender do grau de letramento, já que diferentes práticas de letramentos requerem diferentes níveis de alfabetização, bem como tal conhecimento pode não ser determinante para a realização de determinada prática. Desse modo, uma prática de letramento de grau simples pode requerer um conhecimento básico de alfabetização, uma prática de letramento de grau complexo pode requerer um conhecimento elevado de alfabetização, como também uma prática de letramento pode não pedir, necessariamente, um conhecimento de alfabetização para a realização dela, como exemplo, um compositor analfabeto que compõe uma música.

Sabemos que o letramento digital consiste basicamente na apropriação da tecnologia em prol das práticas sociais que a cultura digital demanda. Mas como apropriar-se da tecnologia se nem sequer sabe manuseá-la? É nesse contexto que entra a questão da alfabetização digital, aqui vista como o saber utilizar o computador, bem como outras ferramentas tecnológicas, além de seus programas, aplicativos e internet, para incluir-se digitalmente na *cibercultura*³. Nesse sentido, acreditamos que o indivíduo precisa ter um conhecimento mínimo, ou seja, um grau mínimo de alfabetização digital da ferramenta tecnológica necessária, para a prática de letramento digital que pretende realizar em um dado contexto. Um indivíduo pode realizar uma prática de letramento através de um vídeo, por exemplo, e para isso pode precisar saber apenas apertar o *play*, para gravar o vídeo, e apertar o *stop*, para finalizar o vídeo. Porém, mesmo sendo um conhecimento técnico “simples”, não deixa de ser um conhecimento de alfabetização digital, já que tem a ver com o manuseio da ferramenta tecnológica, ainda que em um grau mínimo de alfabetização digital.

Ele não precisa ser, necessariamente, um alfabetizado digital, no sentido que não precisa saber manusear todas as ferramentas tecnológicas, isso porque ele pode ser letrado digital em um contexto e não ser letrado digital em outro contexto, sendo assim, pode saber manusear uma ferramenta e não saber manusear outra ferramenta diferente. No entanto, como estamos tratando de tecnologia, ao menos um conhecimento mínimo de manuseio da ferramenta é necessário, para realizar uma prática de letramento com tal tecnologia. Então, a questão determinante não é ser ou não alfabetizado digital, mas vai depender do nível de alfabetização exigido pelo grau de letramento de determinada prática.

³ A *cibercultura* é um termo utilizado na definição dos agenciamentos sociais das comunidades no espaço eletrônico virtual. Estas comunidades estão ampliando e popularizando a utilização da Internet e outras tecnologias de comunicação, possibilitando assim maior aproximação entre as pessoas de todo o mundo. Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/cibercultura/>

Segundo Magda Soares (2003), a entrada no mundo da escrita passa, basicamente, por duas vias: uma que se dá a partir de seus usos, e outra que ocorre pelo aprendizado de uma técnica. A alfabetização seria, então, o aprendizado de uma “técnica”, e o indivíduo alfabetizado seria aquele que aprendeu a técnica de ler e escrever, independentemente, do nível de alfabetização em que se encontra:

chamo a escrita de técnica, pois aprender a ler e a escrever envolve relacionar sons com letras, fonemas com grafemas, para codificar ou para decodificar. Envolve, também, aprender a segurar um lápis, aprender que se escreve de cima para baixo e da esquerda para a direita; enfim, envolve uma série de aspectos que chamo de técnicos. Essa é, então, uma porta de entrada indispensável. (SOARES, 2003, p.15)

No entanto, para que o indivíduo participe do exercício efetivo das práticas sociais que envolvem a cultura escrita, ter o conhecimento técnico não é suficiente, além dessa habilidade é importante que tenha noção dos conhecimentos e valores da cultura no qual está inserido, ou seja, saber fazer uso dessa técnica nos contextos sociocomunicativos. Sendo assim, acreditamos que a alfabetização digital seria a técnica que permite acessar e manusear a tecnologia, e o letramento digital seria o uso das tecnologias nas práticas sociais da *cibercultura*.

Já o indivíduo que não alcançou a técnica de acesso e manuseio da máquina seria considerado analfabeto digital, como afirma Frade:

o termo *analfabetismo digital* poderia ser utilizado para já alfabetizados que não alcançaram o domínio dos códigos que permitem acessar a máquina, manuseá-la e que, portanto, não podem utilizar seus comandos para práticas efetivas de digitação de texto, leitura e produção de mensagens para efeitos de interação à distância ou para uma leitura de informação ou mesmo de leitura e escrita de outras linguagens. (FRADE, 2011, p. 74)

Nesse contexto, podemos considerar como alfabetizado digital o indivíduo que possui certo conhecimento da mecânica do *hardware* e/ou *software*, ou seja, aquele que possui

conhecimento das técnicas necessárias para utilização das ferramentas tecnológicas, bem como das tecnologias da informação e comunicação, que pode ser um computador, *tablet*, *notebook*, *smartphone*, programas, aplicativos, saber acessar e utilizar a internet etc.

Em relação ao questionamento de como a alfabetização digital pode influenciar no desenvolvimento do letramento digital, acreditamos que ser alfabetizado digital não é determinante para que um indivíduo possa realizar uma prática de letramento, porém, é necessário que ele tenha um grau de alfabetização digital mínimo, no manuseio da ferramenta que necessita, para realizar a prática de letramento, no sentido que ele precisa saber manusear, minimamente, a ferramenta para que possa fazer uso dela. Além disso, pensamos que o conhecimento de alfabetização tem influência direta no nível e/ou grau de letramento, porque se pressupõe que se um indivíduo tem maior domínio quanto ao manuseio de uma determinada tecnologia, logo, ele poderá ter mais possibilidades de práticas de letramento.

1.2.2 Habilidades necessárias para ser considerado alfabetizado digital e Níveis de alfabetização digital

Será que para ser considerado alfabetizado digital o indivíduo precisa saber manusear todos os *hardwares* e *softwares*? Seria possível? Acreditamos que a questão não está em conhecer e saber utilizar tudo, mas em saber utilizar as tecnologias necessárias para o contexto (trabalho, acadêmico, pessoal), e necessidades de cada sujeito. Também acreditamos que é impossível saber manusear todos os *hardwares* e *softwares*. Primeiro, pela grande quantidade já existente no mundo virtual. Segundo, porque a criação deles segue uma cadeia contínua e infinita, ou seja, sempre teremos novas máquinas, novos programas e novos aplicativos. E terceiro, porque muitos dos *hardwares* e *softwares* possuem um nível de

complexidade bastante elevado, e são pensados e criados para contextos específicos, contextos estes que não teriam valor ou serventia para um indivíduo comum, por exemplo.

A possibilidade de pontuar uma lista de habilidades básicas e/ou mínimas, para que um indivíduo seja considerado alfabetizado digital, requer muito cuidado e cautela. É uma situação delicada, pois, pode ser que nem todas as habilidades apontadas como básicas sejam necessárias para o uso, em um determinado contexto específico do indivíduo. Assim como o seu contexto poderia pedir alguma habilidade que não estivesse na lista de habilidades básicas. Sendo assim, talvez restringir o alfabetizado digital não seja a melhor opção.

Nesse sentido, defendemos a ideia de que as habilidades necessárias para que um indivíduo seja considerado alfabetizado digital são as habilidades que ele precise no seu contexto específico. Ou seja, se ele sabe acessar e manusear os *hardwares* e *softwares* necessários para realizar uma ação no seu contexto (trabalho, acadêmico, pessoal), ele pode ser considerado alfabetizado digital.

No que diz respeito aos níveis de alfabetização digital, podemos classificar o indivíduo em três níveis: analfabeto digital, semianalfabeto digital e alfabetizado digital, como mostra o seguinte quadro:

Quadro 1: Classificação dos níveis de alfabetização digital

| NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO DIGITAL | |
|---------------------------------|--|
| | Pré-requisito |
| Analfabeto digital | Não conhece as técnicas básicas de acesso e manuseio das tecnologias digitais. |
| Semianalfabeto digital | Conhece as técnicas de modo limitado por estar no processo de aprendizagem. |

Alfabetizado digital

Conhece as técnicas de acesso e manuseio das tecnologias digitais de que faz uso, independentemente do nível de complexidade.

O caso do analfabeto digital seria o indivíduo que não alcançou um conhecimento básico técnico das tecnologias digitais. O semianalfabeto seria aquele que tem um conhecimento técnico, ainda que, bastante limitado, mas que está em processo de aprendizagem. E o alfabetizado digital seria o indivíduo que possui o conhecimento técnico necessário, para o uso das tecnologias que necessita no seu contexto específico, podendo ser um conhecimento técnico básico, intermediário ou avançado, a depender do nível de complexidade que seu contexto específico requer.

Desse modo, se tomamos como exemplo a necessidade do uso de um *smartphone* em um dado contexto específico, o analfabeto digital seria aquele que não sabe manuseá-lo, o semianalfabeto digital seria aquele que sabe manusear e acessar algumas de suas funções de maneira limitada, e o alfabetizado digital seria o indivíduo que sabe manusear e acessar todas as funções que seu contexto pede e/ou necessita.

1.2.3 Ferramentas tecnológicas e Tecnologias da informação e comunicação

Entende-se que existe uma diferença entre ferramentas tecnológicas e tecnologias da informação e comunicação. O primeiro termo se refere ao *hardware*, ou seja, a parte física. Já o segundo termo se refere ao *software*, que seria a parte lógica. Ambos se completam, mas o *software* é que transforma a máquina em algo útil para o ser humano.

As ferramentas tecnológicas seriam os computadores, *notebooks*, *netbooks*, *tablets*, celulares, *smartphones*, datashow, câmeras digitais, entre outros *hardwares*. Em

contrapartida, as tecnologias da informação e comunicação seriam os programas, aplicativos e todos os *softwares* contidos na internet.

Para possibilitar e/ou facilitar o processo de alfabetização digital, é importante que o indivíduo tenha acesso a: internet, algumas ferramentas tecnológicas, e alguns de seus programas e aplicativos, para que assim possa adquirir a técnica de acesso e manuseio deles.

1.2.4 Relatos da experiência com os informantes desta pesquisa: algumas limitações na alfabetização digital

A experiência com o grupo focal ocorreu a partir do trabalho com o *blog* intitulado *Nos Gusta Español*. Dentre as atividades realizadas nesse espaço, pude notar algumas limitações e/ou dificuldades de alguns alunos, limitações estas que influenciaram, diretamente, no andamento das atividades, de modo negativo, já que eles não conseguiram cumprir com o solicitado. Passo agora a explicitar alguns casos:

O primeiro caso aconteceu na categoria *Temas para Discusiones*. Sugeri como tema gerador de discussão “La influencia de las redes sociales”, e a partir dele, elaborei alguns questionamentos. Os alunos tinham como tarefa acessar esse espaço e responder as perguntas referentes ao tema, utilizando a língua espanhola. Para deixar o comentário, o aluno precisava informar seu e-mail, e, em seguida, a caixa de texto era liberada automaticamente. Acontece que um dos alunos, por dificuldades, não conseguiu deixar seu comentário no espaço destinado, então, enviou para meu e-mail particular suas respostas. Como a proposta era que todos postassem seus comentários no espaço onde o tema de discussão foi postado, receber o comentário desse aluno em *off* era o mesmo que recebê-lo fora do contexto. Então, solicitei que ele tentasse postar no *blog* novamente. Diante da falta de sucesso na segunda tentativa, eu mesma realizei a postagem dos comentários do aluno, só que utilizando o meu *e-mail*, e como aparecia o meu nome, tive o cuidado de colocar o nome do aluno no fim da postagem. Não

mantive seu nome no exemplo a seguir para preservar sua identidade, podemos visualizar esse caso na figura abaixo:

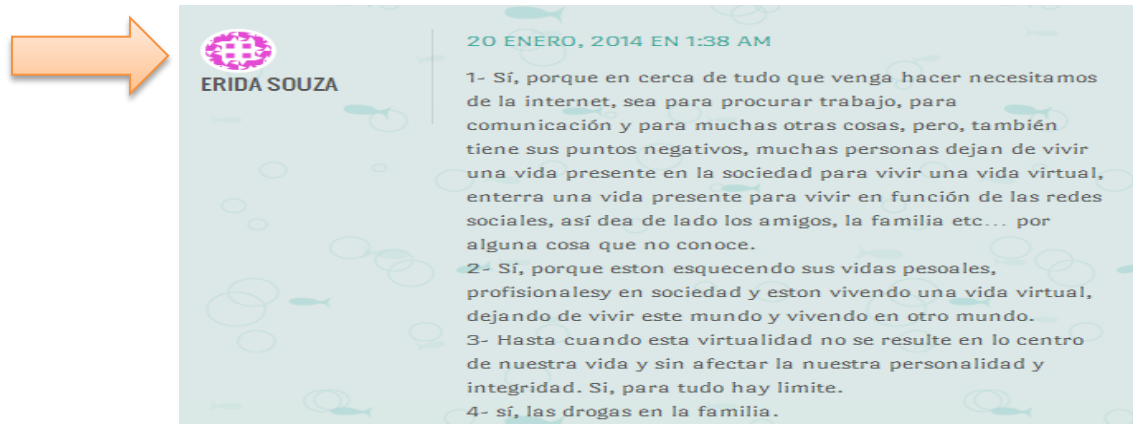


Figura 6: Caso de limitação na alfabetização digital 1

Fonte: <https://eridasouza2.wordpress.com/2014/01/14/la-influencia-de-las-redes-sociales/#comments>

Eu precisei postar os comentários desse aluno utilizando minha conta duas vezes, referente às duas atividades de discussão, e nas seguintes, felizmente, ele conseguiu postar seus comentários no espaço destinado, utilizando sua conta. O que é um bom sinal, porque ele precisou interagir com o *blog* e realizar essas tarefas, para aprender essa habilidade básica.

O segundo caso ocorreu nas categorias intituladas “Língua Espanhola II” e “Teoria e Prática de Língua Espanhola II”. Nessas categorias, foram realizadas atividades sobre os conteúdos tratados em sala de aula, e para a elaboração das atividades digitais, utilizei a plataforma *Elo*. Uma das tarefas foi sobre o tema advérbios; disponibilizei um vídeo do grupo Jota Quest, com a música “A tu lado”, versão em espanhol. A tarefa consistia em completar os espaços em branco da letra da música, com os advérbios que faltavam, mediante o aluno escutasse no áudio do vídeo. Como podem notar, no decorrer da letra, há vários espaços em branco que deveriam ser completados. Como ilustra a figura a seguir:

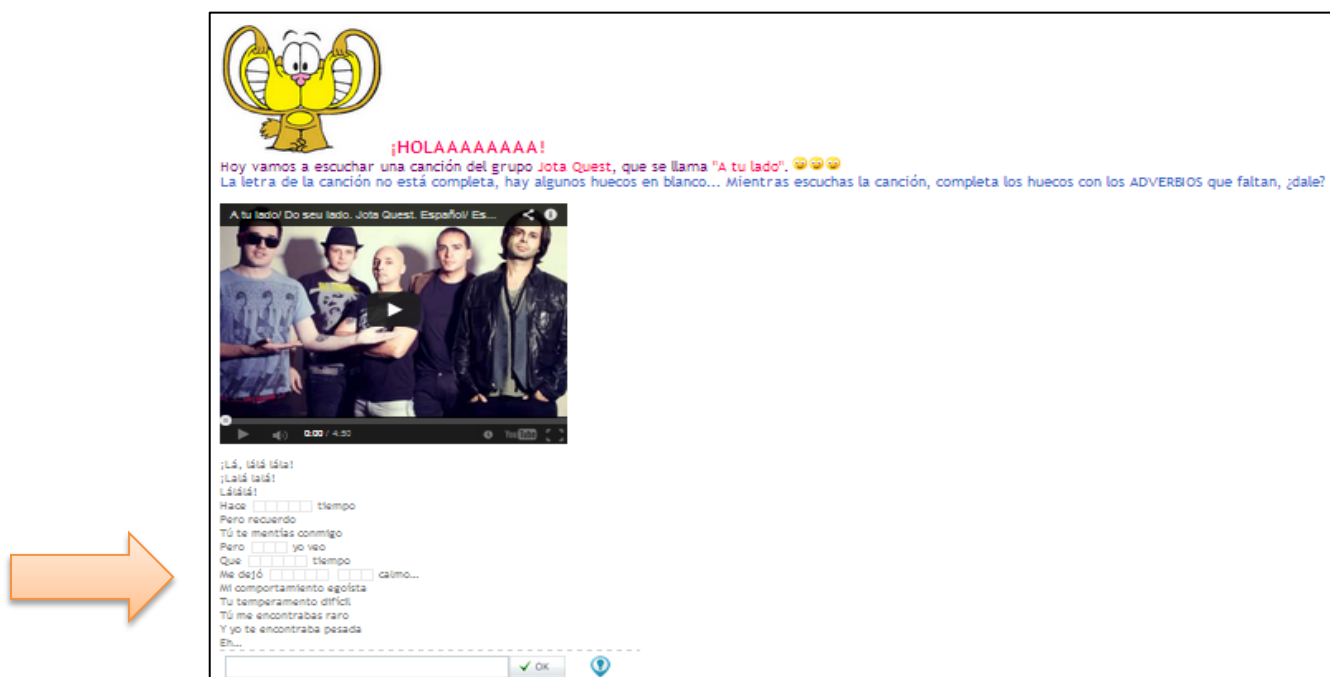


Figura 7: Caso de limitação na alfabetização digital 2

Fonte: http://elo.pro.br/cloud/aluno/atividade.php?id=303&limpa_score=1

Acontece que alguns alunos, ao invés de completarem a letra da música, nos espaços em branco destinados para tal fim, colocaram as respostas na caixa de comentários, que era destinada para a identificação do aluno, e para algum comentário opcional do que achou da tarefa. Podemos visualizar o caso na figura abaixo:

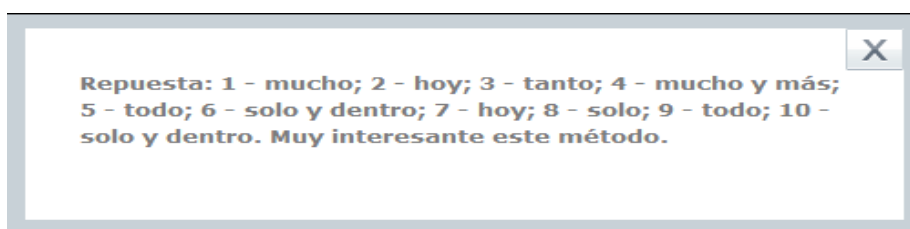


Figura 8: Caso de limitação na alfabetização digital 3

Fonte: <http://elo.pro.br/cloud/professor>

Qual problema gerou? Acontece que o próprio site *Elo* contabiliza a porcentagem de acertos do aluno, bem como o tempo utilizado por ele para realização da tarefa. Ou seja, o

professor tem uma área denominada “relatórios”, onde tem acesso à nota que cada aluno conseguiu na tarefa. E no caso dos alunos que responderam na caixa de comentários, o site não pôde contabilizar sua pontuação.

Outro problema ainda nessa mesma atividade partiu de alguns alunos, que até responderam no espaço correto, mas não informaram seu nome e disciplina na caixa de comentários. Então, ficaram sem identificação. Ainda foi possível identificar alguns, porque o *e-mail* informado correspondia exatamente ao seu nome, mas não foi possível identificar os outros. Resultado: como foi a primeira atividade realizada na plataforma *Elo*, e houveram muitos problemas, achei melhor anulá-la como pontuação e deixá-la apenas como atividade experimental.

O terceiro e último caso ocorreu na categoria *Quién somos nosotros*. Como esse espaço ficou destinado para a apresentação dos alunos, solicitei que cada um criasse seu avatar e gravasse uma breve apresentação em espanhol, através de *podcast*, para inserir o áudio no avatar. Disponibilizei o tutorial com o passo a passo para elaboração da tarefa, mas a dificuldade foi unânime, praticamente, todos os alunos tiveram limitações na realização da atividade. Após algumas tentativas fracassadas, alguns até desistiram. Diante da dificuldade geral, marquei uma aula no laboratório de informática da instituição de ensino, no entanto, não teve muito sucesso porque nem todos os computadores tinham o navegador que abria o site instalado. No final, pude visualizar avatares bastante criativos de alguns alunos, apesar de ter sido uma atividade estressante, justamente pelo grau de dificuldade que sentiram. A figura a seguir ilustra a atividade desenvolvida:



Figura 9: Exemplo de avatar produzido por aluno 2

Fonte: <http://www.voki.com/pickup.php?scid=9074588&height=267&width=200>

A partir dos casos compartilhados, podemos notar que alguns alunos apresentaram limitações e dificuldades, no que diz respeito à algumas habilidades “básicas” de alfabetização digital. A princípio, pensei que essas habilidades realmente eram “básicas”, e que, por essa razão, todos deveriam saber. Porém, depois que realizei a entrevista com cinco alunas, perguntei se já haviam tido contato com outro *blog* antes, e apenas uma respondeu que sim, as demais nunca, como afirma a informante 3 (*vide* apêndice 5): “Não, nunca”, e a informante 5 (*vide* apêndice 7): “Não, foi a primeira vez”. Do mesmo modo que o *blog* foi uma experiência nova para elas, acredito que foi para boa parte dos demais alunos, o que justifica a dificuldade e limitação inicial que tiveram. Para reforçar essa questão, perguntei também se sentiram dificuldades na realização de alguma atividade do *blog*, três das informantes responderam que não, sendo que a informante 2 alegou ter conseguido realizar todas as atividades; e as informantes 3 e 4 alegaram ter tido dificuldades apenas na elaboração do avatar. Já as informantes 1 e 5 alegaram que sentiram dificuldade no início, mas que depois aprenderam e conseguiram realizar as atividades propostas no *blog*, como afirmou a informante 1 (*vide* apêndice 3):

Então, a minha dificuldade acredito que seja a dificuldade de qualquer usuário de primeira viagem, na primeira, como eu havia dito, eu fiquei analisando primeiro, eu parei mesmo e fiquei analisando, nessa parte da análise aí eu disse: não, agora eu vou fazer aqui, aperto aqui, depois vou pra cá. Na segunda fiz bem rápido, foi bem rápido mesmo.

Já a informante 5 (*vide* apêndice 7) respondeu: “Foi, porque eu nunca tinha tido acesso a nenhum tipo de blog, aí ficou meio difícil”. “Nas primeiras, porque eu não sabia muito bem como utilizar, aí precisei de ajuda, mas depois já sabia como chegar, o que fazer, aí ficou mais fácil”.

Diante desse contexto, ficou claro que essas alunas sentiram dificuldades iniciais, por se tratar de ferramentas novas, mas depois de conhecerem e aprenderem a manusear conseguiram seguir com uma boa interação/interface. Do mesmo modo, pode ter acontecido com os demais que também sentiram dificuldades. Sendo assim, é delicado dizer o que seria um conhecimento “básico”, ou não de alfabetização digital, porque mesmo que uma ferramenta tecnológica seja simples, pode ser que ela não esteja inserida no contexto e/ou uso do indivíduo, logo, não seria justo afirmar que ele não seria alfabetizado digital, por não saber manusear tal ferramenta. Nesse sentido, acreditamos que o semianalfabeto digital seria o indivíduo que está no processo de aprendizagem do manuseio da ferramenta tecnológica, inicialmente, de modo limitado, por se tratar do/s primeiro/s contato/s; mas que ao aprender as técnicas e manuseio da tecnologia digital de que agora faz uso, passa a ser considerado alfabetizado digital, nesse contexto específico. A condição de semianalfabeto digital seria, então, como se fosse o processo de transição para alcançar a alfabetização digital. Desse modo, os alunos que sentiram dificuldade inicial com o *blog* ou outra ferramenta tecnológica trabalhada poderiam ser classificados como semianalfabetos digitais, durante o período em que estavam no processo de aprendizagem do manuseio da/s nova/s ferramenta/s; e a partir do momento que conheceram e aprenderam a manusear a ferramenta, de maneira que

conseguiram realizar as atividades seguintes, tranquilamente, passaram a ser alfabetizados digitais na ferramenta tecnológica específica.

Esses casos me levaram a refletir que antes de trabalhar com qualquer tipo de tecnologia digital, é imprescindível que o professor realize uma avaliação inicial, a fim de averiguar até que ponto os alunos conhecem e/ou sabem manusear a ferramenta com a qual pretende trabalhar, pois, o resultado dessa avaliação pode orientá-lo e levá-lo a refletir por onde ele deve começar, o nível de dificuldade que pode explorar, e se a atividade pode ser realizada pelos alunos, de modo autônomo, ou requer uma orientação presencial.

1.3 Letramento digital

1.3.1 Revendo conceito(s)

A partir dos conceitos vistos até então, de modo geral, podemos dizer que o letramento digital implica na apropriação da tecnologia em prol das práticas socioculturais de leitura, escrita, e outros meios de interação que circulam no meio digital. A verdade é que encontramos um leque de conceitos sobre o que seria o letramento digital, partindo de diferentes perspectivas e vozes de diversos autores. Sendo assim, a definição desse termo ainda se encontra muito em aberto, dando espaço para lacunas, que tentaremos discutir a seguir.

Segundo Soares (2002, p. 151) letramento digital se refere a um “estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela”, diferenciando-se do que se convencionava chamar de letramento puro e simples.

Mas será que o letramento digital implica apenas as práticas de leitura e escrita? Será que esse novo letramento seria apenas uma transposição da cultura do papel para a cultura digital? Acreditamos que não, podemos tomar como base o letramento tradicional, até porque

também realizamos práticas de leitura e escrita no meio digital. Acontece que essas não são as únicas práticas, o letramento digital vai além, já que o indivíduo lida não somente com o texto verbal escrito, como também, com mídias como o som, imagem, vídeo e animação. Sendo assim, as práticas sociais que partem do mundo cibernético abrangem novas práticas de interação, que vão além da leitura e escrita do texto verbal.

Além disso, podemos ir além ao próprio conceito de letramento, no sentido que não implica somente as práticas de leitura e escrita. Se partirmos da percepção da heterogeneidade da linguagem e da cultura, nos depararemos com os multiletramentos, cada um com seus complexos usos da linguagem, por suas comunidades de prática. A linguagem e cultura visual, por exemplo, requer um letramento visual; assim como a linguagem e cultura digital, requer um letramento digital. Como tratam as OCEM:

a nova concepção de heterogeneidade da linguagem e da cultura, que promove os conceitos de “letramento” e de “comunidades de prática”, também prevê a heterogeneidade de saberes e conhecimentos diferentes existentes em cada comunidade de prática. Esses saberes e conhecimentos heterogêneos estão presentes nas diversas formas de letramento como práticas socioculturais. Abrir a sala de aula para essas heterogeneidades pode significar transformar o caráter excludente da escola. (BRASIL, 2006, p. 108)

O caráter excludente da escola também precisa ser mudado, no que se refere aos multiletramentos. Não podemos restringir o letramento apenas às práticas de leitura e escrita, assim como não podemos ignorar a existência de outros letramentos, que partem de outras linguagens e culturas. As OCEM (BRASIL, 2006, p. 97-98) apresentam uma proposta de inclusão, que leva em consideração os conceitos de letramentos e multiletramentos para o ensino de Línguas Estrangeiras nas escolas regulares, embora, possa ser, perfeitamente, aplicada para o ensino da Língua Materna também. A proposta rompe as barreiras do letramento focado, unicamente, na cultura da escrita, quando traz as seguintes reflexões:

- 1) há outras formas de produção e circulação da informação e do conhecimento, diferentes das tradicionais aprendidas na escola;
- 2) a multimodalidade requer outras habilidades de leitura, interpretação e comunicação, diferentes das tradicionais ensinadas na escola;
- 3) a necessidade da capacidade crítica se fortalece não apenas como ferramenta de seleção daquilo que é útil e de interesse ao interlocutor, em meio à massa de informação à qual passou a ser exposto, mas também como ferramenta para a interação na sociedade, para a participação na produção da linguagem dessa sociedade e para a construção de sentidos dessa linguagem.

A proposta apresentada nas OCEM tem como objetivo formar aprendizes ativos e autônomos, que não reproduzam conhecimento, somente, mas que também produzam o conhecimento: “essa concepção de letramentos heterogêneos e “comunidades de prática” visa a formar um aprendiz capaz de compartilhar, recriar, recontextualizar e transformar, e não de reproduzir conhecimentos estanques” (BRASIL, 2006, p. 108).

Além disso, essa proposta de letramento também possibilita a integração com o letramento digital, podendo viabilizar o desenvolvimento do senso de cidadania do aprendiz, de maneira que ele questione seu papel, seu lugar na sociedade:

entende-se que “ser cidadão” envolve a compreensão sobre que posição/lugar uma pessoa (o aluno, o cidadão) ocupa na sociedade. Ou seja, de que lugar ele fala na sociedade? Por que essa é a sua posição? Como veio parar ali? Ele quer estar nela? Quer mudá-la? Quer sair dela? Essa posição o inclui ou o exclui de quê? (BRASIL, 2006, p. 91)

Certamente, esses questionamentos requerem uma postura crítica por parte do aprendiz, e a partir do momento que ele constrói essa postura, passa a posicionar o seu “eu”, a sua identidade, nas suas produções e/ou ações; além de dar sentido às suas práticas de letramentos, inclusive, do letramento digital.

Assim como Soares (2012) afirma que o ideal seria alfabetizar letrando, podemos reiterar esse pensamento e tecer a reflexão de que o ideal seria letrar-se, levando em consideração a heterogeneidade existente nos variados tipos de linguagem e cultura, ou seja, não limitar o letramento à cultura da escrita, como também a outros tipos de letramentos que

sejam úteis no contexto específico do aprendiz, seja para seu interesse próprio, ou interação na sociedade.

Claro que cada letramento requer habilidades específicas. Porém, ao invés da instituição de ensino focar apenas no letramento da cultura escrita, poderia também integrar o letramento digital, já que o contexto digital está presente na realidade de muitos aprendizes. Logo, poderia ser relevante a integração dos dois letramentos no contexto educacional. Não convém separar letramento de letramento digital, porque são práticas que se misturam e se complementam.

Nesse sentido, Buzato (2006 apud GIMENEZ et al., 2014) defende que os letramentos propiciados pelo meio digital não devem ser apartados dos demais. A articulação entre diferentes tipos de letramentos é condição para participação efetiva e criativa nas diversas situações e esferas de atividade. Decorrente de uma visão sociológica de mundo, em que incluir é muito mais do que somente dar acesso, o autor define letramentos digitais como “redes complexas e heterogêneas que conectam letramentos (práticas sociais), textos, sujeitos, meios e habilidades que se agenciam, entrelaçam, contestam e modificam mútua e continuamente, por meio, virtude ou influência das TIC⁴” (BUZATO, 2009 apud GIMENEZ et al., 2014).

Ribeiro (2006 apud ARAÚJO et al., 2009) simplifica o processo e define o letramento digital como o domínio de textos feitos para a tela do computador, deixando implícito que quem consegue digitar ou ler um texto produzido num processador de texto, como o *Word*, é letrado digital.

Não seria isso alfabetização digital? Será que a habilidade de ler e/ou digitar no *Word*, ou qualquer outro processador, faz do indivíduo um letrado digital? O fato de o indivíduo compreender ou saber produzir um texto na tela, não quer dizer que ele esteja realizando uma

⁴ Tecnologias da Informação e Comunicação.

prática social. Essas seriam habilidades técnicas no que tange à alfabetização digital. Nesse caso, para ser considerado letrado digital, o indivíduo além de ter certo domínio técnico da ferramenta, teria que saber fazer uso desse conhecimento, de modo que construísse sentido nas práticas sociais, que demandam o meio digital.

Buzato (2003 apud ARAÚJO et al., 2009) trata que o fenômeno do letramento digital designa todo conhecimento necessário para práticas mediadas pelos equipamentos eletrônicos do mundo contemporâneo, que são as habilidades de construir sentido a partir de textos multissemióticos, de localizar, filtrar e avaliar informação, e o conhecimento das “normas” que regem a Comunicação Mediada por Computador.

A lacuna deixada por esse conceito se resume a uma pergunta: para qual finalidade? Ter para si todo conhecimento necessário para práticas mediadas pelos equipamentos eletrônicos do mundo contemporâneo, para que? Quais seriam essas práticas? O ideal seria explicitar que todo esse conhecimento tem por finalidade possibilitar as práticas sociais no mundo *cibernético*.

Segundo Lankshear e Knobel (2008 apud Nascimento, 2014, p. 59-60) há várias definições para o termo letramento digital, que se distanciam de modo significativo, dentre elas duas que se destacam; sendo a primeira o entendimento do letramento como um envolvimento do domínio de ideias, que insiste em uma cuidadosa avaliação de informação, e de inteligente análise e síntese; e a segunda o entendimento de que o indivíduo é letrado digitalmente caso ele possua as habilidades e técnicas específicas necessárias para o trabalho em ambiente digital. Os autores criticam essa segunda visão, pois acreditam que o conceito de letramentos digitais vai além do uso técnico de ferramentas tecnológicas, sendo então, as práticas contextualizadas que levam em consideração os aspectos cognitivos e sócio emocionais envolvidos nas práticas nos ambientes digitais.

Xavier (2005) toca em um ponto bastante interessante, que no meio digital, o sujeito passa a assumir um novo comportamento leitor e escritor (Lerner, 2002), a partir dos hipertextos presentes na *cibercultura*. Assim, ele precisa saber desenvolver novas práticas de leitura do novo tipo de texto, bem como saber desenvolver novas práticas de escrita que se adequem ao novo suporte e perfil de leitor:

O Letramento digital implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (XAVIER, 2005, p. 2)

Além das imagens e desenhos, o indivíduo letrado digital passa a produzir outras mídias, como por exemplo: vídeo, áudio, animação; elementos estes que transformam o texto em um hipertexto digital⁵, em uma hipermídia⁶. Sendo assim, o letrado digital além de assumir o papel de receptor dessas mídias (leitor), passa a assumir também o papel de produtor delas (escritor). Em suma, podemos dizer que ser letrado digital:

É saber pesquisar, selecionar, utilizar as diversas ferramentas disponíveis para cumprir propósitos variados, é se relacionar com seus pares, aprender constantemente, construir, transformar, reconstruir, exercer autoria, compartilhar conhecimento etc., sempre utilizando os recursos da Web, quer para sua vida pessoal ou profissional. (SILVA, 2012, p. 4)

Os letramentos digitais estão relacionados às práticas socioculturais em comunidades de práticas no mundo digital, nesse contexto:

⁵ Hipertexto digital é o termo que remete a um texto, ao qual se agregam outros conjuntos de informação na forma de blocos de textos, palavras, imagens ou sons, cujo acesso se dá através de referências específicas, no meio digital são denominadas hiperlinks, ou simplesmente links.
Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto>

⁶ Hipermídia é a reunião de várias mídias num suporte computacional, suportado por sistemas eletrônicos de comunicação. Une os conceitos de não linearidade, hipertexto, interface e multimídia numa só linguagem.
Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hiperm%C3%ADdia>

envolvem a participação colaborativa de atores sociais localizados socio-histórico-culturalmente na construção conjunta de significados, mediada por instrumentos multisemióticos (textos, imagens, vídeos, sons etc.), em comunidades de práticas (Wenger, 1998) no mundo digital. A tela do computador deixa de ser somente um local onde se busca informação e passa a ser principalmente um lugar de construção, de disputa, de contestação de significados. Ou seja, passa a ser um espaço de encontros múltiplos com outros atores sociais, aumentando e transformando nossos repertórios de sentidos infinitamente (MOITA LOPES, 2010 apud GIMENEZ et al., 2014).

Quando dizemos “letramentos digitais”, ao invés de “letramento digital”, é pelo fato de que não existe um letramento único, pois, diferentes ferramentas tecnológicas e diferentes contextos terão como consequência diferentes letramentos. Desse modo, um indivíduo pode ser letrado digital em um dado contexto tecnológico, ao mesmo tempo em que pode não ser letrado digital em outro contexto. Sendo assim:

engajar-se em práticas situadas nas quais o sentido se constrói a partir da construção de relações é engajar-se em práticas de letramento, ou melhor, letramentos, já que somos todos aprendizes de mais de um. Entender esse ponto é compreender a importância de se perceber que ‘letramento digital’ também deve ser visto como letramentos digitais. Por essa razão, quando tomamos um conceito extensivo de ‘letramento digital’, [...] podemos ver que ‘a habilidade de entender e usar a informação em múltiplos formatos de uma gama de fontes quando apresentada via computadores’ tomará diversas formas de acordo com as muitas e variadas práticas sociais a partir das quais diferentes indivíduos são capazes de entender e usar as informações e comunicações (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008 apud NASCIMENTO, 2014, p. 60).

1.3.2 Matriz de letramento digital

Aqui, apresentaremos uma matriz de letramento digital elaborada por Dias e Novais (2009); os autores apresentam as habilidades que lhes parecem necessárias para possibilitar as práticas de leitura e escrita em ambientes digitais. A questão dessa matriz é que nem todas as habilidades apresentadas estão relacionadas diretamente ao letramento digital, propriamente dito, muitas são habilidades que tocam à alfabetização digital, de modo que há uma mescla de competências relacionadas à alfabetização e ao letramento. Talvez, essa confusão tenha acontecido justamente pelo conceito de letramento digital ser tratado partindo de diferentes

perspectivas, muitas delas, inclusive, que apresentam habilidades de alfabetização como se fosse de letramento. Nesse sentido, são lacunas que podem ter influenciado na elaboração da matriz. Passamos então a apresentar a matriz, e discutir alguns pontos.

As habilidades mostradas na matriz são medidas através de matrizes que possuem descritores. Podemos dizer que tais descritores, como o próprio nome sugere, constituem “descrições” de habilidades que o indivíduo deve demonstrar em relação ao tópico em questão. São elaborados a partir da associação entre os conteúdos curriculares e operações mentais efetuadas, traduzidas nas habilidades expressas. Segundo Dias e Novais (2009), os seguintes descritores conseguem contemplar as principais habilidades que o usuário deve construir para desenvolver os seus diversos letramentos digitais. Assim, para que o usuário adquira a competência, é necessário que ele saiba: utilizar diferentes interfaces, buscar e organizar informações em ambiente digital, ler hipertexto digital, e produzir textos (orais ou escritos) para ambientes digitais.

No que se refere à ação de **utilizar diferentes interfaces**, é importante que o usuário desenvolva habilidades para lidar com qualquer interface de maneira autônoma, partindo da compreensão do sistema de signos de cada um, uma vez que cada programa de computador possui sua interface própria.

| 1.1 Utilizar diferentes interfaces | | | |
|------------------------------------|------------------|--|---|
| Grupo | Código Descritor | Nome Descritor | Detalhamento |
| Contato | 1CT1 | Reconhecer a área de trabalho do computador | Reconhecer a tela inicial a partir da barra de ferramentas, relógio, botão de Iniciar, ícones. |
| | 1CT2 | Reconhecer os programas básicos (editor de texto, cliente de e-mail, navegador da internet). | Reconhecer os programas a partir de seu nome, da imagem que o representa na interface, da forma da janela que o suporta. |
| | 1CT3 | Reconhecer o mouse, o teclado e outros elementos de interação entre usuário e computador | Reconhecer os elementos de interação e perceber quais são os seus comandos principais como o movimento do mouse, acionamento de seus botões (direito ou esquerdo) |
| | 1CT4 | Identificar (a partir de ícones e da extensão) o programa gerador do arquivo. | Habilidade importante para localizar arquivos, diferenciar documentos e programas, reconhecer possíveis arquivos infectados anexados a e-mails. |
| | 1CT5 | Reconhecer a barra de status dos diferentes programas | Reconhecer os elementos que compõe a barra de status nos diferentes programas. Nos editores de texto, identificar numeração de página, função de sobrescrever, etc. Nos navegadores web, reconhecer endereços de links ao se apontar o ponteiro do mouse sobre os mesmos. |
| Compreensão | 1CO1 | Inferir os botões e comandos padronizados pela interface. | Inferir sobre a função dos botões a partir de sua qualidade gráfica, da sua relação com o significado, e da sua padronização em relação a grupos de botões com funções semelhantes. Construir inferências também a partir da localização dos botões na tela e da proximidade com outros comandos. |
| | 1CO2 | Perceber os processos pontuais realizados pelo computador a partir de um comando dado | Identificar quando o computador está processando um comando, quando está trabalhando em segundo plano e quando está travado, a partir de observação das alterações no formato do ponteiro do mouse e nas barras de progresso visíveis na tela. |
| | 1CO3 | Compreender processos "em lote" realizados pelo computador | Identificar e diferenciar processos de instalação de programa, download de arquivo e descompactação de arquivos. |
| Análise | 1AN1 | Analisar a estrutura dos menus e localizar um comando. | Identificar e relacionar a organização dos menus e inferir a localização de um comando a partir dessa organização. |
| | 1AN2 | Contrastar diferentes interfaces identificando padronizações de comando semelhantes. | Construir generalizações e inferências a partir do conhecimento prévio sobre interfaces diferentes. |
| | 1AN3 | Analisar os processos realizados pelo computador a partir de um comando dado, observando alterações no formato do ponteiro do mouse, nas barras de progresso visíveis na tela e nas mensagens exibidas | Diferenciar instalação de um programa de download de arquivo e de processos de descompactação de arquivos. |
| | 1AN4 | Executar processos "em lote" | Instalar programas, fazer download de arquivos e descompactar arquivos. Muitas vezes, essas ações são necessárias para ler um hipertexto digital a partir de um navegador, principalmente quando é necessária a instalação de um aplicativo auxiliar. Aplicativos auxiliares são programas que auxiliam o seu browser em determinadas tarefas que ele não pode fazer, mas no entanto funcionam independentemente do browser. Ou seja, o aplicativo auxiliar roda fora do browser como um programa independente (Real Media, Winamp, WinZip, etc.) |
| | 1AN5 | Julgar se a ação foi realizada da maneira mais eficaz. | Julgar se a rotina de comandos realizada foi a mais rápida ou se existe uma outra forma menos longa para se realizar a ação. Identificar rotinas repetitivas e buscar meios de agilizar uma ação. |

Figura 10: Seção 1.1 da matriz de letramento digital

Fonte: <http://www.ufpe.br/nehte/hipertexto2009/anais/p-w/por-uma-matriz.pdf>

Como podemos observar, nessa primeira seção, tanto os grupos de contato, compreensão e análise, apresentam habilidades referentes à mecânica da interface, habilidades totalmente técnicas, por essa razão, em consonância com o que foi discutido acima, se referem à alfabetização digital, não ao letramento digital. São habilidades necessárias para o letramento? Sim! Mesmo sendo habilidades de diferentes níveis de complexidade, precisamos

ao menos ter um conhecimento básico técnico, para, a partir daí, saber fazer uso de tais habilidades nas práticas sociais do mundo digital.

Em relação ao ato de **buscar e organizar informações em ambiente digital**, podemos contar com a internet como uma das principais fontes de pesquisa, no entanto, no meio de tanta informação e uma variedade de textos, é imprescindível que o usuário saiba utilizar as fontes que estão diretamente relacionadas à sua pesquisa, bem como, que ele saiba enxugar as informações importantes e necessárias. Nesse sentido, o desenvolvimento de habilidades de navegar, mantendo a noção do caminho percorrido, através da previsão da estrutura do hipertexto, do levantamento de hipóteses sobre o conteúdo dos links, e de outras habilidades de localizar e selecionar informações torna-se imprescindível para que um indivíduo se torne letrado digitalmente (DIAS e NOVAIS, 2009, p.57).

| 1.2 Buscar e organizar informações em ambiente digital | | | |
|--|------------------|--|---|
| Grupo | Código Descritor | Nome Descritor | Detalhamento |
| Contato | 2CT1 | Reconhecer os mecanismos de busca e busca avançada. | Reconhecer e diferenciar ferramentas (na internet ou no computador) de busca de informações e diferenciá-las das demais ferramentas. |
| | 2CT2 | Reconhecer a forma de organização dos arquivos no computador (unidades de disco – móveis e fixas –, pastas e subpastas). | Reconhecer uma linha de comando de localização de arquivo (exemplo: c:\Meus Documentos\Minhas Imagens\foto01.jpg) |
| | 2CT3 | Reconhecer a forma de nomeação de sites e páginas na internet. (www.nomedapagina.dominio.sigladopais/pastas/subpastas). | Reconhecer, na lista de resultados da busca ou em listas de links, os endereços de páginas na internet, a partir dos elementos que compõe este endereço. |
| Compreensão | 2CO1 | Selecionar palavras-chave adequadas. | Habilidade para sintetizar o assunto procurado com palavras-chave relevantes ou termos associados a uma informação (ex: uma imagem, um artigo, um vídeo) que o descreve e permite sua classificação. |
| | 2CO2 | Construir um comando de busca eficaz. | Reconhecer ferramentas de linguagem de programação (áspas, +, e, ou). Reconhecer e utilizar essas ferramentas para refinar a pesquisa em sites de busca. Exemplo: hipertexto e coscarelli |
| | 2CO3 | Construir nomes eficazes para arquivos e pastas. | Nomear os documentos criados no computador e suas pastas, de forma a facilitar sua localização póstuma e a organização dos arquivos no computador. |
| | 2CO4 | Selecionar/criar locais adequados para o armazenamento de arquivos. | Escolher pastas adequadas para documentos e diferenciá-las de outras pastas mais restritas no computador. Criar pastas e subpastas para organizar os documentos e facilitar o acesso a eles. |
| | 2CO5 | Diferenciar endereços de páginas na internet. | Diferenciar endereços de sites hospedados em provedores gratuitos e provedores pagos. Diferenciar endereços de blogs de endereços de sites. |
| Análise | 2AN3 | Relacionar a localização do arquivo ou programa no sistema de pastas a seu conteúdo ou função. | Relacionar o local onde o arquivo foi encontrado a seu possível conteúdo (Exemplo: se o arquivo foi encontrado na pasta Windows ou em alguma subpasta, este é um arquivo de sistema. Se o arquivo foi encontrado na pasta Lixeira, esse arquivo foi apagado mas ainda pode ser recuperado.) |
| | 2AN2 | Avaliar se a informação é pertinente ao objetivo de pesquisa. | Relacionar resultado da busca ao objetivo de pesquisa, decidindo sobre a pertinência da informação encontrada. |
| | 2AN1 | Avaliar a confiabilidade da informação obtida. | Analisar, a partir da associação de diversos fatores (nome do link, tema/tipo de site, conteúdo do texto, comparação com conteúdo de outros sites, aparência - design - do site, conhecimento prévio, entre outros) a confiabilidade das informações contidas na busca. |

Figura 11: Seção 1.2 da matriz de letramento digital

Fonte: <http://www.ufpe.br/nehte/hipertexto2009/anais/p-w/por-uma-matriz.pdf>

Nessa segunda seção, também nos deparamos com muitos pontos que tocam à alfabetização digital, na verdade, a maioria deles! Todas as habilidades apresentadas nos grupos de contato e compreensão, por exemplo, são de alfabetização. Apenas no grupo de análise, nos tópicos 2AN2 e 2AN1, podemos encontrar duas habilidades que vão além do conhecimento técnico, por pedir uma postura crítica do indivíduo. Saber realizar uma pesquisa na internet é uma habilidade básica de alfabetização digital, contudo, saber avaliar se a informação encontrada é pertinente ao objetivo de pesquisa, bem como avaliar sua

confiabilidade, já seria uma competência para um letrado digital, um indivíduo que além de saber utilizar a ferramenta, sabe selecionar, sabe filtrar as informações.

Quanto à habilidade de **ler hipertexto digital**, podemos dizer que devido ao *layout* textual diferenciado que o hipertexto digital apresenta, é necessário que os usuários apresentem habilidades e competências específicas para que compreendam esse tipo de texto. De acordo com Dias e Novais (2009), as habilidades relacionadas a esse descritor contemplam muito mais ações de navegação do que de leitura; como por exemplo, a navegação por meio de *hyperlinks*.

| 1.3 Ler hipertexto digital | | | |
|----------------------------|------------------|--|---|
| Grupo | Código Descritor | Nome Descritor | Detalhamento |
| Contato | 3CT1 | Reconhecer elementos (gráficos e lingüísticos) que sinalizam a presença de um link. | Identificar a presença de um hiperlink a partir dos elementos visuais que o sinalizam |
| | 3CT2 | Reconhecer os diversos gêneros que se organizam em hipertexto digital. | Perceber que o hipertexto digital se apresenta de diversas formas de acordo com a situação comunicativa e o objetivo de seu produtor. |
| | 3CT3 | Reconhecer a barra de status do navegador. | Identificar a barra de status como portador de informações adicionais a respeito do hipertexto no qual navega. |
| | 3CT4 | Reconhecer recursos imagéticos da escrita hipertextual (emoticons, gifs, banners, etc). | Reconhecer recursos imagéticos como componentes do hipertexto |
| | 3CT5 | Reconhecer que o hipertexto digital é composto de diversas mídias, | Reconhecer que o hipertexto digital não é composto somente por texto verbal, mas também por recursos visuais (ponteiro do mouse, animações, imagens, background, vídeos) e sonoros (músicas, mids, animações, vídeos) |
| Compreensão | 3CO1 | Localizar-se nas várias camadas que compõem um hipertexto. | Identificar as várias camadas que compõem a malha hipertextual e situar a localização do nó em que navega em relação ao todo do hipertexto. |
| | 3CO4 | Diferenciar texto autoral dos comentários relacionados a ele. | Diferenciar textos produzidos e disponibilizados na internet de comentários deixados por usuários do site. |
| | 3CO5 | Inferir o conteúdo do link a partir de seu nó. | Utilizar mais de uma estratégia – significado, relação contextual e sinais gráficos – para inferir o conteúdo de um link. |
| | 3CO6 | Descrever hierarquicamente a estrutura hipertextual. | Perceber a macroestrutura apresentada pelo texto, diferenciando as partes principais das secundárias. |
| | 3CO7 | Selecionar conteúdos pertinentes aos objetivos de leitura. | Identificar links e informações que se adequem a um objetivo pré-estabelecido de leitura. |
| Análise | 3AN1 | Relacionar o link ao conteúdo ou endereço ao qual leva. | Estabelecer relações entre o nó de origem e o de destino de um link. |
| | 3AN3 | Relacionar som, imagem, vídeo, animação e linguagem verbal e reconhecer os efeitos de sentido decorrentes de textos multimodais. | Compreender os efeitos de sentido produzidos em um texto a partir das relações entre as diversas mídias que o compõem. |
| | 3AN4 | Avaliar a segurança do endereço ao qual leva o link. | Identificar se o link que deseja seguir não oferece riscos ao seu computador. |
| | 3AN5 | Avaliar a confiabilidade do conteúdo do site. | Reconhecer o site como portador de informações confiáveis a respeito do assunto pesquisado. |

Figura 12: Seção 1.3 da matriz de letramento digital

Fonte: <http://www.ufpe.br/nehte/hipertexto2009/anais/p-w/por-uma-matriz.pdf>

Nessa terceira seção, também observamos várias habilidades referentes à alfabetização digital e letramento digital. No grupo de contato, no tópico 3CT2, encontramos uma habilidade de letramento digital. Reconhecer um gênero digital na tela pode até ser uma habilidade básica de alfabetização, mas reconhecer os diversos gêneros que se organizam em hipertexto digital, e perceber que eles se apresentam de diversas formas, de acordo com a situação comunicativa e o objetivo de seu produtor, é uma habilidade de letramento, porque além de requerer que o indivíduo saiba diferenciar o uso dos diferentes gêneros digitais nas diferentes práticas sociais, também pede uma postura analítica dele, no sentido de saber distinguir as intenções que cada gênero pode apresentar. No grupo de compreensão, o tópico 3CO1, que solicita que o indivíduo saiba identificar as várias camadas que compõem o hipertexto, seria uma habilidade para um letrado digital, bem como o tópico 3CO6, que requer a habilidade de perceber a macroestrutura apresentada pelo hipertexto, diferenciando as partes principais das secundárias; e o tópico 3CO7, que pede a habilidade de saber selecionar conteúdos pertinentes aos objetivos de leitura. E no grupo de análise, os tópicos que identificamos como habilidades de letramento são o 3AN3, que solicita a habilidade de compreender os efeitos de sentido produzidos em um texto multimodal, a partir das relações entre as diversas mídias que o compõem; e o tópico 3AN5, que requer uma postura crítica e seletiva do indivíduo quando solicita que ele saiba avaliar a confiabilidade do conteúdo do site. Ou seja, requer que o indivíduo tenha a competência necessária para realizar uma leitura crítica.

No que diz respeito à **produção de textos (orais ou escritos) para ambientes digitais**, vimos que as habilidades relacionadas à produção digital não se diferem tanto daquelas relacionadas à produção impressa. Desse modo, as habilidades para produção de conteúdo em ambientes digitais também estão mais relacionadas à compreensão das

especificidades, dos limites, e das possibilidades dos meios e suportes materializados pela tecnologia digital. (DIAS e NOVAIS, 2009).

| 1.4 Produzir textos (orais ou escritos) para ambientes digitais | | | |
|--|-------------------------|---|--|
| Grupo | Código Descritor | Nome Descritor | Detalhamento |
| Contato | 3CT1 | Reconhecer programas específicos para produção de texto no meio digital (sejam eles multimodais ou não). | Identificar editores de texto, editores de apresentação, editor de planilhas, editor de websites, gravadores de áudio ou mesmo ferramentas disponíveis na internet. |
| | 3CT2 | Reconhecer elementos disponíveis por diferentes programas para produção de textos. | Reconhecer, no programa utilizado, quais os objetos disponíveis para composição do texto (texto, caixa de texto, imagem importada do computador, banco de imagens, desenho em vetor, formas predefinidas, etc.) |
| Compreensão | 3CO1 | Compreender a forma como cada programa lida com objetos para composição da escrita | Cada programa lida de maneira diferente com textos, imagens, caixas de texto, textos artísticos, desenhos em vetor, etc. É preciso compreender esses diferentes tratamentos para que seja possível utilizar os programas de maneira satisfatória e produzir os textos desejados. |
| | 3CO2 | Organizar hierarquicamente uma estrutura hipertextual coerente ao contexto de produção | Para criar hipertextos digitais utilizando links, é preciso criar uma estrutura organizada e de fácil apreensão pelos leitores. É preciso que a coerência proposta para a estrutura hipertextual possa ser recuperada pelos leitores. |
| | 3CO3 | Criar links adequados ao conteúdo ao qual fazer referência | Independente da forma material do link (verbal ou não-verbal), é preciso que ele sintetize de forma eficiente o conteúdo ao qual se relaciona. |
| | 3CO6 | Conhecer, interpretar e respeitar as normas para publicação, divulgação e reprodução de conteúdo on-line | Ter conhecimento de tais normas auxilia a produção dos textos, a compreensão mais ampla das condições de produção e o aprimoramento dos conhecimentos sobre cultura digital de um modo geral. |
| Análise | 3AN1 | Selecionar suporte e gênero adequados às condições de produção | Identificar o melhor programa para o texto que deseja produzir, com base nos objetivos da escrita, no perfil dos leitores, no conteúdo do texto e no contexto de produção do texto. |
| | 3AN2 | Escolher local adequado para armazenar e/ou publicar os textos produzidos | Escolher, com base no conhecimento prévio e nas condições de produção, o melhor local para armazenar/publicar o texto produzido (pasta no computador, dispositivo flexível de memória, website, blog, etc.) |
| | 3AN3 | Organizar diferentes modalidades signíficas para formar um texto ao mesmo tempo "usável" e legível | Organizar de maneira harmônica texto, imagem, som, vídeo, formas, tamanho, tipo e cor da fonte, diagramação, entre outros elementos gráficos de forma a construir um texto que atenda às mínimas exigências de usabilidade e de legibilidade |
| | 3AN4 | Avaliar a relevância do link criado, de acordo com as condições de produção do texto | Nem todo link criado para um texto tem a relevância adequada para aquele contexto de produção (conteúdo, leitor, suporte, objetivos, etc.). É preciso que o link faça sentido e faça a diferença no texto em questão. |
| | 3AN5 | Avaliar se o conteúdo produzido não fere as normas para publicação, divulgação e reprodução de conteúdo on-line | Produzir um texto que respeite tais normas confere maior legitimidade e confiabilidade ao texto produzido. |

Figura 13: Seção 1.4 da matriz de letramento digital

Fonte: <http://www.ufpe.br/nehte/hipertexto2009/anais/p-w/por-uma-matriz.pdf>

Finalmente, na quarta e última seção, o grupo de contato apresenta habilidades meramente de alfabetização. Já no grupo de compreensão, destacamos como habilidades de

letramento o tópico 3CO2, que requer que o indivíduo saiba organizar, hierarquicamente, uma estrutura hipertextual coerente com o contexto de produção; e o tópico 3CO6, que pede que o indivíduo saiba conhecer, interpretar e respeitar as normas para publicação, divulgação e reprodução de conteúdo online. Por fim, no grupo de análise, reconhecemos que todas as habilidades apresentadas requerem uma postura que vai além do conhecimento técnico, podendo estar relacionadas ao letramento digital.

Diante da análise da matriz, podemos notar que a maioria das habilidades apresentadas é referente à alfabetização digital. Claro que algumas delas podem ser necessárias, para que o indivíduo alcance o letramento digital, no seu contexto específico, já que o indivíduo precisa ter algum conhecimento de alfabetização digital, independentemente do nível, para que possa fazer uso de seu conhecimento técnico nas práticas sociais do seu contexto, passando a ser um letrado digital. No entanto, talvez, não seja o caso de pontuar quais seriam as habilidades necessárias de alfabetização digital, e quais seriam as habilidades necessárias de letramento digital, no sentido de tentar classificar um indivíduo como alfabetizado ou letrado digital pleno. Primeiro, que devemos levar em consideração a usabilidade, ou seja, nem todas as habilidades apontadas em uma possível matriz seriam necessárias para o uso por um indivíduo, em um dado contexto específico. Segundo, que consideramos os letramentos como sendo infinitos, podendo ser aprendidos e fortalecidos a partir das práticas diárias. Nesse sentido, a construção de uma tabela única, fixa e inflexível só iria restringir e reduzir a potencialidade que os letramentos podem alcançar, a partir das práticas. E terceiro, que não há letramento pleno, de modo que o indivíduo pode ser letrado em um contexto e iletrado em outro contexto, porque tudo vai depender do seu uso.

1.3.3 Níveis de letramento digital

De acordo com Buzato (2001), podemos representar o letramento digital em três níveis: iletrado eletrônico, semiletrado eletrônico e letrado eletrônico.

O iletrado eletrônico seria o indivíduo não familiarizado, minimamente, com o sistema simbólico que permite manipular o computador. O iletrado é incapaz de lidar com questões simples, por exemplo, é incapaz de atribuir sentido a uma palavra qualquer na tela do computador (BUZATO, 2001, p. 98).

O semiletrado eletrônico seria o indivíduo que já dispõe do letramento alfabético, e que, por essa razão, adquiriu, minimamente, algumas das camadas gramaticais que regem a construção de sentidos dos textos no meio eletrônico. É o tipo de indivíduo que consegue reconhecer título, parágrafo, e outros elementos do texto na tela, mas não é capaz de usar esses elementos de modo adequado ao meio digital, nas situações que pedem tal habilidade (BUZATO, 2001, p. 99). O que falta para o semiletrado é o conhecimento mais específico do meio eletrônico, como afirma Buzato:

O que falta ao semi-letrado é justamente uma série de convenções peculiares ao meio eletrônico, sem as quais ele é incapaz de efetivamente construir sentido a partir do que está na tela. Justamente por basear-se preponderantemente na camada básica, isto é, a do letramento alfabético, o semi-letrado eletrônico tende a confundir traços de gêneros impressos e gêneros eletrônicos e a enfrentar problemas tanto no nível do mapeamento simples de forma e função quanto no nível da relação contexto/função no ambiente cibernético. (BUZATO, 2001, p. 99)

Finalmente, o letrado eletrônico seria o indivíduo que dispõe, não só de conhecimento sobre propriedades do texto na tela, que não se reproduzem no mundo natural, como também sobre as regras e convenções que o habilitam a agir no sentido de trazer o texto à tela. É capaz de interagir com variados textos, e está mais apto a adquirir conhecimento sobre novos tipos de texto e gêneros discursivos no meio eletrônico. O autor ainda reafirma que não há

letramento pleno, sendo assim, o indivíduo letrado eletronicamente pode ser iletrado para textos que não fazem parte de sua prática (BUZATO, 2001, p. 100).

Podemos ilustrar a classificação de letramento digital sugerida por Buzato (2001), a partir do seguinte quadro:

Quadro 2: Classificação dos níveis de letramento digital

| NÍVEIS DE LETRAMENTO DIGITAL | |
|------------------------------|--|
| | Pré-requisito |
| Iletrado digital | Indivíduo não familiarizado minimamente com o sistema simbólico que permite manipular as tecnologias digitais. |
| Semiletrado digital | Indivíduo que consegue reconhecer alguns elementos do texto na tela, mas não é capaz de usar esses elementos de modo adequado ao meio digital nas situações que pedem tal habilidade. |
| Letrado digital | Indivíduo que além de reconhecer os elementos do texto na tela, é capaz de interagir com variados textos e está mais apto a adquirir conhecimento sobre novos tipos de texto e gêneros discursivos no meio eletrônico. |

Fonte: Classificação sugerida na dissertação de Buzato (2001)

Tfouni (2004 apud RIBEIRO, 2008, p. 26) vai ao encontro da classificação de Buzato (2001) quando afirma que “não existe, nas sociedades modernas, o letramento ‘grau zero’,

que equivaleria ao ‘iletramento’. Do ponto de vista do processo sócio-histórico, o que existe de fato nas sociedades industriais modernas são ‘graus de letramento’”.

Reiterando esse pensamento, Ribeiro (2003 apud RIBEIRO, 2008, p. 26-27) afirma que “saber ler e escrever não é uma questão de tudo ou nada, mas uma competência que pode ser desenvolvida em diversos níveis”. A autora ainda reforça que esses níveis podem ser os mais intuitivos e ligados à vida cotidiana, ou aqueles ligados ao trabalho e aos estudos, por exemplo, ou mesmo níveis mais complexos.

Muitas das discussões a respeito da alfabetização e letramento levam para o caminho que mesmo sem ter o domínio da técnica, ou seja, habilidade de alfabetização, o indivíduo pode realizar práticas de letramento. Essa linha de pensamento traz a questão de que um não depende do outro, apesar de se complementarem. No entanto, quando falamos de letramento digital, será que seria possível um indivíduo realizar práticas de letramento digital sem que tenha um conhecimento mínimo do manuseio da tecnologia? Como um indivíduo que é totalmente leigo no que se refere às tecnologias, que não tem acesso, que não tem contato ou que não sabe manusear, pode ser letrado digital? Ainda que em um ‘grau de letramento’ ou nível inicial é necessário ter um conhecimento mínimo para adquirir esse grau:

Para alcançar algum grau de letramento digital, as pessoas precisam aprender ações que vão desde gestos e o uso de periféricos da máquina até a leitura dos gêneros de texto que são publicados em ambientes on-line e expostos pelo monitor. Por exemplo: sites podem conter crônicas, anúncios de emprego, anúncios publicitários, notícias, reportagens, ensaios, resumos de artigos científicos, os próprios artigos, etc. (RIBEIRO, 2008, p. 40).

Estamos de acordo com o que Ribeiro (2008) defende a respeito de não existir ‘grau de letramento zero’, se tomamos como referência o contexto social em que nos encontramos, porque mesmo que o indivíduo não saiba fazer uso da tecnologia nas práticas sociais, no mínimo ele reconhece alguns elementos que compõem o texto na tela, podendo ser

considerado semiletrado digital. No entanto, concordamos com a classificação de Buzato (2001) quanto ao ‘iletramento’, se tomamos como referência comunidades isoladas, como por exemplo, comunidades indígenas tradicionais. Desse modo, acreditamos que seria possível falar de ‘iletramento’, porque se as tecnologias não fazem parte do seu contexto, do seu mundo, nesse caso, se eles não têm acesso nem conhecem a tecnologia, logo, não sabem manuseá-la, não poderiam realizar práticas de letramento digital, podendo então ser classificados como iletrados digitais. No entanto, o fato de serem iletrados não influencia nas suas vidas, já que não precisam da tecnologia no seu contexto social.

1.3.4 Sei navegar na internet: serei eu um letrado digital?

Os dados obtidos a partir do questionário aplicado com os 29 informantes trouxeram algumas informações no que se refere às práticas de leitura e escrita dos alunos em questão, nos ambientes digitais. Primeiro, perguntamos quais sites conheciam e/ou acessavam, dentro das opções oferecidas no gráfico 1:

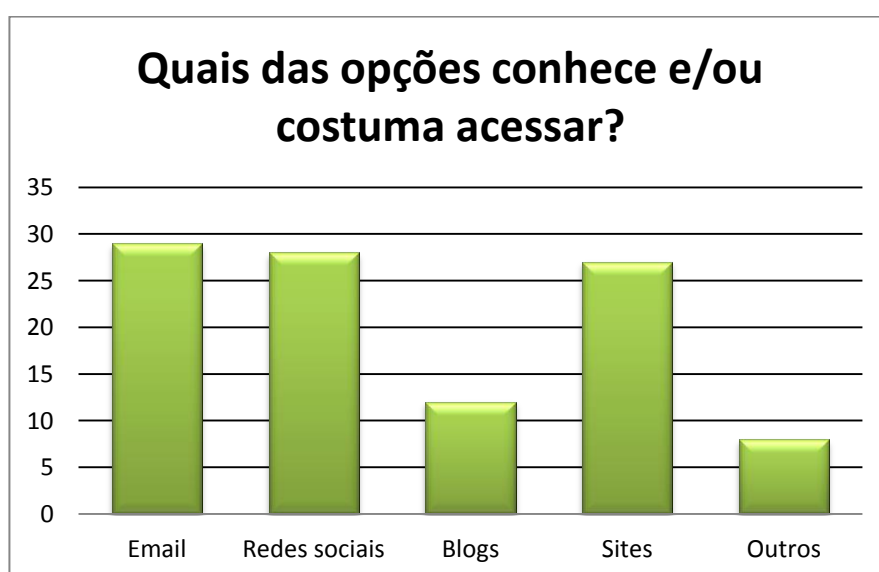


Gráfico 1

Todos alegaram conhecer e acessar o e-mail (1º lugar) e redes sociais (2º lugar), a maioria também acessa sites (3º lugar), já o *blog* e outros ambientes tiveram menor porcentagem. Em relação aos sites específicos, algumas das opções relatadas pelo grupo foram: sites de pesquisa, sites educativos, revista *online*, jornal *online*, tv *online*, músicas, vídeos, filmes, jogos, língua estrangeira, entre outras. Esse resultado aponta que, no geral, o grupo utiliza a tecnologia nas práticas de leitura e escrita, por exemplo, a leitura de revistas e jornais online; a escrita de um e-mail, ou mesmo de uma postagem em rede social. Mas será que essas práticas envolvem relações de comunicação e interação social? No que se refere à prática escrita, no caso do e-mail ou rede social, sim! Quando fazemos uso dessas tecnologias, interagimos e nos comunicamos com a comunidade virtual. Lembrando que quando tratamos de leitura e escrita dentro do contexto digital, nos referimos não apenas ao significado do texto verbal, como também, do texto não verbal. Pois, o hipertexto digital é composto de diferentes tipos de texto: imagem, som, vídeo, animação e linguagem verbal. Mais que um hipertexto, o texto passa a ser uma hipermídia, já que, nesse caso, o hipertexto faz combinação com a multimídia.⁷

Outro questionamento esteve relacionado à utilização do computador, *notebook*, *netbook*, *tablet* ou celular, bem como programas, sites e/ou aplicativos, para a realização de leitura de textos, como podemos visualizar no gráfico 2:

⁷ Multimídia é a combinação, controlada por computador (computador pessoal, periférico e dispositivo móvel), de pelo menos um tipo de mídia estática (texto, fotografia, gráfico), com pelo menos um tipo de mídia dinâmica (vídeo, áudio, animação).

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Multim%C3%A9dia>

Utiliza o computador, notebook, netbook, tablet ou celular, bem como programas, sites e/ou aplicativos para realizar leituras de textos?

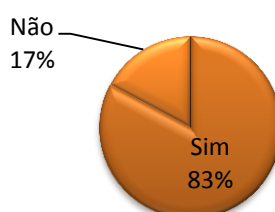


Gráfico 2

A maioria informou que faz uso das ferramentas tecnológicas na prática leitora, sendo as principais utilizadas: *notebook*, computador e celular. Quanto aos programas, os mais citados foram: sites, *word* e adobe. No entanto, alguns ainda apresentam certa resistência em apropriar-se da tecnologia, como afirmou o informante 9: “... Prefiro baixar o conteúdo e imprimir porque ler pela tela é muito chato e cansativo”, ou mesmo o informante 2: “... Se for leitura longa, tento imprimir, não gosto de ler muito tempo por essas ferramentas. Cansa as vistas muito rápido, dar dor de cabeça. Prefiro ler em livros, em folhas impressas”.⁸

Realizamos essa mesma pergunta para as informantes da entrevista, só que esclarecemos que a leitura de texto não seria somente de texto verbal, como também de texto não verbal, como vídeos, imagens etc. Todas alegaram que realizam leitura de textos sim, o predomínio se manteve no texto verbal, com a leitura de tirinhas, revistas e jornais online, artigos, resenhas e textos informativos (entrevistas, notícias). Apesar de que, no geral, esses textos apresentam imagens e outros componentes visuais, logo, não se tratam de textos puramente verbais. Algumas também citaram a leitura de vídeos e imagens, como respondeu a informante 3 (*vide* apêndice 5): “Vídeos, vídeo aula, texto verbal é o que mais utilizo”, a

⁸ Relatos retirados do questionário 1.

informante 4 (*vide* apêndice 6): “Qualquer texto relacionado ao que estudo. Vídeos sobre um assunto que vejo na aula e não entendo muito bem, aí busco vídeo”, e a informante 5 (*vide* apêndice 7): “Imagens e pequenos textos. Poemas, textos anexados a alguma imagem chama minha atenção”.

O resultado deixou claro que a maioria realiza leitura na tela, mas será que essa prática garante que haja letramento digital? Se eles apenas decodificam o texto, com uma contextualização mínima, nesse caso, o letramento não seria possível. Porém, se eles vão além da decodificação textual, de modo que assumam uma postura de leitores críticos (saber selecionar, questionar, emitir opinião) e deixem suas contribuições (saber construir, transformar, reconstruir, exercer autoria, compartilhar conhecimento), utilizando os recursos digitais, nesse caso, poderiam ser considerados letrados digitais.

Também perguntamos sobre a utilização do computador, *notebook*, *netbook*, *tablet* ou celular; bem como programas, sites e/ou aplicativos, para a realização de produção escrita, como ilustra o gráfico 3:

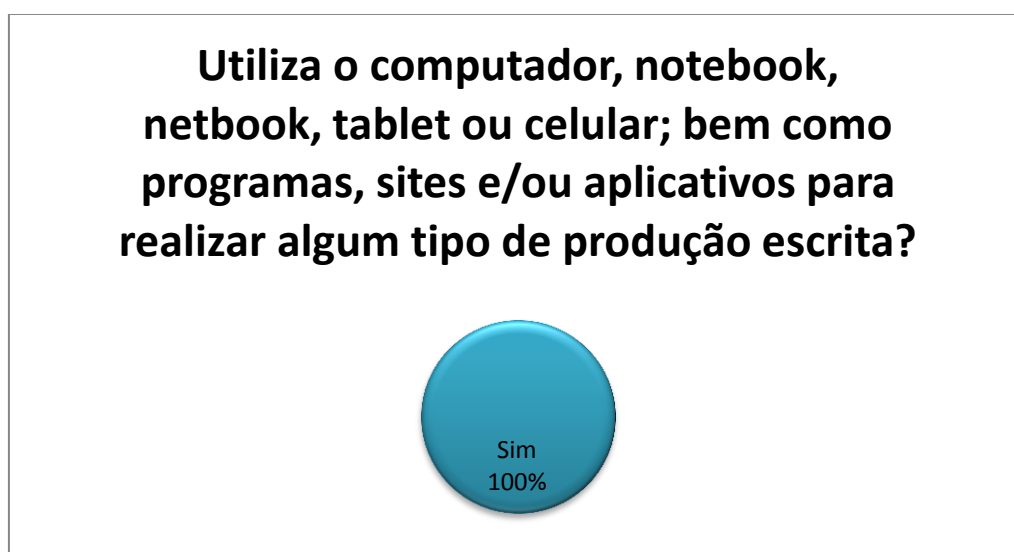


Gráfico 3

Todos alegaram utilizar as ferramentas para a prática escrita. Como se tratam de alunos de graduação, a maioria das produções esteve voltada para os textos acadêmicos, tais como: artigo científico, dissertação, resumo, resenha e fichamento. As principais ferramentas citadas foram: *notebook* e computador. E os programas, aplicativos e sites mais recorrentes foram: *word*, *excel*, *power point*, *movie maker*, redes sociais e sites. Em especial, é interessante notar o uso das redes sociais porque hoje em dia é muito difícil um indivíduo não produzir algum texto escrito na internet. Então, mesmo para aqueles que não produzem textos acadêmicos, pode haver grande probabilidade de que produzam ao menos textos escritos para postagens em redes sociais.

O fato de um aluno produzir um fichamento em *word*, por exemplo, o torna letrado digital? O fichamento em si mesmo seria um exemplo de contextualização, já que a produção textual é direcionada a um fim específico, além de que envolve a leitura de outro texto e/ou obra. Sendo assim, esse aluno estaria realizando uma prática social, independentemente, se é uma prática individual ou não. Para que possamos refletir, nesse caso, se o fichamento é feito para fins acadêmicos, como uma exigência, implica letramento digital?

Também realizamos essa mesma pergunta para as informantes da entrevista, e esclarecemos que a produção escrita não seria somente de texto verbal, que criar um vídeo, um *blog*, uma página, também seria um tipo de produção. As produções se ativeram aos textos acadêmicos, como também à produção de vídeos, como afirmou a informante 3 (*vide* apêndice 5): “ No caso, textual, textos acadêmicos, textos para colocar no *facebook*”, e a informante 5 (*vide* apêndice 7): “Eu uso para produzir textos e slides”.

Também questionamos se utilizam alguma tecnologia para elaborar vídeo, *blog*, site ou alguma outra produção, como mostra o gráfico 4:

Utiliza alguma tecnologia para elaborar vídeo, blog, site ou alguma outra produção?

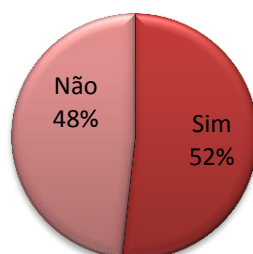


Gráfico 4

Nesse quesito, o grupo ficou bem dividido, a maioria alegou que realiza outras produções, mas a outra parte que alegou não realizar essa prática também teve um número bastante considerável. Dentre as produções realizadas, as ferramentas mais citadas foram: computador, *notebook* e celular. E algumas das produções realizadas foram: vídeo *make*, vídeos diversos, gravação de áudio, *movie maker* e *photo grid*.

Se levarmos em consideração o conceito de letramento digital como a apropriação da tecnologia digital em prol das práticas sociais de leitura, escrita, e outros tipos de interação; podemos dizer que boa parte do grupo analisado pode ser considerado letrado digital, visto que fazem uso da tecnologia para a realização de leitura, bem como para a produção escrita e multimídia. No entanto, o ponto-chave do letramento está na prática social, ou seja, poder apropriar-se da tecnologia com o intuito de comunicar e interagir, de maneira contextualizada, socialmente, independentemente, se o indivíduo realiza essa prática, individualmente, ou compartilha com a comunidade.

As perguntas seguintes do questionário aplicado tentam encontrar essa resposta. Sendo assim, questionamos se os alunos faziam uso da tecnologia digital nas práticas sociais, como mostra o gráfico 5:



Gráfico 5

Como podemos observar, mais uma vez, o grupo ficou bem dividido nesse quesito, a maioria respondeu que sim, mas do outro lado, boa parte respondeu que não realiza práticas sociais com as tecnologias. As práticas sociais entendidas e respondidas por eles foram: envio de mensagens via torpedos ou *whatsapp*, conversação por *whatsapp* e publicação de textos, vídeos nos grupos, *email* para compartilhar assuntos de interesse para colegas de classe, apresentar trabalho através do programa *power point*, expor opinião sobre assuntos sociais em redes sociais e postagem de notícias, textos escritos, vídeos e imagens feitos por eles ou por outras pessoas nas redes sociais (em destaque *facebook*). Além dessas práticas, duas mais nos chamaram a atenção. A primeira, do informante 22: “... Expondo análises de livros, filmes e acontecimentos diários”, porque pode possibilitar uma postura crítica enquanto sujeito e leitor, caso seja um indivíduo que questione, emita sua opinião, seu ponto de vista. E a

segunda, do informante 23: “... Faço vídeos com legendas em espanhol para dar aulas”, pela questão de ver um profissional de ensino fazer uso da tecnologia de maneira contextualizada.

Em seguida, perguntamos se suas produções com o uso da tecnologia eram elaboradas para algum fim específico, como ilustra o gráfico 6:

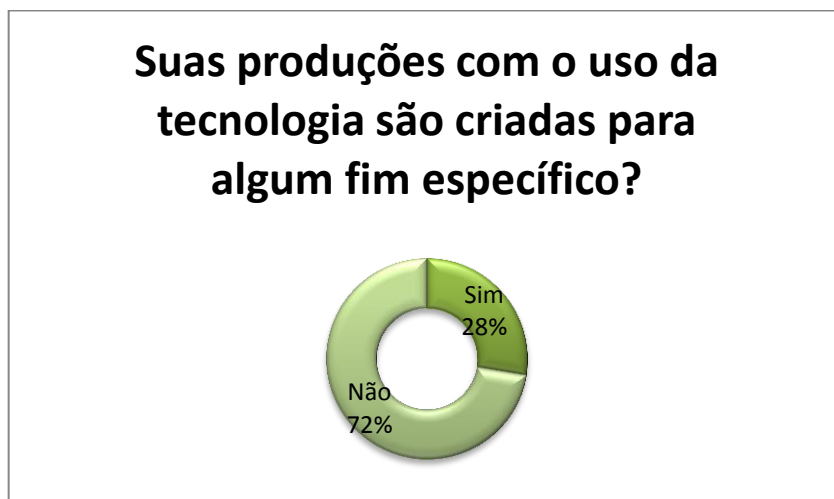


Gráfico 6

A grande maioria respondeu que não tem uma intenção específica em suas produções com o uso da tecnologia, mas para aqueles que responderam que sim, os fins específicos mais interessantes foram do informante 21: “... Tenho criada uma página que chama-se “Clube do livro”, no qual o propósito é fazer com que as pessoas compartilhem suas experiências de leitura”; do informante 22: “... Levar outras pessoas a pensar sobre determinados assuntos”; e do informante 23: “... As minhas produções possuem fins educacionais relacionados ao ensino de língua espanhola”. Os três casos citados acima podem ser considerados como práticas de letramento digital, já que fazem uso da tecnologia em prol das práticas de leitura, escrita e interação social, de maneira contextualizada, para suas respectivas comunidades de prática. No entanto, no caso do último informante, que alega realizar produções voltadas para o contexto educacional; se essas produções reproduzem visões tradicionais de linguagem e

ensino, acreditamos não ser uma prática de letramento digital, já que não haveria uma reconstrução, transformação do velho para o novo, de maneira que, provavelmente, não seriam produções que possibilitariam o desenvolvimento do letramento digital dos alunos.

E por fim, o último questionamento foi se suas produções eram socializadas e/ou compartilhadas. Como podemos visualizar no gráfico 7:



Gráfico 7

Uma vez mais, a maioria respondeu que não, mas para os que alegaram compartilhar, as formas foram: nas redes sociais, vídeos postados no YouTube, postagens compartilhadas entre membros de um grupo. Além dessas, destacamos duas mais. A primeira, do informante 23: “... As minhas produções eu disponibilizo a quem me pede e algumas são expostas no YouTube”. E a segunda, do informante 22: “... Compartilhadas de modo que são sempre abertas a comentários e dicas”.

A partir dos resultados analisados, não podemos afirmar que a maioria não é letrada digital, porque dentro do próprio letramento digital existem ramificações, de maneira que um indivíduo pode ser letrado digital em um contexto e não ser letrado digital em outro contexto. “diferentes tipos de letramento, diferentes práticas de leitura, em diversas situações, vão exigir

diferentes combinações de capacidades de várias ordens”. (ROJO, 2004, p. 4). Temos, então, letramentos distintos em função do contexto:

diferentes tecnologias de escrita geram diferentes estados ou condições naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e de escrita: diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos. (SOARES, 2002 apud ARAÚJO et al., 2009, p. 175)

Ao reconhecermos a diversidade de tipos de letramento com que os sujeitos podem lidar na sociedade, entendemos que ele pode ser considerado letrado em um dado evento de letramento, mas não conseguir demonstrar as práticas exigidas em outro. Isso porque cada agência, mais especificamente, cada evento de letramento que aparece nas agências exige práticas letradas que podem ou não coincidir com as práticas requeridas por outros eventos, por outras agências. Não podemos falar em sujeitos letrados *versus* iletrados, uma vez que entendemos o letramento em um *continuum*, e os sujeitos, conforme o contexto sócio-histórico no qual estão inseridos, bem como o seu Histórico de Letramento, demonstram níveis de letramento distintos. (ARAÚJO; SILVA, 2012, p. 684)

Dessa maneira, as ferramentas utilizadas (*blog Nos Gusta Español* e *site Elo*) não podem medir e/ou responder se os alunos são letrados digitais ou não, já que são apenas um tipo de espaço de escrita, um tipo de mecanismo de produção, reprodução e difusão da escrita do meio digital, bem como parte de um tipo de agência de letramento. Existem outros espaços de escrita, outros mecanismos, outras agências de letramento, que resultam em diferentes letramentos, então, os alunos que não conseguiram demonstrar as práticas exigidas pelo *blog* e/ou *site* podem demonstrar as práticas em outros eventos de letramento, podendo ser considerados letrados em um dado contexto de letramento, e não letrados em outro contexto.

Segundo Ribeiro (2008), de modo amplo, o termo letramento digital corresponde ao uso social e efetivo que se faz de uma tecnologia, porém, não é o único letramento existente, já que poderá ser entendido a depender do contexto, da situação de uso e objetivo da agência de letramento.

De acordo com Soares (1998 apud ARAÚJO; SILVA, 2012, p. 686), os letramentos estão associados também ao perfil socioeconômico e cultural dos sujeitos:

Pessoas que ocupam lugares sociais diferentes e têm atividades e estilos de vida associados a esses lugares enfrentam demandas funcionais completamente diferentes: sexo, idade, residência rural ou urbana e etnia são, entre outros, fatores que podem determinar a natureza do comportamento letrado.

O perfil socioeconômico e cultural do indivíduo influencia já que o letramento digital implica na apropriação da tecnologia em prol das práticas socioculturais de leitura e escrita, por essa razão, diferentes perfis sociais, culturais e econômicos poderão ter demandas diferentes, podendo influenciar nos tipos de práticas de letramentos realizadas pelo indivíduo.

1.3.5 Mas afinal, o que é ser letrado digital?

1.3.5.1 O caso da vovó⁹

Uma vovó resolveu se atualizar e entrar no mundo virtual! Ela comprou um celular que tinha acesso à internet. A princípio, o que é muito normal, não sabia manusear nada, mas, com a ajuda de uma amiga mais jovem, foi aprendendo aos poucos.

O resultado disso é que essa amiga, depois de seus ensinamentos, viu a vovó bem “antenada” com o celular novo e pensou consigo: “Meu Deus, eu criei um monstro!!!” (risos) Isso porque a vovó depois que aprendeu a usar algumas ferramentas do celular, passou a tirar várias fotos sozinha, e enviava, e compartilhava na rede. “Literalmente” uma vovó 2.0!

A questão que queremos levantar com esse caso é a seguinte: A vovó ao tirar fotos e compartilhar, e interagir, estava realizando uma prática social, sendo assim, seria ela uma letrada digital?

Talvez a ação de tirar fotos em um celular e compartilhar seja algo simples. Mas, se pensarmos especificamente no caso da vovó, o fato dela realizar essas ações é um modo de quebrar barreiras: afinal, o que é ser avó? Nesse sentido, a vovó deixa de ser vovó, ou pelo

⁹ História contada pela Professora Doutora Lilian Cristina Monteiro França, na disciplina de Mestrado “O Texto nas Linguagens Digitais”.

menos, deixa de ser apenas vovó, ou o que comumente se atribui a uma vovó, e passa a assumir outro papel, um novo lugar, uma nova posição na sua comunidade. Então, a ação realizada por ela, sendo simples ou não, acaba redefinindo sua identidade, o seu “eu”. Talvez, até influencie diretamente na sua autoestima, por fazê-la perceber que é capaz de lidar com alguma tecnologia, bem como é capaz de interagir com a nova geração.

Como já foi discutido, o letramento pleno não existe! O indivíduo poderá ser letrado para determinados tipos de textos, e iletrado para outros. Da mesma forma, acontece com o letramento digital, podemos ser letrados digitais em determinadas tecnologias, e iletrados digitais em outras. Assim, a partir do momento que a vovó faz uso da tecnologia, nesse caso, de um celular com acesso à internet para realizar uma prática social, e produz um sentido na sua prática, inclusive reconstrói sua identidade com essa prática, ela poderia ser letrada digital sim, porém, com essa ferramenta tecnológica específica, dentro de seu contexto de uso específico.

Concluimos que para realizar uma prática social com o uso das tecnologias, o indivíduo não precisa, necessariamente, ser um alfabetizado digital, já que a depender da prática de letramento, é perfeitamente possível de ser realizada com um conhecimento mínimo até, que classificaria o indivíduo como semianalfabeto digital. Do mesmo modo que ser alfabetizado digital não garante que o indivíduo venha a ser um letrado digital. Pois, não basta ter certo domínio da tecnologia sem que haja uma construção de sentido, um fim específico, uma intenção social, para aquilo que se produz na tela.

A verdade é que temos um leque de possibilidades quando tentamos conceituar letramento digital, ou mesmo quais requisitos necessários para que um indivíduo possa ser considerado um letrado digital. Talvez, essa questão ainda não esteja bem definida pelo fato de que existem diferentes tipos de usuários, e nem todas as habilidades serão necessárias a depender de sua usabilidade, o que nos leva a questionar: será que um dia teremos um

conceito fechado e definido de letramento digital? Cada indivíduo lida com computadores para realizar diferentes ações: realizar pesquisas; navegar em *blogs*, *chats*, jogos; realizar leituras a partir de textos digitais; utilizar ferramentas digitais para fins pedagógicos, entre outras possibilidades. Porém, um usuário X que precisa realizar uma pesquisa, por exemplo, certamente, não precisará de todas as habilidades que um usuário Y necessita para trabalhar com ferramentas digitais para fins pedagógicos. Ambos apresentam habilidades necessárias comuns, no entanto, o segundo requer algumas outras habilidades. Nesse caso, por exemplo, o usuário X não seria considerado letrado digital por não ter todas as habilidades do usuário Y? Acreditamos que as habilidades do usuário podem ser definidas a partir de seu uso, contexto, e necessidades específicas. Nesse sentido, o usuário X pode ser letrado digital em um dado contexto, que faz parte de seu uso e necessidades, e pode não ser letrado digital em outro contexto, talvez por não fazer parte de seu uso ou não necessitar.

1.3.6 Para ser considerado um letrado digital, o que o indivíduo precisa saber?

Não há uma lista de critérios fixos e preconcebidos a serem seguidos, para que um indivíduo seja considerado um letrado digital: “tanto o conhecimento quanto as relações socioculturais se constroem a partir de práticas contextualizadas. Não são, portanto, categorias estáticas preconcebidas, como pressupunham teorias educacionais mais tradicionais” (ZACCHI, 2014, p. 138). Isso porque a prática de ser letrado sempre pode ir além, é infinita. A competência de ser letrado vai sendo solidificada à medida que o sujeito realiza mais e mais práticas sociais, porque ele cresce e se desenvolve com a prática: “as práticas de letramento de um indivíduo mudam durante sua vida como resultado de exigências diferentes, recursos disponíveis e suas possibilidades e interesses”. (Barton e Hamilton, 2000 apud ARAÚJO; SILVA, 2012, p. 685). Além de que sempre teremos inovações tecnológicas, inovações nas

formas de ler e escrever, dentre outras mudanças que influenciarão na expansão dos letramentos:

Não há um limite para o letramento uma vez que a humanidade sempre inventará formas novas de escrever, novos gêneros de texto, suportes de leitura, etc., de acordo com as infinitas necessidades que temos e teremos, fazendo com que nosso horizonte de letramento esteja sempre em expansão. (RIBEIRO, 2008, p. 29)

Não existem habilidades fixas e preconcebidas, mas, podemos dizer que o letrado digital faz uso de táticas para apropriar-se da tecnologia, no seu sentido mais amplo:

O usuário da linguagem digital e de dispositivos digitais (...) como qualquer leitor não é um mero consumidor. Ele pratica essa linguagem e esses dispositivos, lança mão daquilo que Certeau (1994) chama de usos e táticas para apropriar-se do que lhe é dado a ler (em sentido mais amplo) de maneiras peculiares, por vezes transgressivas, irônicas ou políticas. Ao fazê-lo, entretanto, ele lança mão de scripts, recursos interativos e modelos interpretativos, culturalmente compartilhados aos quais chamamos de letramento. (BUZATO, 2008 apud BRAGA, 2010, p. 378)

Um ponto importante que vale frisar é a questão do uso, no sentido do indivíduo ter que dominar o que tem utilidade e uso para ele, o que está relacionado ao seu contexto e necessidades. Nesse caso, que ele possua as habilidades necessárias para lidar com a tecnologia a favor das práticas sociais de leitura, escrita, e outros tipos de interações, nos ambientes digitais que necessita para seu uso, seja em um contexto escolar, acadêmico, profissional ou pessoal.

1.3.7 Onde e como o indivíduo deve aprender ou adquirir o letramento digital?

É importante deixar claro que o letramento digital não é um curso de informática! Sendo assim, as instituições de ensino, a começar da Educação Básica até o Ensino Superior, poderiam ser as responsáveis por essa formação. No entanto, para que isso fosse possível,

seria necessário romper barreiras, de maneira que realizassem um trabalho que não se restringisse apenas ao letramento tradicional, mas que levasse em consideração os multiletramentos existentes, inclusive, o letramento digital.

As instituições de ensino não são as únicas que possibilitam a formação letrada de um indivíduo, elas seriam um tipo de agência de letramento, que são “os diversos espaços que orientam as práticas de indivíduos e comunidades para letramentos diversos”. (RIBEIRO, 2008, p. 28). Dessa maneira, ele também pode adquirir o letramento no trabalho, na rua, em casa, entre outras agências.

A escola ainda continua sendo a principal agência de letramento, apesar de ter como foco o processo de alfabetização ao invés do letramento como prática social:

Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes. (KLEIMAN, 1995 apud RIBEIRO, 2008, p. 28-29)

O indivíduo pode também contar com outros tipos de agências para sua formação letrada, sendo que cada agência mostra e/ou apresenta orientação de letramento diferente, por essa razão, ele pode se tornar letrado em vários níveis, ou seja, em graus de letramento diferentes, sendo que representa um processo contínuo em que o contato com as diferentes agências de letramento, e a ação de realizar práticas de letramento amplia, cada vez mais, o nível e/ou grau de letramento dele:

A partir de agências as mais diversas, um leitor pode se tornar letrado em vários níveis, que são o que Kleiman (1995) e Tfouni (2004) chamam de *graus de letramento*. A relação em preto-e-branco entre analfabeto e alfabetizado não mostra em que medida este se apropria do que sabe. Empregados de forma dicotômica, os termos dão a noção falsa de que possa existir uma divisão abrupta entre quem

domina e quem não domina a cultura escrita. O conceito de *letramento* embaça essa divisão e, no lugar dela, propõe um *continuum* em que faz sentido falar em *graus*. (RIBEIRO, 2008, p. 29)

Araújo e Silva (2012, p. 686) reforçam essa questão de que as práticas letradas dos indivíduos ocorrem a partir do contato com as diferentes agências de letramento, e que cada uma exige uma postura e comportamento diferente:

partindo do pressuposto de que as atitudes dos sujeitos parecem ser influenciadas pelo contexto sociocultural, conforme as normas que regem o(s) grupo(s) nos quais estão inseridos defendemos, de igual maneira, que as práticas letradas demonstradas por eles resultam, em geral, do contato que estabelecem com determinada (s) agência (s) de letramento (s), a(s) qual (is) exige (m) certas posturas e comportamentos, além de serem consideradas, é claro, as particularidades individuais.

É importante frisar que não se adquire a condição letrada de uma hora para outra, se trata de um processo contínuo e infinito, em que vamos aprendendo e nos aperfeiçoando, cada vez mais, a partir das práticas. Do mesmo modo que a alfabetização não é um processo estagnado, o letramento também não é, cabe, então, a principal agência de letramento, que é a escola, ajudar a desenvolver esse letramento nos mais variados graus de complexidade:

Sabemos que, uma vez dominados os recursos básicos da leitura e da escrita, ficamos o resto de nossas vidas aprendendo a ler e a escrever, a dominar cada vez mais os recursos da escrita e estratégias da leitura. Esses processos não se encerram na alfabetização. Uma vez dominados os recursos básicos da leitura e da escrita, não importa mais em que método fomos alfabetizados, mas que concepção de texto, de leitura, de escrita e de aprendizagem a escola está nos ajudando a desenvolver. (COSCARELLI, 2003 apud COSCARELLI, 2011, p. 31)

Na grande maioria, os usuários digitais acabam agindo quase que, intuitivamente, no que se refere às práticas de leitura e escrita nesse meio, bem como ao ato de navegar. A função do professor seria de aproveitar esses conhecimentos já existentes, ou seja, o conhecimento prévio de seus alunos, para propor atividades que possibilitassem o desenvolvimento do letramento digital deles.

Nesse contexto, o professor assumiria o papel de mediador e contextualizador, ele quem iria proporcionar os espaços para que seus alunos pudessem fazer uso das tecnologias que conhecem, ou até aprender a acessar e/ou manusear novas tecnologias. O letramento digital seria adquirido mediante práticas sociais, com o uso de tecnologias digitais, desenvolvidas, a princípio, na instituição de ensino em que os alunos estariam inseridos.

O professor não precisa, necessariamente, ser um alfabetizado digital pleno para poder ensinar, a ideia é que ele possibilite o espaço para que seus alunos possam utilizar seus conhecimentos prévios tecnológicos, e consigam realizar as atividades propostas. Seria um processo de troca de conhecimento entre professor/aluno, onde o educador poderia aprender o conhecimento técnico com seu aluno, bem como os dois poderiam aprender juntos, novos conhecimentos técnicos das tecnologias.

Os alunos também não precisam ser alfabetizados digitais para poderem desenvolver o letramento digital. Reiterando o pensamento de Soares (2012), que trata que o ideal é alfabetizar letrando; podemos dizer também, que o ideal seria que esses alunos pudessem adquirir a alfabetização e letramento digital, simultaneamente. Um conhecimento que começaria de seus conhecimentos prévios, e seria consolidado à medida que as práticas fossem realizadas.

Neste capítulo, no geral, discutimos questões referentes ao letramento digital e alfabetização digital (conceitos, classificações, pré-requisitos), além da relação da alfabetização digital no desenvolvimento do letramento digital. A seguir, trataremos da interação aluno/interface, fazendo ponte, também, com o letramento digital.

CAPÍTULO 2 – INTERAÇÃO

Neste capítulo, a princípio, pretendemos trazer uma breve discussão sobre os conceitos de interação e interatividade, depois, apresentaremos os níveis de interatividade, bem como os tipos de interação, em nível de contextualização. Em seguida, planejamos discutir, especificamente, a interação aluno/interface, com a intenção de averiguar como ocorre a interação entre o aluno e a tecnologia, e como a interação aluno/interface pode influenciar no desenvolvimento do letramento digital. E por fim, pensamos em discutir os conceitos de *nativos digitais* e *imigrantes digitais*, além de questionar quem de fato são os *nativos digitais*.

2.1 Interação X Interatividade

As tecnologias da informação e comunicação trouxeram consigo uma nova variante das interações já existentes, que faz alusão à relação do ser humano com as máquinas. O termo interatividade foi criado pensando também em realizar essa distinção existente do novo tipo de interação. Desde então, os conceitos de interação e interatividade vem sendo discutidos por variados autores, que trazem consigo suas percepções peculiares.

De acordo com Houaiss (2014), interação seria uma atividade ou trabalho compartilhado, em que existem trocas e influências recíprocas; interatividade seria a capacidade de um sistema de comunicação ou equipamento de possibilitar interação; e interativo seria aquilo que permite ao indivíduo interagir com a fonte ou emissor.

Svanaes (2000 apud TORI, 2010, p. 85) sugere uma analogia desses três conceitos com os termos radiação, radiativo e radiatividade. Ele afirma que o cientista estuda radiatividade, o composto urânio é radiativo e emite radiação. Do mesmo modo, no âmbito educacional, a aula é interativa, já que possibilita a interação, isso porque a metodologia adotada emprega interatividade.

Segundo Belloni (2012, p. 63), a interatividade apresenta dois significados diferentes, de um lado seria a potencialidade técnica oferecida por algum meio, como hipertextos, jogos informatizados; do outro lado seria a possibilidade do usuário agir sobre a máquina e receber em troca uma retroação da máquina sobre ele. Já a interação seria a ação recíproca entre dois ou mais atores em que ocorre intersubjetividade.

No que se refere à realidade virtual, para Steur (1993 apud PRIMO, 2011, p. 34), a interatividade seria a extensão em que os usuários podem participar na modificação da forma e do conteúdo do ambiente mediado em tempo real; uma espécie de variável direcionada pelo estímulo e determinada pela estrutura tecnológica do meio, como uma relação de estímulo-resposta.

Jensen (1999 apud PRIMO, 2011, p. 37) segue a mesma linha de pensamento quando afirma que a interatividade seria a medida da habilidade potencial da mídia em permitir que o usuário exerça uma influência no conteúdo e/ou na forma da comunicação mediada.

Para Wagner (1994; 1997 apud MATTAR, 2012, p. 24-25), a interação envolveria o comportamento e as trocas entre indivíduos e grupos que se influenciam. Já a interatividade envolveria os atributos da tecnologia contemporânea utilizada na educação à distância, que permite conexões em tempo real. Sendo assim, a interação teria a ver com as pessoas, e a interatividade com a tecnologia e os canais de comunicação.

Segundo Lemos (2000 apud MATTAR, 2012, p. 25), a interação teria a ver com a interação “social”, e a interatividade seria uma nova maneira de relação do ser humano com as máquinas eletrônico-digital, diferente, inclusive, da interatividade analógico-mecânica, que faz referência às mídias mais antigas.

Silva (2006 apud MATTAR, 2012, p. 26), defende que a interatividade representa o espírito de um novo tempo, uma revolução na comunicação; seria um conceito mais aberto

que o de interação por apontar para o imprevisível. A seguir apresentamos uma ilustração sobre a diferença entre interação e interatividade:

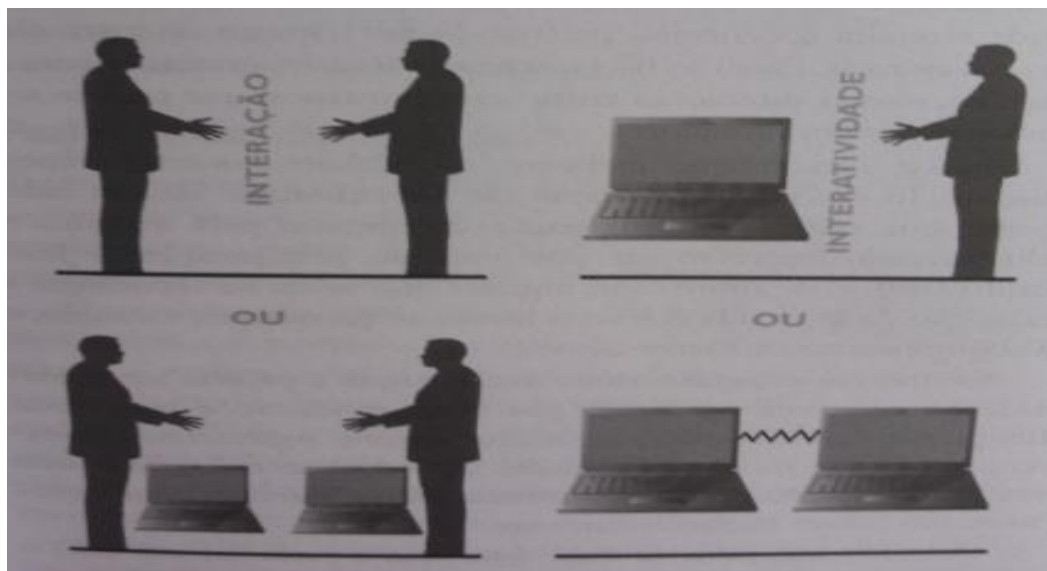


Figura 14: Interação *versus* Interatividade

Fonte: Figura extraída do livro *Tutoria e Interação em Educação à Distância*, de Mattar (2012, p. 25)

Primo (2007 apud MATTAR, 2012, p. 37) utiliza o termo interagente no lugar de usuário, bem como o termo interação mediada por computador no lugar de interatividade, pois, o que lhe importa é poder realizar uma comparação entre a interação mediada por computador com a comunicação humana. Desse modo, o autor apresenta uma fórmula que ilustra a comunicação sem e com o uso da interação mediada por computador:

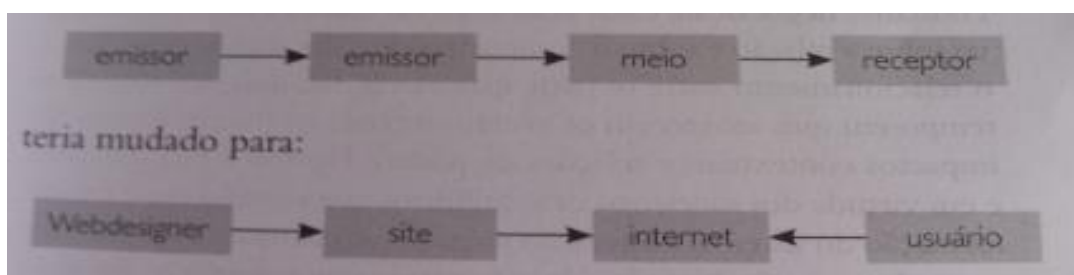


Figura 15: Comunicação sem e com o uso da interação mediada por computador

Fonte: Figura extraída do livro *Tutoria e Interação em Educação à Distância*, de Mattar (2012, p. 37)

A comunicação humana com o uso da interação mediada por computador seria, então, aquela em que o usuário além de assumir o papel de receptor de informações, também, pode buscar suas próprias informações, a partir da internet.

No que diz respeito à interatividade e interação, Primo traz a reflexão de que precisam ir além dos cliques, e que as interações mútuas devem ser levadas em consideração:

com frequência as discussões sobre “interatividade” não conseguem ir além do que a Teoria da Informação postulava ainda nos anos 40. Sendo assim, não se consegue ultrapassar o mero tecnicismo e vislumbrar a complexidade das interações mútuas mediadas por computador, como por exemplo as paixões que emergem nos *chats*, as acaloradas discussões nas videoconferências e listas de discussões e os relacionamentos que são construídos através dos programas de mensagens instantâneas. (PRIMO, 2007 apud MATTAR, 2012, p. 37-38)

O mesmo autor ainda reitera que a relação do homem com a máquina não caracteriza um diálogo, e que a interatividade deve ser considerada como um processo, não uma característica do meio ou capacidade do canal. Dentro desse processo, o autor frisa que além de pensar nas seleções, comandos e percursos possibilitados entre a interação homem/máquina; é imprescindível pensar também na interação dialógica, como, por exemplo, os *chats* e e-mails, podendo ser utilizados de modo síncrono e/ou assíncrono. Nesse sentido, Primo propõe a reflexão de dois tipos de interação: a mútua e a reativa:

Na interação mútua, os interagentes reúnem-se em torno de contínuas problematizações. As soluções inventadas são apenas momentâneas, podendo participar de futuras problematizações. A própria relação entre os interagentes é um problema que motiva uma constante negociação. Cada ação expressa tem um impacto recursivo sobre a relação e sobre o comportamento dos interagentes. Isto é, o relacionamento entre os participantes vai definindo-se ao mesmo tempo em que acontecem os eventos interativos (nunca isentos dos impactos contextuais e relações de poder). Devido a essa dinâmica, e em virtude dos sucessivos desequilíbrios que impulsionam a transformação do sistema, a interação mútua é um constante vir a ser, que se atualiza através das ações de um interagente em relação à(s) do(s) outro (s), ou seja, não é mera somatória de ações individuais.

[...]

As interações reativas, por sua vez, são marcadas por predeterminações que condicionam as trocas. Diferentemente das interações mútuas (cuja característica

sistêmica de equifinalidade se apresenta), as reativas precisam estabelecer-se segundo determinam as condições iniciais (relações potenciais de estímulo-resposta impostas por pelo menos um dos envolvidos na interação) – se forem ultrapassadas, o sistema interativo pode ser bruscamente interrompido. Por percorrerem trilhas previsíveis, uma mesma troca reativa pode ser repetida à exaustão (mesmo que os contextos tenham variado). (PRIMO, 2007 apud MATTAR, 2012, p. 38)

A interatividade ainda é vista de modo bastante técnico, porém, quando tratamos de interação mediada por computador, os conceitos técnicos acabam sendo insuficientes, já que se trata de uma ‘interação mediada’, ou seja, não é apenas uma interação com a máquina, mas também a interação através da máquina, como trata Primo (2011, p. 30-31):

Quando se fala em “interatividade”, a referência imediata é sobre o potencial multimídia do computador e de suas capacidades de programação e automatização de processos. Mas ao estudar-se a interação mediada por computador em contextos que vão além da mera transmissão de informações (como na educação a distância), tais discussões tecnicistas são insuficientes. Reduzir a interação a aspectos meramente tecnológicos, em qualquer situação interativa, é desprezar a complexidade do processo de interação mediada. É fechar os olhos para o que há além do computador. Seria como tentar jogar futebol olhando apenas para a bola, ou seja, é preciso que se estude não apenas a interação com o computador, mas também a interação através da máquina.

De acordo com Mattar (2012), o termo interatividade surgiu nas décadas de 1960 e 1970 com as artes, os críticos das mídias de massa e as novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, passando a ser utilizada de forma considerável pela informática. Já o termo interação apareceu em 1832 como um neologismo, no *Oxford english dictionary*, e em 1867 em francês.

Podemos notar que ambos os termos surgiram em períodos distantes um do outro. No entanto, mesmo o termo interação ter sido utilizado em diversas ciências há mais tempo que a interatividade, atualmente, os dois conceitos são muitas vezes utilizados como sinônimos, o que acarreta uma confusão conceitual. Enquanto alguns autores utilizam ambos os termos, trocando um pelo outro sem diferenciar seus significados; outros procuram diferenciá-los, a partir de definições precisas e distintas. É o caso do termo *interação aluno/interface*, de que

trataremos mais adiante. Por se tratar de um tipo de interação entre pessoa/máquina, poderíamos dizer que seria um tipo de interatividade, logo, a nomenclatura seria *interatividade aluno/interface*; porém, neste caso, o autor não faz distinção entre ambos os termos e por essa razão, utiliza interação como sinônimo de interatividade.

2.2 Níveis de interatividade

No que diz respeito à classificação da interatividade, diferentes autores realizaram algumas tentativas, que passaremos a explicitar.

Kretz (apud TORI, 2010, p. 88) classificou a interatividade partindo de seis níveis:

- ✓ sem interatividade: mídias contínuas como televisão, livro ou rádio, consumidos sem saltos ou retornos;
- ✓ interatividade linear: mídias lineares, como livro, DVD ou MP3, acessados de forma não linear;
- ✓ interatividade arborescente: interação por meio de escolhas hierarquicamente organizadas em uma árvore de opções;
- ✓ interatividade linguística: a interação se dá por meio de palavras-chave ou *tags*;
- ✓ interatividade de criação: o usuário pode compor conteúdos;
- ✓ interatividade de comando contínuo: manipulação direta e contínua do usuário, como nos games.

O autor Sims (apud TORI, 2010, p. 88) propõe outra classificação, que parte de um contexto de mídias digitais:

- ✓ interatividade dos objetos: interação com objetos virtuais por meio de cliques;
- ✓ interatividade linear: navegação por páginas sequenciais;

- ✓ interatividade de suporte: mensagens de ajuda, manuais on-line, tutoriais e similares;
- ✓ interatividade de atualização: a sequência de conteúdos depende das respostas do usuário;
- ✓ interatividade de construção: o usuário só consegue terminar uma atividade se seguir uma sequência pré-definida;
- ✓ interatividade refletida: o usuário pode visualizar, e refletir sobre, as respostas de outros usuários;
- ✓ interatividade de simulação: o usuário interage com objetos ou sistemas simulados;
- ✓ interatividade de hyperlinks: navegação por meio de hyperlinks;
- ✓ interatividade contextual não imersiva: integração dos níveis anteriores;
- ✓ interatividade virtual imersiva: interação em mundos virtuais de realidade virtual.

Já o autor Jensen (1999 apud PRIMO, 2011, p. 37) propõe quatro dimensões para a interatividade:

- ✓ interatividade de transmissão: medida do potencial do meio em permitir que o usuário escolha que fluxo de informações em mão única quer receber, já que não existe a possibilidade de fazer solicitações;
- ✓ interatividade de consulta: medida do potencial do meio em permitir que o usuário solicite informações em um sistema de mão dupla com canal de retorno;

- ✓ interatividade de conversação: medida do potencial da mídia em permitir que o usuário produza e envie suas próprias informações em um sistema de duas mãos;
- ✓ interatividade de registro: medida do potencial do sistema em registrar informações do usuário e responder às necessidades e ações dele.

2.3 Tipos de interação

Ao contrário da interatividade, que apresenta uma classificação técnica, já que trata da relação entre pessoa/máquina, os tipos de interação que apresentaremos a seguir fazem referência à sala de aula. Mattar (2012) apresenta nove tipos de interações, classificados por diferentes autores que mostraremos adiante:

| Tipos de interação | Autores |
|--|--------------------------------------|
| Aluno/professor | Moore (1989) |
| Aluno/aluno | Moore (1989) |
| Aluno/conteúdo | Moore (1989) |
| Aluno/interface | Hillman, Willis e Gunawardena (1994) |
| Aluno com ele mesmo (ou autointeração) | Soo e Bonk (1998) |
| Vicária | Sutton (2001) |
| Professor/professor | Anderson (2003) |
| Professor/conteúdo | Anderson (2003) |
| Conteúdo/conteúdo | Anderson (2003) |

Figura 16: Autores dos tipos de interação

Fonte: Figura extraída do livro *Tutoria e Interação em Educação à Distância*, de Mattar (2012, p. 40)

- Aluno/professor: a interação com o professor, de modo síncrono ou assíncrono. Fornece motivação e *feedback* aos alunos, auxiliando no seu aprendizado;
- Aluno/conteúdo: o aluno interage com a informação e as ideias que encontra no material de estudo. O aluno pode interagir com o conteúdo de diversas maneiras: navegando e explorando, selecionando, controlando, respondendo, ou mesmo criar seu próprio ambiente pessoal de aprendizagem, customizar o conteúdo com o qual deseja interagir e inclusive contribuir para o aperfeiçoamento do material utilizado nos cursos;
- Aluno/aluno: também pode ocorrer de modo síncrono e assíncrono. Caracteriza o que se denomina aprendizado colaborativo e cooperativo, que envolve o aspecto social da educação. Os alunos podem interagir entre si de diversas maneiras: grupos de discussão, apresentações dos próprios alunos, relatórios sobre trabalhos em desenvolvimento, que podem ser comentados e avaliados por outros alunos, estudo e trabalhos desenvolvidos em grupo, orientação de alunos mais experientes para os menos experientes, entre outras estratégias;
- Professor/professor: interação entre profissionais de ensino que encontram nos colegas fontes de assistência e insights pedagógicos, constituindo comunidades que podem ser físicas e virtuais;
- Professor/conteúdo: interação entre o professor e o conteúdo, no que se refere ao desenvolvimento, aplicação ou produção do material;
- Conteúdo/conteúdo: interação referente aos programas semiautônomos, proativos e adaptativos, que utilizam recursos de inteligência artificial, podendo recuperar informações, operar outros programas, tomar decisões e monitorar recursos na rede;
- Autointeração: interação intrapessoal seria a conversa do aluno consigo mesmo, durante seu envolvimento com o conteúdo do aprendizado; seriam suas reflexões sobre o conteúdo, bem como suas operações metacognitivas;

- Interação vicária: interação silenciosa em que o aluno observa as discussões e os debates, sem que participe ativamente. Ocorre quando um aluno observa e processa ativamente os dois lados de uma interação direta entre dois outros alunos, ou entre um aluno e o professor. Nesse tipo de atividade mental, o aluno estrutura, processa e absorve o conteúdo do curso, podendo contribuir de maneira significativa no processo de aprendizado;
- Aluno/interface: interação que ocorre entre o aluno e a tecnologia nas mediações em EAD, já que o aluno precisa utilizá-la para interagir com o conteúdo, o professor e os outros alunos.

2.4 Interação aluno/interface

Daremos maior atenção à interação aluno/interface, porque é um tipo de interação que está relacionado ao uso e manuseio das novas tecnologias, logo, podemos fazer ponte com o objeto central desta pesquisa: o letramento digital. Desse modo, pretendemos discutir como ocorre a interação entre o aluno e as tecnologias, e como a interação aluno/interface pode influenciar no desenvolvimento do letramento digital.

No contexto educacional, a interação aluno/interface está relacionada à Educação à Distância (EAD), levando em consideração a interação entre o aluno, professor e conteúdo, através da tecnologia. Porém, é importante frisar que não é o tipo de interação que ocorre apenas nesse contexto, de modo que qualquer interação realizada entre pessoa/máquina, independente do contexto, seria um tipo de interação sujeito/interface.

Na interação aluno/interface é essencial que o design educacional utilize estratégias para facilitar a aquisição das habilidades necessárias, para os alunos participarem adequadamente de cursos à distância.

Metros e Hedberg (2002 apud MATTAR, 2012, p. 43-44) chamam a atenção para diferentes aspectos da interface que influenciam na aprendizagem e no design de interações, como usabilidade, funcionalidade, comunicação e estética. Segundo os autores, a interface deveria ser atrativa, desafiadora e envolvente.

Como nossa intenção é averiguar como ocorre a interação entre o aluno e a tecnologia, e como a interação aluno/interface pode influenciar no desenvolvimento do letramento digital, perguntamos aos informantes como se dava a interação entre eles e as tecnologias de que fazem uso, a maioria alegou ter facilidade, mas alguns ainda sentem dificuldades, como podemos ver no gráfico abaixo:



Gráfico 8

Dentre os que responderam positivamente, alegaram o seguinte:

O primeiro contato é complicado, mas, depois acostumo e não sinto mais dificuldades. (informante 3)

Tenho uma boa interação, adoro trabalhar com a tecnologia. (informante 22)

Tudo acontece de uma forma agradável, sempre quando há dúvidas, procurando saber qual a sua função e como funciona. (informante 11)

Uma boa interação, desde quando não apresente um problema técnico. (informante 13)

Muito boa, tudo que desejo fazer realizo com êxito. (informante 14)

Tenho uma certa facilidade, claro que tem coisas que não sei. Mas utilizo bem e logo aprendo o que não sei. (informante 15)

Costumo utilizar diferentes recursos tecnológicos nos estudos, trabalho, para compartilhar informações. (informante 17)

Consigo interagir e usar qualquer tecnologia, de forma que não consigo mais estudar sem o *netbook* ou fazer qualquer outra coisa relacionada à aprendizagem ou a educação sem o mesmo. (informante 18)

Já os que responderam negativamente, alguns alegaram o seguinte:

Acho que não tenho muita facilidade. (informante 2)

Às vezes não consigo usar corretamente. (informante 20)

A desejar. (informante 21)

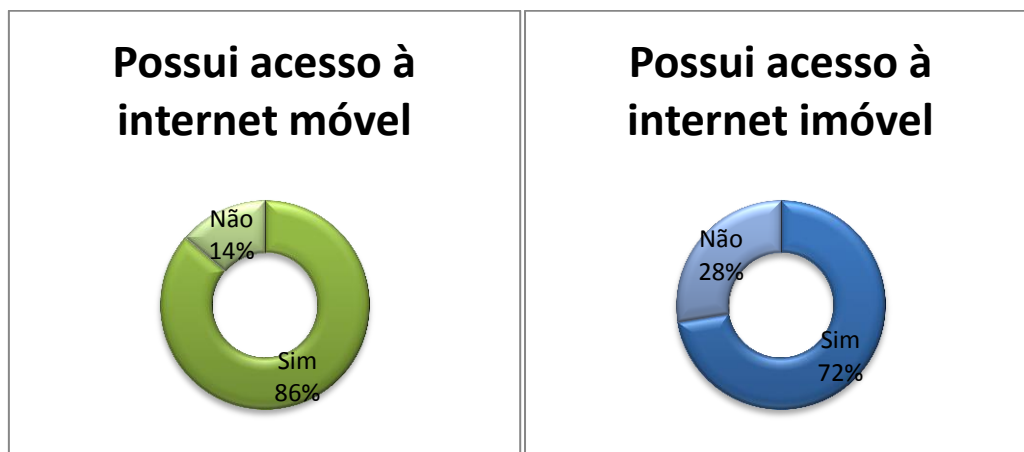
Quando perguntamos se eles utilizavam o computador, *notebook*, *netbook*, *tablet* ou celular, bem como programas, sites e/ou aplicativos para realizar leitura de textos; alguns ainda apresentaram certa resistência quanto ao uso da tecnologia, como afirmou o informante 9: “... Prefiro baixar o conteúdo e imprimir porque ler pela tela é muito chato e cansativo”, ou mesmo o informante 2: “... Se for leitura longa, tento imprimir, não gosto de ler muito tempo por essas ferramentas. Cansa as vistas muito rápido, dar dor de cabeça. Prefiro ler em livros, em folhas impressas”. Já quando perguntamos se utilizavam o computador, *notebook*, *netbook*, *tablet* ou celular, bem como programas, sites e/ou aplicativos para realizar alguma produção escrita, alegaram que utilizam as ferramentas para a prática escrita, a maioria para produções voltadas aos textos acadêmicos, tais como: artigo científico, dissertação, resumo, resenha e fichamento.

Esse resultado demonstra que apesar da maioria alegar que tem facilidade no que se refere a sua interação com as tecnologias, alguns ainda mantêm certa resistência quanto ao uso efetivo delas, como por exemplo, optar por imprimir um texto ao invés de realizar a leitura na tela, ou mesmo fazer uso da tecnologia, basicamente, para elaborar textos

acadêmicos, textos estes obrigatórios, ao invés de explorar de modo mais amplo a produção escrita na tela.

Não sabemos medir até que ponto a interação aluno/interface influencia no desenvolvimento do letramento digital, afinal, não é uma medição quantitativa. Porém, acreditamos que a interação apresenta grande parcela no processo porque para realizar uma prática de letramento digital o indivíduo precisa manusear, minimamente, a ferramenta tecnológica em questão, logo, pressupomos que quanto melhor for sua interação com a tecnologia, maiores poderão ser suas possibilidades de práticas de letramento digital, em contrapartida, quanto mais limitada for sua interação com a tecnologia, menores poderão ser suas possibilidades de práticas de letramento digital.

No que se refere ao acesso à internet do grupo em análise, a maioria respondeu que possui acesso tanto da internet móvel quanto da imóvel, como podemos visualizar nos gráficos:



Gráficos 9 e 10

Também citamos algumas ferramentas tecnológicas e perguntamos se possuíam, os mais votados foram o *notebook* ou *netbook*, e o celular com acesso à internet, como mostra o gráfico seguinte:

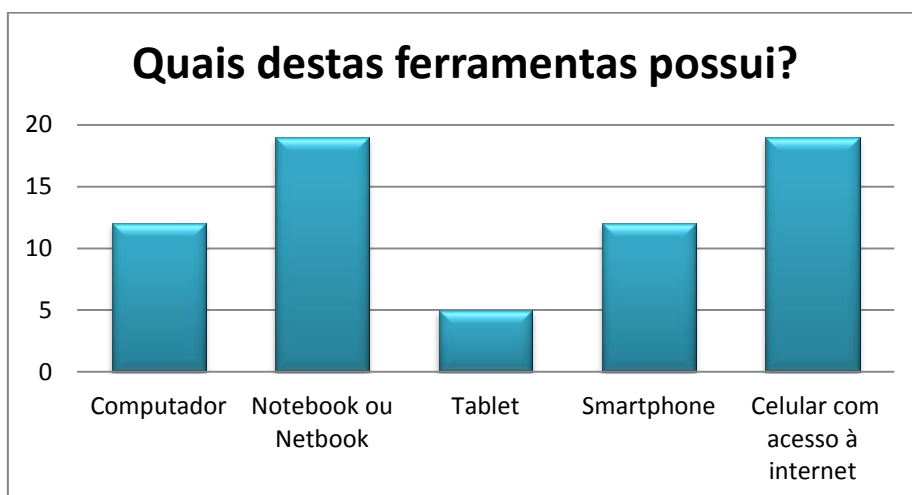


Gráfico 11

No entanto, apesar da maioria ter acesso à internet (acesso à rede), além de ter acesso à algumas ferramentas tecnológicas (acesso às tecnologias) não é o suficiente, não é o bastante para garantir uma boa interação aluno/interface, muito menos garantir que o indivíduo saiba explorar o que a tecnologia tem a oferecer para realizar práticas de letramento digital, porque o indivíduo pode ter acesso à tecnologia e não saber fazer uso dela, ou mesmo fazê-la de modo limitado. “O mundo digital oferece novas oportunidades para aqueles que sabem como aproveitá-las. Essas oportunidades possibilitam novas formas de criatividade, aprendizagem, empreendimento e inovação”. (PALFREY et al. , 2011, p. 24)

A questão de ter acesso ao computador e outras ferramentas tecnológicas, bem como seus recursos garante a popularização e/ou democratização da informática, porém, não, necessariamente, a inclusão digital, pois, para fazer parte da sociedade letrada é preciso muito mais que ter acesso à rede e tecnologia, é preciso ter conhecimento dos valores sociais que a sociedade no qual o indivíduo está inserido apresenta:

Já não basta aprender a ler e escrever, é necessário mais que isso para ir além da alfabetização. No caso do letramento digital não é diferente. É preciso ir muito além do aprender a digitar em um computador. Quando pessoas em situação de exclusão social passam a ter acesso ao computador e a seus recursos, pode-se falar em popularização ou mesmo em democratização da informática, mas não

necessariamente em inclusão digital. (...) a inclusão é um processo em que uma pessoa ou grupo de pessoas passa a participar dos usos e costumes de outro grupo, passando a ter os mesmos direitos e os mesmos deveres dos já participantes daquele grupo em que está se incluindo. (PEREIRA, 2005 apud RIBEIRO, 2008, p. 38)

Outro questionamento se referiu às dificuldades quanto ao manuseio do computador ou de outras ferramentas tecnológicas, a maioria dos informantes do questionário alegou não possuir dificuldades, como podemos ver no gráfico:

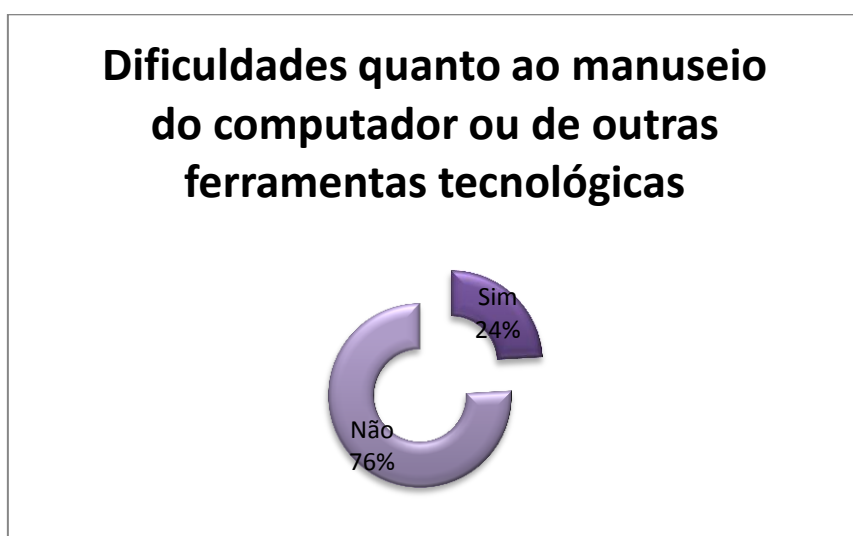


Gráfico 12

Já no que diz respeito às cinco informantes da entrevista, 3 alegaram que não sentem dificuldades, como a informante 1 (*vide* apêndice 3): “Não. Quanto ao manuseio não”, e a informante 5 (*vide* apêndice 7): “Não, não, dificuldade não. É fácil”. Já as informantes 3 e 4 alegaram sentir dificuldades no manuseio de *notebook* e/ou *tablet*, como respondeu a informante 3 (*vide* apêndice 5) : “Às vezes no notebook tem coisas que não sei mexer, no *tablet* também, como é um aparelho recente né? Eu ainda não sei mexer muito”, e a informante 4 (*vide* apêndice 6): “Eu sinto dificuldade, principalmente em relação a *notebook*, eu uso muito, mas eu sinto dificuldade”.

Além da questão do manuseio da máquina, também questionamos quanto ao uso dos seus respectivos programas e/ou aplicativos, bem como o uso da internet. Nesse tópico, podemos notar um balanceamento entre aqueles que têm ou não dificuldades, apesar da maioria ter respondido que não sente dificuldades, o outro lado que disse ter foi de uma quantidade significativa, como mostra no gráfico abaixo:

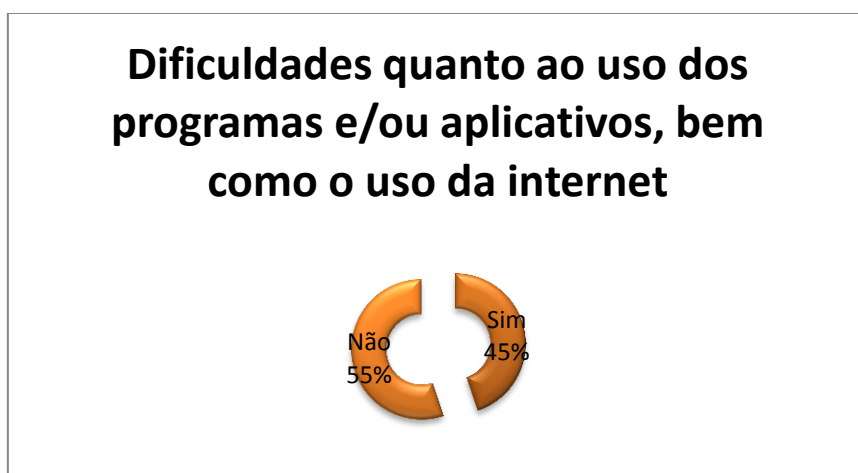


Gráfico 13

Os programas e aplicativos mais citados pelos informantes do questionário, como sendo os que sentem mais dificuldades são: *excel*, *power point*, *fotoshop*, *adobe*, *word*, aplicativos para baixar arquivos da internet, e o próprio uso da internet para baixar músicas, vídeos e aplicativos.

Na entrevista, três das informantes alegaram que não sentem dificuldades quanto ao uso de programas, aplicativos e sites de que fazem uso, como afirmou a informante 3 (*vide* apêndice 5): “Não, consigo, sites e aplicativos consigo”. Já as duas demais informantes alegaram que sentem dificuldades com alguns deles sim, como respondeu a informante 1 (*vide* apêndice 3): “Aí já é um pouco complicado, tenho dificuldades com alguns aplicativos e sites” “Tipo, por exemplo, professora, quando vai ali para o *power point* né? Não é *power point* que chama? Então, ali eu tenho uma dificuldade imensa pra fazer os slides”; e a

informante 4 (*vide* apêndice 6): “Acessar mesmo, procurar alguma coisa nos sites, eu sinto dificuldade. Em relação ao novo *Windows* eu sinto uma dificuldade enorme”.


2.4.1 Autocrítica do blog *Nos Gusta Español e Site Elo*

O blog *Nos Gusta Español* foi elaborado em um contexto em que o foco era disponibilizar um espaço, que poderíamos chamar de ambiente virtual de aprendizagem (AVA), para o ensino de línguas. O objetivo principal era possibilitar que os alunos tivessem contato com a língua estrangeira a partir de rádio e tv *online*, revistas *online*, jornais *online*, sites educativos, jogos, entre outros. Além de terem acesso às expressões coloquiais da língua estrangeira estudada, vocabulário, histórias em quadrinhos; e que pudessem reforçar os assuntos gramaticais vistos em sala, a partir de atividades online. No entanto, em nenhum momento foi pensando que esse mesmo ambiente, que apresenta grande potencial, poderia também servir para a formação e desenvolvimento dos variados letramentos, inclusive, o letramento digital. Nem poderia, já que na época eu tinha um conhecimento ainda muito vago e superficial do que seria letramento digital, por essa razão, não tive a sensibilidade de pensar nessa questão e refletir maneiras de como eu, enquanto professora de língua espanhola, poderia possibilitar o desenvolvimento dos letramentos dos meus alunos.

Acredito que, assim como eu, muitos professores não têm essa sensibilidade, não têm conhecimento da existência de variados letramentos, muito menos de como pode direcionar seu ensino em função de formar alunos letrados. A formação acadêmica ainda é baseada na alfabetização, nos ensina a alfabetizar, não a letrar. Então, acredito que o ensino da Educação Básica é um reflexo da formação de magistério que os professores tiveram e seguem tendo. Nesse contexto, cabe frisar a importância de discutir mais a fundo o tema ‘letramentos’ na formação acadêmica, como também proporcionar práticas e oficinas de como alfabetizar letrando.

O tema ‘letramentos’ é muito amplo, complexo, e merece um espaço maior de discussão e formação. Hoje, a partir das leituras que tive que realizar para esta pesquisa, acredito que tenho um pouco de conhecimento e sensibilidade do que seria letramento digital, mas sinto que ainda tenho muito a aprender, muito a aprofundar sobre esse tema, principalmente, aprender a prática, aprender a alfabetizar letrando.

Como tudo nessa vida é um processo de crescimento e desenvolvimento, estou melhorando aos poucos e começo esse processo reconhecendo que as atividades realizadas no site *Elo* estiveram focadas somente na estrutura da língua, no conhecimento sistemático, como podemos visualizar nas figuras abaixo:



Hoy vamos a ver cuando los pretéritos indefinido e imperfecto aparecen juntos. En este caso, el pretérito indefinido expresa la acción principal, mientras que el pretérito imperfecto describe la causa o las circunstancias en las que se desarrolla la acción principal.

En esta tarea vas a organizar las secuencias para elaborar la historia...

¿Vamos a comenzar?

Estudí por la noche porque necesitaba trabajar para pagar las cuentas.
Cuando tenía 20 años, me fui de la casa de mis padres porque quería vivir solo.
Fue una experiencia muy importante para mí.
Maduré muy rápido porque tenía que cuidar de todas las tareas y obligaciones de la casa.
Pero logré trabajar y cumplir con los estudios.
Estudiaba mucho, por eso, logré una beca para hacer un intercambio y viví 1 año en España.
Hoy soy graduado, tengo un buen trabajo.
Me ayudó muchísimo a adquirir la fluidez de la lengua española.
Soy una persona feliz.
Si pudiera volver al pasado, certamente, lo haría nuevamente.

Figura 17: Exemplo de atividade 1

Fonte: http://elo.pro.br/cloud/aluno/atividade.php?id=343&limpa_score=1

Neste exemplo de atividade 1, solicitei que o aluno organizasse as sequências das frases, para que pudessem montar a história. Sendo que o foco esteve somente em trabalhar com dois tipos de pretéritos da língua espanhola, que havia estudado em sala.



Figura 18: Exemplo de atividade 2

Fonte: http://elo.pro.br/cloud/aluno/atividade.php?id=342&limpa_score=1

Já neste exemplo de atividade 2, solicitei que o aluno realizasse a tarefa que consistia em um jogo de memória. Porém, uma vez mais, o foco esteve somente em trabalhar com outros dois tipos de pretéritos da língua espanhola, que havia estudado em sala.

Sendo assim, as atividades realizadas estiveram fechadas no conhecimento sistemático, de modo que não possibilitaram o trabalho com os ‘letramentos’, além de que não explorou a potencialidade que a tecnologia tinha a oferecer.

Na entrevista, perguntamos se as alunas tinham realizado as atividades do *blog* por obrigação, somente para cumprir a tarefa porque era pontuação da disciplina, ou se teve alguma relevância para suas vidas. Queríamos saber se estavam somente aprendendo a serem alunas ou aprendendo algo relevante para elas. Responderam que a princípio fizeram porque era tarefa da disciplina, mas que depois gostaram, como afirmam as informantes:

Não, não foi só pra tarefa não. Como eu falei pra a senhora, eu entrava pra fazer a tarefa, mas eu olhava cada detalhe do blog. Depois da atividade eu não saia logo, porque quando é só para atividade, você entra, faz e logo sai. Mas eu olhava as tirinhas, olhava as músicas, ia para os verbos, ia para os textos, e para mim teve muita relevância. Informante 1 (*vide* apêndice 3)

Não, primeiramente, eu fiz porque tinha que fazer, era obrigação, mas, ao fazer eu não sentia tipo um peso, era legal fazer, era bom, acho que teve relevância. Informante 2 (*vide* apêndice 4)

No início sim, porém, depois que comecei a fazer as atividades achei interessante, era até divertido, porque através de brincadeiras estimulava mais para fazer as atividades, então, depois eu gostei. Tanto que fazia mais de uma vez a atividade pra ver se a pontuação aumentava (rsrsrs) Porque eu gosto muito de jogos online pra responder perguntas. Informante 3 (*vide* apêndice 5)

Eu acho que um pouco dos dois, Acho que senti a curiosidade de saber como era o blog, por isso, achei interessante fazer, e também pela questão de ter que fazer mesmo. A questão de saber como funciona o blog, de trabalhar com isso em sala de aula. Informante 4 (*vide* apêndice 6)

Eu achei interessante, o da música mesmo foi o que mais gostei. No começo foi só porque eu tinha que fazer mesmo, mas depois eu fui gostando, principalmente, a parte de música. Informante 5 (*vide* apêndice 7)

Mesmo que as respostas não tenham sido negativas, acredito que o trabalho com o *blog* poderia ser bem melhor, é uma ferramenta muito rica, que pode ser explorada muito mais e que possibilita o trabalho com os ‘letramentos’. Então, ainda pretendo realizar outra experiência, com outra turma, dessa vez, tendo como foco possibilitar maneiras de desenvolver o letramento digital dos alunos.

Também perguntamos se teria algo relevante, importante e/ou interessante que o *blog* poderia dispor. As sugestões recebidas foram as seguintes:

Vídeos com alunos, alunos da senhora, alunos brasileiros que estão nessa barreira, que estão tentando aprender a língua, poderia ser vídeos, por exemplo, falando de uma “ensalada de frutas”, tipo três a quatro pessoas fazendo uma salada de frutas, ou “vamos a hacer un pastel?” E fazer a receita... E se pudesse, poderia ter uma ferramentazinha pra a gente baixar as músicas. Informante 1 (*vide* apêndice 3)

Acho que vídeos explicativos ou só para descontração. Informante 2 (*vide* apêndice 4)

Que os conteúdos, é... trabalhados lá no blog, fossem trabalhados de uma forma assim criativa, como o vídeo do lixinho, da reciclagem, eu achei interessantíssimo aquele, foi uma forma de trabalhar além da reciclagem do meio ambiente, trabalhar o que tava sendo trabalhado também na sala de aula. Informante 5 (*vide* apêndice 7)

A partir dessas falas, podemos notar que as informantes apontam para algo diferente do ensino tradicional de línguas, já que quando sugerem o uso de vídeos que trazem situações

reais de alunos, no processo de aprendizagem da língua, como vídeos ensinando alguma receita, ou mesmo vídeos que tratam de algum tema transversal que está relacionado ao contexto real deles, indicam a possibilidade de utilizar e explorar as ferramentas tecnológicas disponíveis de maneira contextualizada.

2.4.1.1 O blog no contexto educacional

Apesar da autocrítica realizada a partir do trabalho inicial com o *blog Nos Gusta Español*, acreditamos na potencialidade que a ferramenta tecnológica *blog* possui, e nas possibilidades de práticas de letramentos que podem ser realizadas através dela. Cogitamos que o *blog* apresenta um leque de possibilidades de uso que vai além de um diário pessoal, que é um gênero que possui bastante potencial, e pode ser explorado no contexto educacional de diversos modos, a depender das necessidades dos docentes e discentes, além dos objetivos do curso e/ou disciplina. Nesse sentido, apresentaremos a seguir algumas contribuições possíveis dessa ferramenta no contexto educacional.

Os *blogs* podem expandir as paredes das salas de aula; podem possibilitar o desenvolvimento da autonomia e criatividade dos aprendizes, além de ampliar o campo da interatividade e interação; podem arquivar e compartilhar o conhecimento, bem como possibilitar a construção do conhecimento de modo colaborativo e coletivo; podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades específicas, além de alfabetizar os alunos na linguagem da sociedade da informação, entre outras contribuições que fazem do *blog* uma ferramenta pedagógica bastante significativa no contexto educacional, e no contexto da pedagogia web 2.0, já que ela não é apenas sinônimo de internet. É, sobretudo, a possibilidade de interação, participação, colaboração e autoria.

Richardson (2006 apud MATTAR, 2012, p.88) afirma que os *blogs* são ferramentas construtivistas por natureza, que expandem as paredes da sala de aula, arquivam o

conhecimento, suportam diversos estilos de aprendizagem, podem ajudar no desenvolvimento de habilidades específicas e alfabetizam os alunos na linguagem da sociedade da informação. O mesmo autor em questão ainda defende que os *blogs* podem ser criados pelos alunos (que assim podem refletir sobre o desenvolvimento de seus estudos), funcionar como e-portfólios, espaço colaborativo, ferramenta de comunicação interna, até mesmo como site da escola.

Rodrigues (2008 apud MATTAR, 2012, p.87) estuda o uso de *blogs* com alunos do ensino médio, concluindo que é pertinente utilizá-los como ferramenta pedagógica e que seu uso é motivador para os alunos, podendo gerar produções complexas e criativas.

Bezerra (2008 apud MATTAR, 2012, p.87) pesquisou diversos *blogs* educativos e concluiu que a hipertextualidade, a interatividade e o dialogismo são elementos-chave presentes nos *blogs* para a construção de novos saberes.

Kjellberg (2010 apud MATTAR, 2012, p.87) estudou o uso de *blogs* por pesquisadores, e identificou diversas razões que os motivaram a blogar: a possibilidade de compartilhar conhecimento, o fato de o *blog* contribuir para a criatividade, e fornecer um sentimento de estarem conectados em seu trabalho como pesquisadores.

De acordo com Mattar (2012), a facilidade na criação e na publicação, a possibilidade de construção coletiva, e o potencial de interação, tornaram o *blog* uma ferramenta pedagógica importante na educação contemporânea. No entanto, ainda podemos reiterar sua linha de pensamento com outras contribuições, dentre elas o desenvolvimento de:

- ✓ Autonomia;
- ✓ Criatividade;
- ✓ Imaginário;
- ✓ Competência argumentativa;
- ✓ Competência crítica;
- ✓ Habilidade cognitiva;
- ✓ Habilidades específicas para aquisição de uma língua;

- ✓ Linguagem pessoal e autoexpressão do aprendiz;
- ✓ Comportamento leitor e escritor;
- ✓ Amplitude de conhecimento de mundo;
- ✓ Capacidade para a decodificação e a apropriação de diferentes linguagens;
- ✓ Aprendizagem cooperativa;
- ✓ Construção do conhecimento de modo colaborativo;
- ✓ Possibilidade de trabalho interdisciplinar;
- ✓ Entre outros.

É uma ferramenta que tanto os alunos podem utilizar, para publicar suas produções individuais e/ou coletivas, além de tecerem comentários sobre outros textos; quanto os professores podem fazer uso para fornecer informações atualizadas, propor questões, exercícios, discussões de temas, além de indicar links para outros sites.

Outra questão importante que o *blog* possibilita é o contato com as diferentes linguagens, por se tratar de um espaço em que o aluno pode aprender a relacionar o texto verbal, visual e sonoro:

no caso dos *blogs*, a linguagem do computador e da Internet é permeada por imagens e sons que interagem com o texto escrito alfabético. Essa inter-relação de texto verbal, visual e sonoro problematiza os conceitos tradicionais de que uma imagem serve apenas de paráfrase ou complemento a um texto escrito, sendo, portanto essencialmente desnecessária para a compreensão do texto escrito. Em páginas da *web*, é na própria inter-relação entre imagem e texto escrito que se baseia a comunicação. (BRASIL, 2006, p. 105)

Lembrando que essa relação com as diferentes linguagens possibilita que o aluno assuma, além do papel de receptor (leitura) desses textos, o papel de produtor (escrita) deles, de maneira que pode contribuir com o desenvolvimento do ‘comportamento leitor’ e ‘comportamento escritor’ (LERNER, 2002) deles no meio digital.

É importante frisar que todas as contribuições citadas acima são ‘possibilidades’ que podem ocorrer ou não, pois, vão depender de como o *blog* seja utilizado e explorado pelos

docentes e discentes. Os *blogs* por si sós, assim como qualquer outra tecnologia, não são a solução. As tecnologias são neutras, o que vai determinar sua eficácia ou não no contexto educacional é a combinação com a metodologia. De nada vale utilizar uma tecnologia de última geração se a metodologia continua seguindo as ‘velhas práticas’.

Um exemplo que ilustra bem essa questão do uso da tecnologia X metodologia é um caso fictício de uma professora de matemática que utiliza o ‘quadro negro’ e ensina a tabuada a partir de sua memorização. Depois de um tempo, a escola oferece tecnologias digitais como uma “inovação”, mas apesar da professora agora utilizar uma ‘lousa digital’, além de cada aluno seu dispor de um computador, ela continuou ensinando a tabuada a partir de sua memorização, ou seja, a única mudança notável é a de suporte, pois, suas práticas metodológicas seguiram da mesma maneira. Podemos visualizar esse exemplo no YouTube, no vídeo intitulado “Metodologia ou tecnologia”.¹⁰

2.4.1.2 *Uso contextualizado das TIC na educação*

As tecnologias da informação e comunicação (TIC) representam muito no mundo de hoje e possibilitam o acesso à informação e aquisição de conhecimento com facilidade. Nesse contexto, é essencial focar na formação de letrados digitais, para que os alunos possam se incluir digitalmente e possam aproveitar o que o ambiente digital tem de melhor a oferecer:

Embora esteja claro que muitos novos letramentos estão emergindo rapidamente, cremos que os mais essenciais do ponto de vista da escola se agrupam ao redor da Internet e permitem aos alunos explorar as extensas TICs que se tornaram disponíveis em um ambiente online e conectado. Na era da informação, acreditamos ser essencial preparar os alunos para estes novos letramentos porque eles são centrais para o uso da informação e aquisição de conhecimento (Leu, Kinzer, Coiro e Cammack, 2004 apud GIMENEZ et al., 2014)

¹⁰ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xLRt0mvvpBk>

Cabe frisar que a tecnologia não é neutra, pois, o desenvolvimento tecnológico, bem como as mudanças sociais estão ligados aos valores culturais já existentes:

a tecnologia, como qualquer produto social não é neutra: sua criação ou adoção por comunidades específicas é guiada por interpretações sobre o potencial que elas tem para satisfazer necessidades sociais específicas. Em outras palavras, a direção do desenvolvimento tecnológico e das mudanças sociais dele advindas está sempre ligada à valores e ideologias culturais pré-existentes que podem também mudar em novas direções quando a adoção dessa tecnologia transforma a própria natureza das práticas sociais pré-existentes (BRAGA, 2007 apud BRAGA, 2010, p. 375).

Nesse sentido, os educadores e/ou formadores precisam escolher a/s tecnologia/s levando em consideração o contexto em que o aluno está inserido. E logo, pensar em propostas pedagógicas que visem o desenvolvimento das capacidades cognitivas, sociais, linguísticas, multimodais e políticas dos aprendizes de línguas. Devem pensar, também, na formação de cidadãos críticos, conscientes do seu papel social, cujo conhecimento se constrói a partir de práticas contextualizadas:

Por ora, como professores, nós ainda estamos encarregados com a responsabilidade de encontrar maneiras inovadoras para incorporar os novos letramentos na prática de sala de aula. As habilidades e o conhecimento do letramento impresso são essenciais, mas não são suficientes para dar assistência aos jovens, ao passo que eles vivem suas vidas em uma sociedade de informação e rede.

[...]

A responsabilidade dos educadores de letramento é proporcionar aos jovens oportunidades cuidadosamente planejadas para que eles aprendam como se tornar navegadores críticos no novo panorama do letramento em tempos digitais. (SNYDER, 2009 apud GIMENEZ et al., 2014)

Nosso papel enquanto professores é de contextualizadores, ou seja, pensar e possibilitar maneiras e oportunidades para que nossos alunos possam fazer uso das tecnologias e possam realizar práticas de letramentos dentro dos seus contextos. E quando tratamos de ‘letramentos’ estamos nos referindo aos mais variados tipos de letramentos que venham a ser úteis para eles, inclusive, o letramento digital.

2.5 Nativos e Imigrantes digitais

O universo tecnológico trouxe consigo uma divisão entre os indivíduos que têm acesso e sabem fazer uso das novas tecnologias, considerados *nativos digitais*; e os indivíduos que, apesar de terem acesso, sentem dificuldades e/ou limitações quanto ao uso dessas tecnologias, considerados *imigrantes digitais*. Nesta pesquisa, refletimos sobre tais classificações, de maneira que nos instigou ao seguinte questionamento: quem são de fato esses *nativos digitais*?

Você os vê em toda parte. A garota adolescente com o *iPod*, sentada à sua frente no metrô, digitando freneticamente mensagens em seu telefone celular. O inteligente garoto estagiário de verão do seu escritório, a quem você pede ajuda quando o seu programa cliente de *e-mail* falha. A garota de 8 anos que consegue bater você em qualquer *videogame* – e também digita muito mais rápido do que você. Até a sua sobrinha recém-nascida em Londres, que você ainda não conheceu, mas a quem já está ligado devido à série de fotos digitais que chegam toda semana. (PALFREY et al., 2011, p. 11)

Segundo Prensky (2001), os alunos de hoje mudaram radicalmente, já não são os mesmos para os quais o nosso sistema educacional foi criado. Estes não mudaram somente no que diz respeito as suas gírias, roupas, enfeites corporais, ou estilos, em relação às gerações anteriores, mas, sobretudo, passaram por uma rápida difusão da tecnologia digital nas últimas décadas do século XX. É nesse contexto que o autor denomina os estudantes de hoje de *nativos digitais*, estes, falantes nativos da linguagem digital de computadores e internet; e a geração mais antiga de *imigrantes digitais*, estes, falantes de uma linguagem “ultrapassada” da era pré-digital.

O *nativo digital* seria, então, o indivíduo que nasceu imerso nas tecnologias, de modo que o acesso e uso delas passa a ser algo natural. Diferentemente dos colonizadores digitais, que são as pessoas mais velhas que estavam presentes no surgimento das tecnologias digitais online, mas que não, necessariamente, tiveram as tecnologias presentes e imersas nas suas

vidas; e os *imigrantes digitais*, que são aqueles que passam a fazer uso das tecnologias um pouco tarde, já mais velhos, e, por essa razão, sentem certa dificuldade e/ou limitação. Como tratam Palfrey et al. (2011) quando afirmam que quando as tecnologias digitais chegaram online:

Algumas pessoas mais velhas estavam ali no início, os Colonizadores Digitais – não nativos do ambiente digital, porque cresceram em um mundo apenas analógico, mas que ajudaram a moldar seus contornos. Estas pessoas mais velhas também estão *online* e, muito sofisticadas no uso dessas tecnologias, ainda continuam a se basear muito nas formas tradicionais e analógicas de interação. Outras estão menos familiarizadas com esse ambiente, os Imigrantes Digitais, que aprenderam tarde na vida a mandar *e-mails* e usar as redes sociais. (PALFREY et al., 2011, p. 13)

O *imigrante digital* é aquele que tenta conhecer, acessar e fazer uso das tecnologias digitais, até para não se sentir excluído, e sentir que faz parte do mundo globalizado e tecnológico. No entanto, ele ainda mantém seus valores culturais antigos, logo, apresentam certa resistência quanto ao novo perfil que o *nativo digital* apresenta, por essa razão:

há também uma boa chance de que um Nativo Digital o tenha aborrecido. Aquele mesmo assistente, que escreve *e-mails* inadequadamente informais para seus clientes – e de certo modo ainda não sabe como compor uma verdadeira carta impressa. Ou talvez sua filha, que nunca desce para o jantar porque está sempre ocupada, *online*, conversando com seus amigos. E quando ela desce para jantar, não para de escrever mensagens de texto para os mesmos amigos, debaixo da mesa. (PALFREY et al., 2011, p. 11)

Podemos perceber características peculiares que esses *nativos digitais* apresentam, como o exemplo do assistente que escreve *e-mails* de maneira informal, que aponta uma mudança da linguagem, agora informal, objetiva, reduzida; ou o exemplo da filha, que já não compartilha o momento do jantar com a família, e quando resolve fazê-lo, não sabe se desconectar e escreve as mensagens por debaixo da mesa; atitudes que acusam que o *nativo digital* não faz distinção entre o *online* e o *off-line*, para ele não há diferença, não há separação, justamente porque nasceu e vive imerso nesse mundo tecnológico.

Certamente, essas características não são as únicas, o *nativo digital* é aquele que também apresenta uma nova maneira de ler e escrever, conseqüentemente, um novo comportamento leitor e escritor (LERNER, 2002). Além das relações de amizade, que agora surgem e se mantêm na rede, com pouco contato presencial, o ato de compartilhar, seja uma foto, um vídeo, uma música, um texto, um site etc. Em resumo, há toda uma mudança no que diz respeito à identidade desse indivíduo, já que as mudanças das velhas práticas para as novas práticas refletem, diretamente, nos seus aspectos identitários.

Perguntamos aos informantes desta pesquisa o ano de nascimento deles, para que pudéssemos identificar se poderiam ser considerados ou não *nativos digitais*, e encontramos o seguinte resultado:

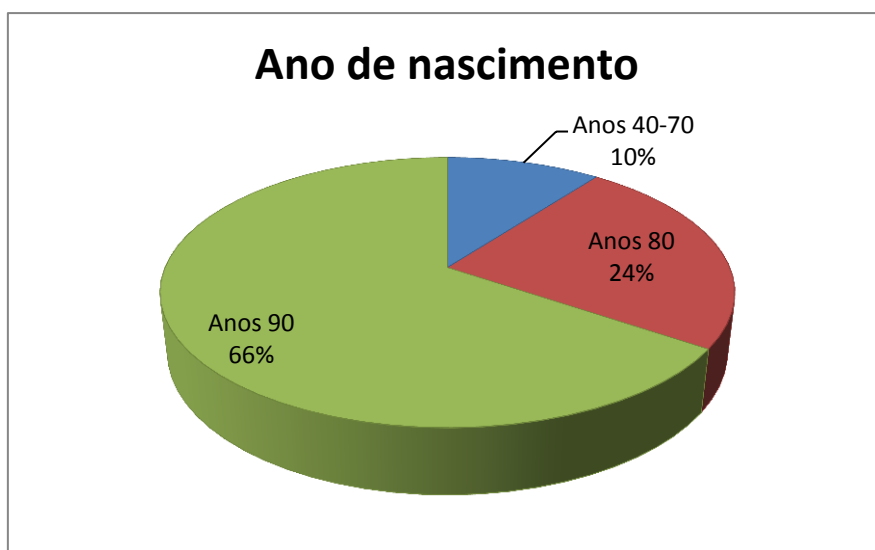


Gráfico 14

Se considerarmos o que Palfrey et al. (2011, p.11) dizem: “Todos eles são *Nativos Digitais*. Todos nasceram depois de 1980”, podemos dizer que a grande maioria pode ser considerada *nativa digital*, já que apenas 10% nasceram entre os anos 40 a 70, os demais nasceram entre os anos 80 e 90. Mas será que o aspecto temporal é suficiente para classificar um indivíduo como *nativo* ou *imigrante digital*?

Não! Não podemos tomar como referência apenas o aspecto temporal, porque é uma generalização que não alcançaria a potencialidade do que é ser um *nativo digital*. A começar pelo aspecto econômico, se tomamos como referência a quantidade de habitantes da população mundial, a minoria tem acesso às tecnologias, inclusive para aqueles nascidos a partir da década de 80. Nesse sentido, Palfrey et al. (2011, p.24) trazem uma crítica quanto ao uso generalizado do termo *nativo digital*:

chamá-la de *geração* de Nativos Digitais – um exagero, especialmente se considerarmos que apenas 1 bilhão dos 6 bilhões de pessoas no mundo tem acesso às tecnologias digitais – pense nela como uma população.

Outro ponto a ser levado em consideração é o extremo existente entre os países ricos e emergentes, o primeiro, por oferecer uma maior estrutura, pode possibilitar a existência de *nativos digitais* com maior facilidade; diferente dos países emergentes, que na grande parte apresenta escassez, não somente quanto à estrutura tecnológica, como também em outras questões, como afirmam Palfrey et al. (2011, p.24):

países ricos como os Estados Unidos e a Suíça têm altos níveis de acesso de banda larga às residências, altos índices de alfabetização e sistemas educacionais que (frequentemente) enfatizam o pensamento crítico. Como resultado, muitos garotos dos países ricos são Nativos Digitais. No mundo em desenvolvimento, a tecnologia é menos prevalente, e também a eletricidade é, com frequência, escassa, o índice de analfabetismo é alto, e os professores que sabem como instruir as crianças com segurança no uso das tecnologias são mais escassos ainda.

No entanto, o fato do país ser rico, ter estrutura e oferecer as tecnologias para sua população, ainda não garante que o indivíduo seja considerado *nativo digital*, já que também devemos levar em consideração o aspecto da habilidade, ou seja, se o indivíduo tem a facilidade e/ou a habilidade necessária para fazer uso de maneira eficaz dessas tecnologias:

Há uma divisão até mesmo nos países ricos. Nos Estados Unidos, embora a maioria das crianças possa ter acesso à tecnologia, há enormes divisões entre as crianças que têm as habilidades para utilizá-la e aquelas que não as têm. (PALFREY et al., 2011, p. 24)

Outros aspectos não menos importantes e determinantes são os sociais e culturais. Também precisamos levar em consideração se a comunidade social no qual o indivíduo está inserido tem acesso e/ou faz uso de tecnologias digitais; bem como se o contexto cultural dessa comunidade permite e/ou possibilita o uso dessas tecnologias.

Sendo assim, não podemos afirmar que a maioria (90%) dos informantes desta pesquisa pode ser considerada *nativa digital*, por haverem nascido entre os anos 80 e 90, pois, é um aspecto vazio para tal classificação, ou seja, insuficiente. Além de que não temos conhecimento suficiente dos seus contextos sociais e culturais, bem como seus aspectos econômicos e habilidades para o manuseio das tecnologias digitais. Seria necessária uma investigação detalhada de todos esses aspectos para que pudéssemos chegar a uma classificação aproximada se a maioria poderia ser ou não considerada *nativa digital*.

A realidade é que o fato de dois indivíduos terem nascido na década de 90, por exemplo, não quer dizer que cresceram imersos nas tecnologias digitais, tampouco que cresceram como *nativos digitais*:

A grande maioria dos jovens nascidos no mundo hoje não está crescendo como Nativos Digitais. Há um grande abismo de participação entre aqueles que são Nativos Digitais e aqueles que têm a mesma idade, mas que não estão aprendendo nem vivendo da mesma maneira. (PALFREY et al., 2011, p. 24)

O ideal é que a tecnologia se integre às nossas vidas de maneira a tornar-se natural, como afirma Bax (2003 apud Paiva, 2010, p. 7): “A tecnologia é integrada às nossas vidas e torna-se invisível —‘normalizada’”. Bem ou mal, estamos atrelados ao meio tecnológico digital, logo, cabe a nós sabermos utilizar tais inovações a nosso favor.

No que se refere ao questionamento se o *nativo digital* poderia ser considerado letrado digital, acreditamos que não tem influência direta no desenvolvimento do letramento digital, porque do mesmo modo que o indivíduo saber falar e escrever não garante que ele seja letrado, podemos dizer que o indivíduo ter acesso à tecnologia e saber manuseá-la, facilmente, não garante que ele realize práticas de letramento digital com tal tecnologia, logo, não seria letrado digital.

CONCLUSÃO

Considerando as instituições de ensino como lugar de interação e construção do conhecimento colaborativo, é importante que os educadores reflitam e estudem maneiras de integrar as novas tecnologias ao processo de ensino/aprendizagem, de modo que possibilite um conhecimento mais autêntico, significativo e útil na vida dos educandos. Segundo Paiva (2010), o experiencialismo trata do conhecimento como sendo um produto dinâmico e social, produto este que emerge da participação e inteligência da comunidade, do coletivo. Nesse sentido, o aprendiz passa a ser experimentador do novo, um novo que muda constantemente, e que tem pressa em ser descoberto e experimentado. Essa perspectiva está presente na abordagem da pedagogia *web 2.0*, já que está apoiada pela concepção do conectivismo, que trata da aprendizagem como um processo de criação de conhecimentos, partindo da socialização e interação que o mundo da *web* possibilita. Conhecimento este que é personalizado através das ideias, colaboração, e criatividade da ligação entre diferentes mentes da comunidade; além de que a nova abordagem traz como foco o aprendiz como agente ativo no processo de ensino/aprendizagem, possibilitando que ele além de ser um consumidor passivo, passe a ser também um produtor ativo do conhecimento, havendo uma ponte entre o “eu receptor” e o “eu experimentador” do conhecimento.

É por acreditar que o processo de ensino/aprendizagem desenvolvido a partir da pedagogia *web 2.0* pode atender às necessidades do novo perfil de aprendiz, que agora busca uma autonomia e conectividade com o meio social, que sugerimos o trabalho com o *blog*, já que é um gênero que possibilita a interação, participação, colaboração e autoria. O *blog Nos Gusta Español* não explorou ao máximo o que a ferramenta tecnológica tem a oferecer, nem trabalhou com foco nos ‘letramentos’ por falta de conhecimento e preparo de quem o elaborou, no momento em que foi criado. Porém, acreditamos que o *blog* é uma ferramenta

capaz de possibilitar o desenvolvimento do letramento digital dos alunos, a depender de como seja trabalhado e explorado. Além de ser uma ferramenta que funciona, também, como suporte de outras ferramentas tecnológicas, então, possibilita que os alunos conheçam e aprendam a usar variadas tecnologias da informação e comunicação de maneira contextualizada, além de possibilitar a interatividade com variadas interfaces.

No que se refere ao letramento tradicional, acreditamos que é possível que um indivíduo realize uma prática de letramento mesmo que não seja alfabetizado. Tudo vai depender do grau de letramento, já que diferentes práticas de letramentos requerem diferentes níveis de alfabetização, bem como tal conhecimento pode não ser determinante para a realização de determinada prática. Desse modo, uma prática de letramento de grau simples pode requerer um conhecimento básico de alfabetização, uma prática de letramento de grau complexo pode requerer um conhecimento elevado de alfabetização, como também uma prática de letramento pode não pedir, necessariamente, um conhecimento de alfabetização para a realização dela, como exemplo, um compositor analfabeto que compõe uma música.

Já no que diz respeito ao letramento digital, entramos em uma situação diferente, porque para realizar uma prática de letramento, o indivíduo precisa utilizar algum tipo de tecnologia. É o tipo que consiste, basicamente, na apropriação da tecnologia em prol das práticas sociais que a cultura digital demanda, logo, para que um indivíduo se aproprie de uma tecnologia ele precisa saber manuseá-la, ainda que, minimamente. É nesse contexto, que entra a questão da alfabetização digital, aqui vista como o saber utilizar o computador, bem como outras ferramentas tecnológicas (*hardwares*), além de seus programas, aplicativos e internet (*softwares*), para incluir-se digitalmente na *cibercultura*.

Em relação às habilidades necessárias para que um indivíduo possa ser considerado alfabetizado digital, defendemos que a possibilidade de pontuar uma lista de habilidades básicas e/ou mínimas, para que um indivíduo seja considerado alfabetizado digital é muito

delicado, pois, pode ser que nem todas as habilidades apontadas como básicas sejam necessárias para o uso, em um determinado contexto específico do indivíduo. Assim como o seu contexto poderia pedir alguma habilidade que não estivesse na lista de habilidades básicas. Sendo assim, talvez restringir o alfabetizado digital não seja a melhor opção.

Nesse sentido, acreditamos que a questão não está em conhecer e saber utilizar tudo, mas em saber acessar e manusear os *hardwares* e *softwares* necessários para realizar uma ação no seu contexto de uso (trabalho, acadêmico, pessoal) e necessidades de cada sujeito. Também pensamos que é impossível saber manusear todos os *hardwares* e *softwares*. Primeiro, pela grande quantidade já existente no mundo virtual. Segundo, porque a criação deles segue uma cadeia contínua e infinita, ou seja, sempre teremos novas máquinas, novos programas e novos aplicativos. E terceiro, porque muitos dos *hardwares* e *softwares* possuem um nível de complexidade bastante elevado e são pensados e criados para contextos específicos, contextos estes que não teriam valor ou serventia para um indivíduo comum, por exemplo.

Podemos considerar como alfabetizado digital o indivíduo que possui certo conhecimento da mecânica do *hardware* e/ou *software*, ou seja, aquele que possui conhecimento das técnicas necessárias para utilização das ferramentas tecnológicas, bem como das tecnologias da informação e comunicação, que fazem parte do seu contexto de uso. Podendo ser um computador, *tablet*, *notebook*, *smartphone*, programas, aplicativos, saber acessar e utilizar a internet etc. No entanto, para que o indivíduo participe do exercício efetivo das práticas sociais que envolvem a cultura escrita, ter o conhecimento técnico não é suficiente, além dessa habilidade é importante que tenha noção dos conhecimentos e valores da cultura no qual está inserido, ou seja, saber fazer uso dessa técnica nos contextos sociocomunicativos. Sendo assim, acreditamos que a alfabetização digital seria a técnica que

permite acessar e manusear a tecnologia; e o letramento digital seria o uso das tecnologias nas práticas sociais da *cibercultura*.

Quanto aos níveis de alfabetização digital, podemos classificar um indivíduo como analfabeto digital, quando não conhece as técnicas básicas de acesso e manuseio das tecnologias digitais; semianalfabeto digital, quando conhece as técnicas de modo limitado por estar no processo de aprendizagem; e alfabetizado digital, quando conhece as técnicas de acesso e manuseio das tecnologias digitais de que faz uso, independentemente do nível de complexidade.

Em relação ao questionamento de como a alfabetização digital pode influenciar no desenvolvimento do letramento digital, acreditamos que ser alfabetizado digital não é determinante para que um indivíduo possa realizar uma prática de letramento, porém, defendemos que o indivíduo precisa ter um conhecimento mínimo, ou seja, um grau mínimo de alfabetização digital da ferramenta tecnológica, para que possa fazer uso dela, e possa realizar a prática de letramento digital em um dado contexto específico. Um indivíduo pode realizar uma prática de letramento através de um vídeo, por exemplo, e para isso pode precisar saber apenas apertar o *play*, para gravar o vídeo, e apertar o *stop*, para finalizar o vídeo. Porém, mesmo sendo um conhecimento técnico “simples”, não deixa de ser um conhecimento de alfabetização digital, já que tem a ver com o manuseio da ferramenta tecnológica, ainda que em um grau mínimo de alfabetização digital. Além disso, pensamos que o conhecimento de alfabetização tem influência direta no nível e/ou grau de letramento, porque se pressupõe que se um indivíduo tem maior domínio quanto ao manuseio de uma determinada tecnologia, logo, ele poderá ter mais possibilidades de práticas de letramento.

Desse modo, defendemos que ele não precisa ser, necessariamente, um alfabetizado digital, no sentido que não precisa saber manusear todas as ferramentas tecnológicas, isso porque ele pode ser letrado digital em um contexto e não ser letrado digital em outro contexto,

sendo assim, pode saber manusear uma ferramenta e não saber manusear outra ferramenta diferente. No entanto, como estamos tratando de tecnologia, ao menos um conhecimento mínimo de manuseio da ferramenta é necessário para realizar uma prática de letramento com tal tecnologia. Então, a questão determinante não é ser ou não alfabetizado digital, mas vai depender do nível de alfabetização exigido pelo grau de letramento de determinada prática.

A interação aluno/interface corresponde à interação que ocorre entre o aluno e a tecnologia nas mediações em EAD, já que o aluno precisa utilizá-la para interagir com o conteúdo, o professor e os outros alunos. Mas também podemos fazer referência a esse tipo de interação existente entre pessoa/máquina fora do contexto educacional.

Não podemos afirmar até que ponto a interação aluno/interface influencia no desenvolvimento do letramento digital, porém, acreditamos que a interação pode influenciar no processo, já que a interação aluno/interface também está ligada à alfabetização digital, no sentido que o indivíduo precisa do conhecimento técnico para que possa interagir com a máquina. Além da questão do uso, até que ponto ele faz uso e explora a tecnologia na sua interação também pode influenciar na realização das práticas de letramento. Nesse contexto, quanto melhor for sua interatividade com a tecnologia, melhores poderão ser suas possibilidades de práticas de letramento digital, em contrapartida, quanto mais limitada for sua interatividade com a tecnologia, mais limitadas também serão suas possibilidades de práticas de letramento digital.

No que se refere aos conceitos de *nativos digitais* e *imigrantes digitais*, podemos dizer que os primeiros seriam os indivíduos que nasceram imersos nas tecnologias, de modo que o acesso e uso delas passaram a ser algo natural; e os segundos seriam aqueles que passaram a fazer uso das tecnologias um pouco tarde, já mais velhos, e, por essa razão, sentem certa dificuldade e/ou limitação.

Também defendemos que o termo *nativo digital* não deve ser empregado de forma generalizada, como vem sendo feito, porque envolvem muitas questões que devem ser levadas em consideração: aspecto temporal, social, cultural, econômico; além da própria habilidade com o uso das tecnologias. Ainda não temos uma geração completa que nasceu, viveu e partiu imerso nas tecnologias, então, é um processo lento e vai demorar um pouco para que os indivíduos como todo possam nascer e viver como *nativos digitais*.

No diz respeito à relação da condição de *nativo digital* com o processo de letramento digital, acreditamos que não tem influência direta no desenvolvimento do letramento digital, porque do mesmo modo que o indivíduo saber falar e escrever não garante que ele seja letrado, podemos dizer que o indivíduo ter acesso à tecnologia e saber manuseá-la, facilmente, não garante que ele realize práticas de letramento digital com tal tecnologia, logo, não seria letrado digital.

No que tange à discussão sobre o letramento digital, de modo geral, poderíamos dizer que se trata do uso das tecnologias nos exercícios efetivos das práticas socioculturais, em uma comunidade de prática.

No que se refere às habilidades necessárias para que um indivíduo possa ser considerado letrado digital, acreditamos que também não há uma lista fixa e preconcebida de habilidades necessárias para que um indivíduo seja considerado letrado digital, isso porque o letramento é infinito, é um processo contínuo em que desenvolvemos, gradualmente, a partir das práticas de letramento. Além de que existem vários tipos de letramentos, mas, mesmo um letramento específico possui suas ramificações, logo, não existe o ‘letramento digital’, existem ‘letramentos digitais’, pois, diferentes ferramentas tecnológicas e diferentes contextos terão como consequência diferentes letramentos. Desse modo, dentro do próprio letramento digital, um indivíduo pode saber realizar uma prática de letramento em um dado contexto

tecnológico, como pode não saber realizar outras práticas de letramentos em outros contextos tecnológicos.

Em relação ao lugar e o modo onde um indivíduo deve aprender e/ou adquirir o letramento digital, reforçamos que o letramento digital não é um curso de informática, sendo as instituições de ensino, desde a Educação Básica até o Ensino Superior, as principais responsáveis por essa formação. Contudo, as instituições de ensino não são as únicas que possibilitam a formação letrada de um indivíduo, elas seriam um tipo de agência de letramento, desse modo, ele também pode adquirir o letramento no trabalho, na rua, em casa, entre outras agências, a partir das práticas de letramentos que cada uma solicita.

No que se refere aos níveis de letramento digital, estamos de acordo com o que Ribeiro (2008) defende a respeito de não existir ‘grau de letramento zero’ se tomamos como referência o contexto social em que nos encontramos, porque mesmo que o indivíduo não saiba fazer uso da tecnologia nas práticas sociais, no mínimo ele reconhece alguns elementos que compõem o texto na tela, sendo considerado semiletrado digital. No entanto, concordamos com a classificação de Buzato (2001) quanto ao ‘iletramento’ se tomamos como referência comunidades isoladas, como por exemplo, comunidades indígenas tradicionais. Nesse caso, acreditamos que seria possível falar de ‘iletramento’, porque se a tecnologia não faz parte do seu contexto, do seu mundo, de maneira que ele não tem acesso nem conhece a tecnologia, logo, não sabe manuseá-la, não poderia realizar práticas de letramento digital, podendo então ser classificado como iletrado digital.

A partir dos dados analisados na pesquisa realizada com os alunos de graduação em Letras/Espanhol e Letras Português/Espanhol (mencionados na pesquisa), da Universidade Federal de Sergipe, acreditamos que não podemos afirmar que a maioria não é letrada digital, porque dentro do próprio letramento digital existem ramificações, de maneira que um indivíduo pode ser letrado digital em um contexto e não ser letrado digital em outro contexto.

Dessa maneira, as ferramentas utilizadas (*blog Nos Gusta Español e site Elo*) não podem medir e/ou responder se os alunos são letrados digitais ou não, já que são apenas um tipo de espaço de escrita, um tipo de mecanismo de produção, reprodução e difusão da escrita do meio digital, bem como parte de um tipo de agência de letramento. Existem outros espaços de escrita, outros mecanismos, outras agências de letramento, que resultam em diferentes letramentos, então, os alunos que não conseguiram demonstrar as práticas exigidas pelo *blog e site* podem demonstrar as práticas em outros eventos de letramento, podendo ser considerados letrados em um dado contexto de letramento e não letrados em outro contexto. Em relação às habilidades necessárias para que esses alunos possam ser considerados letrados digitais, acreditamos que eles precisam ter o conhecimento das habilidades necessárias para o seu uso e contexto, seja o acadêmico e/ou pessoal, ou seja, não precisam conhecer e/ou dominar todas as habilidades. O letramento deles pode ser aprendido e/ou adquirido na universidade, no trabalho, em casa, na rua, entre outras agências de letramento; a partir das próprias práticas de letramento realizadas. Em relação à alfabetização digital deles, como para realizar uma prática de letramento precisam utilizar algum tipo de tecnologia, pode influenciar no sentido que precisam manusear, minimamente, a tecnologia necessária para realizarem determinada prática de letramento. Porém, esse conhecimento vai depender do grau de letramento, este pode requerer um conhecimento de alfabetização digital básico, como também pode requerer um conhecimento mais complexo. Já no que se refere à interação aluno/interface, pensamos que pode influenciar no desenvolvimento do letramento digital deles, no sentido que precisam interagir com a tecnologia para que possam realizar uma prática de letramento, consequentemente, caso tenham uma boa interação, poderão realizar essas práticas com mais facilidade. Porém, o fato de terem uma boa interação com a máquina não garante que realizem práticas de letramento, já que eles podem saber manusear e ter facilidade na interação com a

máquina, e não saberem fazer uso dela nas situações socioculturais de comunicação que o mundo digital requer.

Em relação ao questionamento se os alunos (informantes da pesquisa) poderiam ser considerados *nativos digitais*, não podemos afirmar que a maioria (90%) dos informantes desta pesquisa pode ser considerada *nativa digital*, por haverem nascido entre os anos 80 e 90, pois, é um aspecto vazio para tal classificação, ou seja, insuficiente. Além de que não temos conhecimento suficiente dos seus contextos sociais e culturais, bem como seus aspectos econômicos e habilidades para o manuseio das tecnologias digitais. Seria necessária uma investigação detalhada de todos esses aspectos para que pudéssemos chegar a uma classificação aproximada se a maioria poderia ser ou não considerada *nativa digital*.

Por fim, assim como Soares (2001) defende que o ideal seria alfabetizar letrando, defendemos que o ideal seria letrar-se, levando em consideração a heterogeneidade existente nos variados tipos de linguagem e cultura, ou seja, não limitar o letramento à cultura da escrita, mas também a outros tipos de letramentos que sejam úteis no contexto específico do aprendiz, seja para seu interesse próprio, ou interação na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. – 10ª ed. – São Paulo: Atlas, 2010. 158 p.
- ARAÚJO, Denise Lino; SILVA, Elizabeth Maria. Letramento: um fenômeno plural. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. v.12. nº. 4. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012. p. 1-18.
- ARAÚJO, Júlio César; et al. Links entre mediação pedagógica, letramento digital e hipertextualidade em EAD. In: Júlio César Araújo e Messias Dieb (orgs). **Letramentos na Web: gêneros, interação e ensino**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p. 172-188.
- _____. Letramentos que emergem da hipertextualidade. In: Júlio César Araújo e Messias Dieb (orgs). **Letramentos na Web: gêneros, interação e ensino**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p. 111-122.
- BAPTISTA, Livia Márcia Tiba Rádis. Traçando caminhos: letramento, letramento crítico e ensino de espanhol. In: BARROS, Cristiano Silva; COSTA, Elzimar Goettennauer de Marins (Orgs.). **Espanhol: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. v. 16, cap. 6. p. 119-136. (Coleção Explorando o Ensino) .
- BRAGA, Denise Bertoli. Tecnologia e participação social no processo de produção e consumo de bens culturais: novas possibilidades trazidas pelas práticas letradas digitais mediadas pela internet. **Trabalhos de Linguística Aplicada**. Campinas, 2010. p. 1-20.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEB, v.1, 2006. 240 p.
- BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 6ª ed. Campinas: Autores Associados, 2012. 127 p. (Coleção Educação Contemporânea).
- BRUGUERA, Enric. **Los blogs**. Barcelona: Editorial UOC, 2007. 60 p.
- BUZATO, Marcelo El Khouri. **O letramento eletrônico e o uso do computador no ensino de língua estrangeira: contribuições para a formação de professores**. 2001. 188 f. (Dissertação de mestrado), IEL, Unicamp, São Paulo: 2001.
- CERVO, Amado Luiz et al. **Metodologia científica**. 6ªed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 162 p.
- COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e Letramento Digital. In: Carla Coscarelli; Ana Elisa Ribeiro (orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. – cap. 2. 3ª. ed. – Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2011. p. 25-40. (Coleção Linguagem e Educação).
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. rev. ampl. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 205 p.

DIAS, Marcelo Cafiero; NOVAIS, Ana Elisa Novais. **Por uma matriz de letramento digital**. III Encontro Nacional Sobre Hipertexto. Belo Horizonte: CEFET, 2009. p. 1-19. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/hipertexto2009/anais/p-w/por-uma-matriz.pdf> Acesso em 25/01/2015.

FRADE, Isabel Cristina A. da Silva. Alfabetização digital: problematização do conceito e possíveis relações com a pedagogia e com aprendizagem inicial do sistema de escrita. In: Carla Coscarelli; Ana Elisa Ribeiro (orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011. p. 59-83.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. 12. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2009. 184 p.

GIMENEZ, Telma Nunes et al. Letramentos digitais, interdisciplinaridade e aprendizagem de língua inglesa por alunos do ensino médio. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. [online]. 2014, v.53, n.º.1. p. 1-24. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010318132014000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=en Acesso em 25/01/2015.

GOULART, Cecília. Letramento e novas tecnologias: questões para a prática pedagógica. In: Carla Coscarelli, Ana Elisa Ribeiro (orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas** / cap. 3. 3ª. ed. – Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011. p. 41-58. (Coleção Linguagem e Educação).

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Disponível em <http://houaiss.uol.com.br/> Acesso em 15/12/2014.

LERNER, Delia. **Ler e Escrever na Escola: o Real, o Possível e o Necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002. 128 p.

MARCONI et al. **Técnicas de Pesquisa**. – 7ª ed. 3. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2010. 277 p.

MATTAR, João. **Tutoria e interação em educação a distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2012. 207 p. (Série Educação e Tecnologia).

NASCIMENTO, Ana Karina de Oliveira. O ensino de língua inglesa sob o viés dos letramentos digitais. In: Vanderlei J. Zacchi; Paulo Rogério Stella (orgs.). **Novos letramentos, formação de professores e ensino de língua inglesa**. Maceió: EDUFAL, 2014. p. 53-73.

PAIVA, Vera Menezes de Oliveira. A tecnologia na docência em línguas estrangeiras: tensões e convergências. In: Lucíola Licínio de Castro Paixão Santos (org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 1-15. Disponível em <http://www.veramenezes.com/endipe.pdf> Acesso em 25/01/2015.

_____. Ambientes virtuais de aprendizagem: implicações epistemológicas. **Educação em Revista** [online], v. 26, n.º. 30. Belo Horizonte, 2010.

PALFREY, John et al. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**/ tradução: Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2011. 352 p.

PRENSKY, Marc. Nativos e Imigrantes Digitales. **Cuadernos SEK 2.0**. Buenos Aires: Albatros, 2001. p. 1-23.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. 239 p. (Coleção Cibercultura).

RIBEIRO, A.E. **Navegar lendo, ler navegando: aspectos do letramento digital e da leitura de jornais**. 2008. 243 f. Tese (Doutorado em Linguística). FALE/POSLIN, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2008.

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004. p. 1-8. (Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004).

SILVA, Solimar Patriota. Letramento digital e a Formação de professores na era da web 2.0: o que, como e por que ensinar? **Hipertextus Revista Digital**. nº. 8. Rio de Janeiro: 2012. p. 1-13. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume8/01-Hipertextus-Vol8-Solimar-Patriota-Silva.pdf> Acesso em 25/01/2015.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**. v.23 nº.81 Campinas, 2002. p. 143-160. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf> Acesso em 25/01/2015.

_____. A reinvenção da alfabetização. **Presença Pedagógica**. v.9, nº. 52. 2003. p.14-21.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. 124 p.

_____. **Alfabetização e letramento**. 6ª. ed. São Paulo: Contexto, 2013. 123 p.

TORI, Romero. **Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010. 254 p.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. Letramento Digital e Ensino. In: Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. (orgs.) **Alfabetização e Letramento: conceitos e relações**. / 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 133-148.

ZACCHI, Vanderlei J. Novos letramentos e cosmopolitismo na formação de professores de línguas estrangeiras. In: Vanderlei J. Zacchi; Paulo Rogério Stella (orgs.). **Novos letramentos, formação de professores e ensino de língua inglesa**. Maceió: EDUFAL, 2014. p. 137-160.

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO 1

INFORMANTE:

QUESTIONÁRIO

1 DADOS PESSOAIS

| | |
|-----------------------|--|
| 1.1 Ano de nascimento | |
| 1.2 Cidade onde vive | |

2 FORMAÇÃO

| | |
|-----------------|--|
| 2.1 Curso atual | |
|-----------------|--|

| | |
|---|-------|
| 2.2 Já realizou algum curso de informática? | |
| Qual/is? | Nível |
| | |

3 TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

| | |
|--|--|
| 3.1 Quais destas ferramentas tecnológicas você possui? | |
| Computador | |
| Notebook ou Netbook | |
| Tablet | |
| Smartphone | |
| Celular com acesso à internet | |

| |
|---|
| 3.2 Você tem dificuldades quanto ao manuseio do computador ou das outras ferramentas citadas acima? Quais dificuldades? |
| |

| |
|--|
| |
|--|

| |
|--|
| 3.3 Sente dificuldades quanto ao uso dos seus respectivos programas ou aplicativos? Quais? |
| |

| |
|---|
| 3.4 Você tem dificuldades quanto ao uso da internet? Quais? |
| |

| | |
|-------------------------------------|--|
| 3.5 Possui acesso à internet móvel? | |
|-------------------------------------|--|

| | |
|--------------------------------------|--|
| 3.6 Possui acesso à internet imóvel? | |
|--------------------------------------|--|

| | |
|--|--|
| 3.7 Quais das opções abaixo você conhece e/ou costuma acessar? | |
| Email | |
| Redes sociais | |
| Blogs | |
| Sites | |
| Outros | |

| |
|---|
| 3.8 Quais tipos de sites costuma acessar? |
| |

3.9 O que mais costuma fazer quando está conectado?

3.10 Você costuma utilizar o computador, notebook, netbook, tablet ou celular; bem como programas, sites e/ou aplicativos para realizar leituras de textos? Quais utiliza?

3.11 Costuma utilizar o computador, notebook, netbook, tablet ou celular; bem como programas, sites e/ou aplicativos para realizar alguma produção escrita? Quais utiliza?

3.12 Já utilizou alguma tecnologia para elaborar um vídeo, blog, site ou alguma outra produção? Qual/is?

3.13 Quais habilidades acredita ser necessárias para possibilitar a prática leitora e a produção escrita, a partir do uso das tecnologias?

3.14 Como se dá a interação entre você e as tecnologias, no que diz respeito ao uso e comunicação?

APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO 2

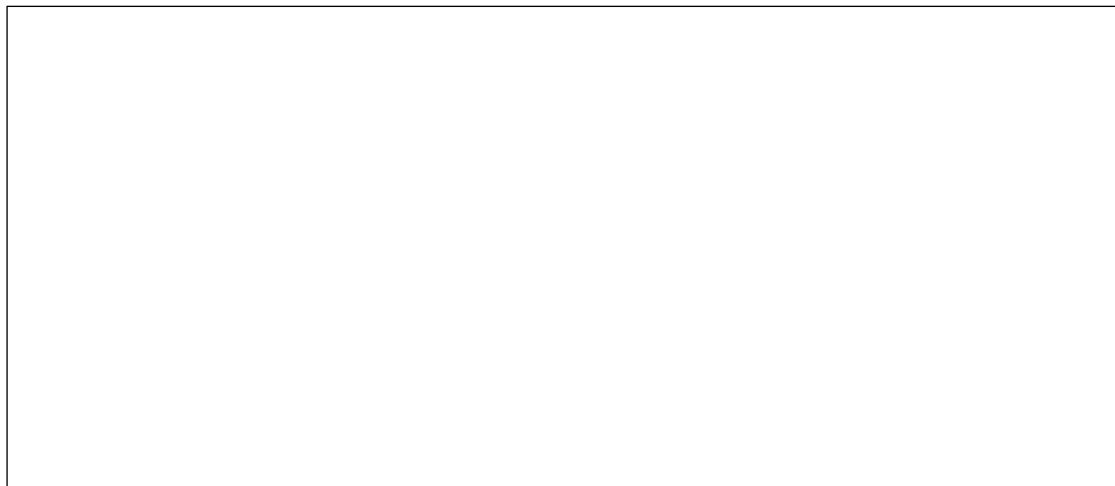
INFORMANTE:

QUESTIONÁRIO

1) Você faz uso das tecnologias nas práticas sociais? De que maneira?

2) Suas produções com o uso da tecnologia são criadas para algum fim específico? Qual/is?

3)Suas produções são socializadas e/ou compartilhadas? De que modo?

A large, empty rectangular box with a thin black border, intended for the user to provide a detailed response to the question about socializing or sharing their work.

APÊNDICE 3 – ENTREVISTA INFORMANTE 1

INFORMANTE:

01

ENTREVISTA¹¹

- ✓ Em relação ao uso das tecnologias... Você tem dificuldades quanto ao manuseio do computador, *notebook*, *tablet*, e outras ferramentas tecnológicas que faz uso; ou consegue manusear, interagir tranquilamente?
- ✓ Não. Quanto ao manuseio não.
- ✓ Você, no caso, consegue utilizar todos, tranquilamente, não tem nenhuma limitação?
- ✓ Sim, não tenho nenhuma limitação.
- ✓ E em relação ao manuseio de programas e/ou aplicativos que faz uso, bem como da internet, você sente dificuldades? Quais?
- ✓ Aí já é um pouco complicado, tenho dificuldades com alguns aplicativos e sites.
- ✓ No caso, dos que você faz uso para sua realidade, você sente também dificuldades?
- ✓ Algumas vezes tenho.
- ✓ Quais? Por exemplo, alguns.
- ✓ Tipo, por exemplo, professora, quando vai ali para o *power point* né? Não é *power point* que chama? Então, ali eu tenho uma dificuldade imensa pra fazer os slides, eu acho também pela questão de não manusear tanto quanto deveria manusear, eu acho que eu tenho muita dificuldade, é tanto que peço sempre ajuda, não sou eu que faço os slides, sempre tô recorrendo a alguém pra fazer.
- ✓ E você costuma utilizar o computador, *notebook*, *netbook*, *tablet* ou celular, bem como programas, sites e/ou aplicativos para realizar leitura de textos? Agora quando digo leitura de texto me refiro não somente ao texto verbal, como também ao texto não verbal, como vídeos, imagens etc
- ✓ Sim, utilizo muito.
- ✓ Utiliza? Que tipo de leitura seria?
- ✓ Texto verbal e utilizo também muito visual, no caso de vídeos, eu gosto muito de vídeos, e também, é... eu vou também muito pra aqueles sites que tem muitas imagens, tipo mais imagens pra interpretação né? Justamente pra aplicar essa questão da interpretação, pra melhorar mais e tal, aí tô sempre recorrendo. Também pra aqueles sites que têm, é...no nosso caso, pra língua espanhola, como eu tava até indicando as

¹¹ Entrevista semiaberta, logo, apresenta um roteiro inicial de perguntas, mas tem espaço e liberdade para realizar outras perguntas improvisadas, caso seja necessário para complementar alguma ideia. A legenda indica quais as perguntas fixas e perguntas improvisadas, bem como as respostas dos entrevistados. A transcrição das entrevistas está incompleta porque selecionamos apenas as respostas relevantes para esta pesquisa.

meninas, tem sites de jornais de outros países pra você tá ouvindo sempre os sotaques diferentes e tal. Aí vai mais pra parte auditiva e visual também né? Então, eu utilizo muito.

- ✓ Certo, e no caso, em relação a sua língua materna mesmo, você também utiliza outros tipos de leituras?
- ✓ Sim, da língua materna também.
- ✓ Quais tipos seriam? Leituras de que você faz?
- ✓ Então, da língua materna eu gosto muito de ler as letras das músicas, ouvir e ler as letras. Gosto de ver tirinhas. Gosto de ver também revista online e jornais. Eu gosto muito.
- ✓ E em relação à produção escrita, você também faz uso do computador, *notebook*, *netbook*, *tablet* ou celular, bem como programas, sites e/ou aplicativos? Agora quando eu digo produção escrita não seria somente de texto verbal; criar um vídeo, um blog, uma página, também é um tipo de produção.
- ✓ Não, não realizo nenhum tipo.
- ✓ Nada, você não produz nada? Qualquer tipo de produção escrita?
- ✓ Por exemplo, se colocamos um vídeo no *facebook* seria um exemplo disso? Eu faço isso, algumas vezes, pouquíssimas vezes.
- ✓ Você produz vídeos de que?
- ✓ É mais assim descontraído, não é nada tipo assim, escolher uma temática e vou fazer sobre aquilo. De tema tenho como exemplo nossa prova oral de língua 2, então, aquele vídeo foi divulgado não só no grupo do *facebook*, mas no *whatsapp* também entendeu? Agora foi em conjunto, o meu grupo da turma que apresentou, agora eu ir lá e produzir um vídeo com o intuito de fazer uma crítica ou algo assim, não.
- ✓ Mas vocês produziram um vídeo sobre Maria¹² não foi?
- ✓ Sim, bem lembrado professora, nós produzimos. Na verdade partiu de uma colega de turma, porque quando cheguei no local que ocorreu tudo, todo mundo já tava um pouco assim insatisfeito pela ocasião, dela ter passado por aquilo, do elevador não estar funcionando, e quando estávamos descendo da escada foi assim tipo algo muito de repente, espontâneo, vou gravar, alguém tem que fazer alguma coisa. Então, o intuito foi pra que toda a comunidade aqui, professores e demais olhem pra isso. Não queríamos uma ação imediata porque, infelizmente, é muito devagar o processo, mas que as pessoas olhem com mais cidade em relação às pessoas que têm essa deficiência. Então, foi para o *facebook*, inclusive um jornalista da TV Sergipe entrou em contato através do *facebook* para saber mais detalhes e poder vir fazer a reportagem, a entrevista com Maria, aí tá no processo, não sei se passaram o número, mas que isso chegou ao telejornal.
- ✓ Partindo agora para o trabalho com o blog que realizamos em língua 2... Queria saber se você sentiu dificuldades em alguma atividade realizada nele. Caso sim, qual/is?

¹² Nome fictício para preservar a identidade da aluna. Trata-se de uma aluna cadeirante que passou por uma situação, no mínimo, constrangedora, na universidade, alguns alunos da turma se revoltaram, filmaram a situação e divulgaram no *facebook* como um ato de protesto.

- ✓ Então, a minha dificuldade acredito que seja a dificuldade de qualquer usuário de primeira viagem, eu não tava conseguindo fixar as respostas. Vou ser sincera, esse negócio de tecnologia eu sou muito lenta para entender. Mas assim, foi a primeira, a primeira atividade que a senhora passou eu tive dificuldade.
- ✓ Na segunda, terceira...você também sentiu dificuldade?
- ✓ Não, não porque na primeira, como eu havia dito, eu fiquei analisando primeiro, eu parei mesmo e fiquei analisando, nessa parte da análise aí eu disse: não, agora eu vou fazer aqui, aperto aqui, depois vou pra cá. Na segunda fiz bem rápido, foi bem rápido mesmo.
- ✓ E você já tinha tido contato com outro blog antes? Sabe interagir?
- ✓ Então, ano retrasado eu fiz um, mas depois desisti.
- ✓ Sobre o que?
- ✓ Então, eu fiz para divulgar as palestras da igreja, só que eu disse: não tenho tempo para ficar na manutenção disso, aí eu acabei cancelando.
- ✓ E você acessa blogs para leitura?
- ✓ Sim, inclusive o da senhora que, não só língua 2, aquilo pra mim não foi como atividade, aquilo eu uso na minha vida diária, conjugação de verbo vou pra lá, vocabulário vou pra lá, música eu vou pra lá, então sempre ele tá abertinho, eu tô fazendo trabalho, digitando, o blog tá aberto, além de outros dois. Aí fica os três abertinhos e quando tenho dúvida vou para o blog e faço os trabalhos.
- ✓ Queria saber se as atividades do blog, realizadas na disciplina, se você realizou por obrigação, porque era pontuação da disciplina, ou teve alguma relevância para a sua vida? Ou seja, foi somente fazer para cumprir uma tarefa ou aquilo teve alguma relevância para você?
- ✓ Não, não foi só pra tarefa não. Como eu falei pra a senhora, eu entrava pra fazer a tarefa, mas eu olhava cada detalhe do blog. Depois da atividade eu não saia logo, porque quando é só para atividade, você entra, faz e logo sai. Mas eu olhava as tirinhas, olhava as músicas, ia para os verbos, ia para os textos, e para mim teve muita relevância.
- ✓ E para você, teria algo que seria relevante e importante ter no blog, que não tem?
- ✓ Vídeos com alunos, alunos da senhora, alunos brasileiros que estão nessa barreira, que estão tentando aprender a língua, poderia ser vídeos, por exemplo, falando de uma “ensalada de frutas”, tipo três a quatro pessoas fazendo uma salada de frutas, ou “vamos a hacer un pastel?” E fazer a receita... E se pudesse, poderia ter uma ferramentazinha pra a gente baixar as músicas.

| LEGENDA | |
|---------|---|
| ✓ | Perguntas iniciais (fixas) |
| ✓ | Respostas do entrevistado |
| ✓ | Perguntas complementares (improvisadas) |

APÊNDICE 4 - ENTREVISTA INFORMANTE 2

INFORMANTE:

02

ENTREVISTA

- ✓ Em relação ao uso das tecnologias... Você tem dificuldades quanto ao manuseio do computador, *notebook*, *tablet*, e outras ferramentas tecnológicas que faz uso; ou consegue manusear, interagir tranquilamente?
- ✓ Não, não sinto.
- ✓ E em relação ao manuseio de programas e/ou aplicativos que faz uso, bem como da internet, você sente dificuldades? Quais?
- ✓ Não, alguns programas específicos sinto dificuldade.
- ✓ Mas para o que você precisa no seu dia a dia, consegue lidar tranquilamente?
- ✓ Consigo, com aquilo que eu necessito sim.
- ✓ E você costuma utilizar o computador, *notebook*, *netbook*, *tablet* ou celular, bem como programas, sites e/ou aplicativos para realizar leitura de textos? Agora quando digo leitura de texto me refiro não somente ao texto verbal, como também ao texto não verbal, como vídeos, imagens etc
- ✓ Sim, de textos em geral sim, mas, tipo, livros, obras, eu não costumo não.
- ✓ Então que tipo de texto você costuma ler?
- ✓ Mais informativo, tipo, entrevistas, notícias.
- ✓ E você visualiza imagens. Vídeos também?
- ✓ Sim, também.
- ✓ De que?
- ✓ Videoclipe, imagens para pesquisa.
- ✓ Artigos científicos não né? São mais textos curtos.
- ✓ Sim, textos curtos.
- ✓ E em relação à produção escrita, você também faz uso do computador, *notebook*, *netbook*, *tablet* ou celular, bem como programas, sites e/ou aplicativos? Agora quando eu digo produção escrita não seria somente de texto verbal; criar um vídeo, um blog, uma página, também é um tipo de produção.
- ✓ Sim. Mais produção acadêmica no momento.
- ✓ E você produz coisas para postar em rede social?
- ✓ Sim, elaboro vídeo informativo, com tema polêmico. O último que fiz foi uma denunciuzinha.

- ✓ Partindo agora para o trabalho com o blog que realizamos em língua 2... Queria saber se você sentiu dificuldades em alguma atividade realizada nele. Caso sim, qual/is?
- ✓ Não, consegui realizar todas, acho que o blog é claro.
- ✓ E você já tinha tido contato com outro blog antes?
- ✓ Não.
- ✓ Queria saber se as atividades do blog, realizadas na disciplina, se você realizou por obrigação, porque era pontuação da disciplina, ou teve alguma relevância para a sua vida? Ou seja, foi somente fazer para cumprir uma tarefa ou aquilo teve alguma relevância para você?
- ✓ Não, primeiramente, eu fiz porque tinha que fazer, era obrigação, mas, ao fazer eu não sentia tipo um peso, era legal fazer, era bom, acho que teve relevância.
- ✓ E para você, teria algo que seria relevante e importante ter no blog, que não tem?
- ✓ Acho que vídeos explicativos ou só para descontração.

APÊNDICE 5 - ENTREVISTA INFORMANTE 3

INFORMANTE:

03

ENTREVISTA

- ✓ Em relação ao uso das tecnologias... Você tem dificuldades quanto ao manuseio do computador, *notebook*, *tablet*, e outras ferramentas tecnológicas que faz uso; ou consegue manusear, interagir tranquilamente?
- ✓ Às vezes no *notebook* tem coisas que não sei mexer, no *tablet* também, como é um aparelho recente né? Eu ainda não sei mexer muito.
- ✓ E em relação ao manuseio de programas e/ou aplicativos que faz uso, bem como da internet, você sente dificuldades?
- ✓ Não, consigo, sites e aplicativos consigo.
- ✓ No caso, dos que você faz uso para sua realidade, você utiliza tranquilamente?
- ✓ Sim, normalmente. Nunca tive dificuldade.
- ✓ E você costuma utilizar o computador, *notebook*, *netbook*, *tablet* ou celular, bem como programas, sites e/ou aplicativos para realizar leitura de textos? Agora quando digo leitura de texto me refiro não somente ao texto verbal, como também ao texto não verbal, como vídeos, imagens etc
- ✓ Sim, faço uso.
- ✓ Que tipo de leitura seria?
- ✓ Vídeos, vídeo aula, texto verbal é o que mais utilizo.
- ✓ Que tipo de texto seria, artigos...?
- ✓ Artigos, resenhas.
- ✓ E imagem?
- ✓ Não, faço muito não.
- ✓ Então somente escrito e vídeo?
- ✓ Isso.
- ✓ E em relação à produção escrita, você também faz uso do computador, *notebook*, *netbook*, *tablet* ou celular, bem como programas, sites e/ou aplicativos? Agora quando eu digo produção escrita não seria somente de texto verbal; criar um vídeo, um blog, uma página, também é um tipo de produção.
- ✓ Sim.
- ✓ Quais tipos seriam?
- ✓ No caso, textual, textos acadêmicos, textos para colocar no *facebook*.
- ✓ E que tipos de textos você cria para o *facebook*? Sobre o que?
- ✓ Ah, geralmente sobre algum acontecimento.

- ✓ Então você cria para realizar uma discussão sobre um tema?
- ✓ Sim, humrum.
- ✓ Partindo agora para o trabalho com o blog que realizamos em língua 2... Queria saber se você sentiu dificuldades em alguma atividade realizada nele. Caso sim, qual/is?
- ✓ Não, em relação às atividades não. Eu só não consegui fazer o avatar.
- ✓ E você já tinha tido contato com outro blog antes?
- ✓ Não, nunca.
- ✓ Queria saber se as atividades do blog, realizadas na disciplina, se você realizou por obrigação, porque era pontuação da disciplina, ou teve alguma relevância para a sua vida? Ou seja, foi somente fazer para cumprir uma tarefa ou aquilo teve alguma relevância para você?
- ✓ No início sim, porém, depois que comecei a fazer as atividades achei interessante, era até divertido, porque através de brincadeiras estimulava mais para fazer as atividades, então, depois eu gostei. Tanto que fazia mais de uma vez a atividade pra ver se a pontuação aumentava (rsrsrs) Porque eu gosto muito de jogos online pra responder perguntas.
- ✓ E para você, teria algo que seria relevante e importante ter no blog, que não tem?
- ✓ Na verdade não sei, não tive muito tempo para explorar o blog.

APÊNDICE 6 - ENTREVISTA INFORMANTE 4

INFORMANTE:

04

ENTREVISTA

- ✓ Em relação ao uso das tecnologias... Você tem dificuldades quanto ao manuseio do computador, *notebook*, *tablet*, e outras ferramentas tecnológicas que faz uso; ou consegue manusear, interagir tranquilamente?
- ✓ Eu sinto dificuldade, principalmente em relação a *notebook*, eu uso muito, mas eu sinto dificuldade.
- ✓ Mesmo sendo coisas básicas para o seu uso, você ainda sente dificuldades né?
- ✓ Sim.
- ✓ E em relação ao manuseio de programas e/ou aplicativos que faz uso, bem como da internet, você sente dificuldades? Quais?
- ✓ Acessar mesmo, procurar alguma coisa nos sites, eu sinto dificuldade. Em relação ao novo *Windows* eu sinto uma dificuldade enorme.
- ✓ E você costuma utilizar o computador, *notebook*, *netbook*, *tablet* ou celular, bem como programas, sites e/ou aplicativos para realizar leitura de textos? Agora quando digo leitura de texto me refiro não somente ao texto verbal, como também ao texto não verbal, como vídeos, imagens etc
- ✓ Sim, apesar da dificuldade que eu tenho, eu acho que todo meu estudo é usando *notebook*. Então, assim, se o professor puder botar os arquivos para que eu possa baixar pra mim é melhor do que imprimir.
- ✓ E fora isso? Fora os textos que os professores postam no sigaa, você acessa algum tipo de aplicativo, programa ou site para ler textos também, ou não?
- ✓ Sim.
- ✓ Que tipo de textos você costuma ler?
- ✓ Qualquer texto relacionado ao que estudo. Vídeos sobre um assunto que vejo na aula e não entendo muito bem, aí busco vídeo.
- ✓ E imagem?
- ✓ Imagem não muito.
- ✓ E em relação à produção escrita, você também faz uso do computador, *notebook*, *netbook*, *tablet* ou celular, bem como programas, sites e/ou aplicativos? Agora quando eu digo produção escrita não seria somente de texto verbal; criar um vídeo, um blog, uma página, também é um tipo de produção.
- ✓ Não, assim, por enquanto não, eu costumo, às vezes, filmar algumas apresentações minhas na sala, mas nunca usei pra assim, botar em algum site.

- ✓ E em redes sociais, você não posta nenhuma produção sua, vídeo, imagem, texto?
- ✓ Não.
- ✓ Nenhum tipo de produção?
- ✓ Não.
- ✓ Partindo agora para o trabalho com o blog que realizamos em língua 2... Queria saber se você sentiu dificuldades em alguma atividade realizada nele. Caso sim, qual/is?
- ✓ Não, foi tranquilo. Lembro que no avatar tive um pouco de dificuldade em fazer, mas em relação ao blog eu consegui acessar e responder.
- ✓ E você já tinha tido contato com outro blog antes?
- ✓ Não, nunca.
- ✓ Queria saber se as atividades do blog, realizadas na disciplina, se você realizou por obrigação, porque era pontuação da disciplina, ou teve alguma relevância para a sua vida? Ou seja, foi somente fazer para cumprir uma tarefa ou aquilo teve alguma relevância para você?
- ✓ Eu acho que um pouco dos dois, Acho que senti a curiosidade de saber como era o blog, por isso, achei interessante fazer, e também pela questão de ter que fazer mesmo.
- ✓ Mas você acha que as atividades tiveram alguma relevância para você ou não?
- ✓ Sim.
- ✓ Em que sentido?
- ✓ A questão de saber como funciona o blog, de trabalhar com isso em sala de aula.
- ✓ E para você, teria algo que seria relevante e importante ter no blog, que não tem?
- ✓ Não consigo lembrar de nada, acho ele completo.

APÊNDICE 7 - ENTREVISTA INFORMANTE 5

INFORMANTE:

05

ENTREVISTA

- ✓ Em relação ao uso das tecnologias... Você tem dificuldades quanto ao manuseio do computador, *notebook*, *tablet*, e outras ferramentas tecnológicas que faz uso; ou consegue manusear, interagir tranquilamente?
- ✓ Não, não, dificuldade não.
- ✓ Então tudo que você precisa para seu uso é tranquilo?
- ✓ É fácil.
- ✓ E em relação ao manuseio de programas e/ou aplicativos que faz uso, bem como da internet, você sente dificuldades? Quais?
- ✓ Alguns programas sim, a depender, se for algum que não conheço tenho dificuldade. Mas internet, aplicativo não.
- ✓ No caso, os programas que você utiliza no seu dia a dia para suas necessidades, você tem dificuldade?
- ✓ Não, é porque de tanto eu praticar e usar ficou fácil.
- ✓ E você costuma utilizar o computador, *notebook*, *netbook*, *tablet* ou celular, bem como programas, sites e/ou aplicativos para realizar leitura de textos? Agora quando digo leitura de texto me refiro não somente ao texto verbal, como também ao texto não verbal, como vídeos, imagens etc
- ✓ Uso.
- ✓ Que tipo de leitura seria?
- ✓ Imagens e pequenos textos. Poemas, textos anexados a alguma imagem chama minha atenção.
- ✓ E vídeo?
- ✓ Vídeo não muito.
- ✓ E textos como artigos, livros você lê ou não?
- ✓ Leio porque os professores mandam, tenho que ler muito artigo.
- ✓ E em relação à produção escrita, você também faz uso do computador, *notebook*, *netbook*, *tablet* ou celular, bem como programas, sites e/ou aplicativos? Agora quando eu digo produção escrita não seria somente de texto verbal; criar um vídeo, um blog, uma página, também é um tipo de produção.
- ✓ Eu uso para produzir textos e slides, vídeos não.
- ✓ E quais tipos de textos produz?
- ✓ Resumos, fichamentos.

- ✓ E em redes sociais, você não produz nada? Um vídeo, uma imagem para postar?
- ✓ Não, se alguém mandar pra mim pra divulgar eu divulgo, mas não produzo.
- ✓ Partindo agora para o trabalho com o blog que realizamos em língua 2... Queria saber se você sentiu dificuldades em alguma atividade realizada nele. Caso sim, qual/is?
- ✓ Nas primeiras, porque eu não sabia muito bem como utilizar, aí precisei de ajuda, mas depois já sabia como chegar, o que fazer, aí ficou mais fácil.
- ✓ Então no início sim?
- ✓ Foi, porque eu nunca tinha tido acesso a nenhum tipo de blog, aí ficou meio difícil.
- ✓ E você já tinha tido contato com outro blog antes?
- ✓ Não, foi a primeira vez.
- ✓ Queria saber se as atividades do blog, realizadas na disciplina, se você realizou por obrigação, porque era pontuação da disciplina, ou teve alguma relevância para a sua vida? Ou seja, foi somente fazer para cumprir uma tarefa ou aquilo teve alguma relevância para você?
- ✓ Eu achei interessante, o da música mesmo foi o que mais gostei. No começo foi só porque eu tinha que fazer mesmo, mas depois eu fui gostando, principalmente, a parte de música.
- ✓ E para você, teria algo que seria relevante e importante ter no blog, que não tem?
- ✓ Que os conteúdos, é... trabalhados lá no blog, fossem trabalhados de uma forma assim criativa, como o vídeo do lixinho, da reciclagem, eu achei interessantíssimo aquele, foi uma forma de trabalhar além da reciclagem do meio ambiente, trabalhar o que tava sendo trabalhado também na sala de aula.
- ✓ Então você acha que seria interessante poder abordar os assuntos gramaticais de modo dinâmico, com ferramentas tecnológicas?
- ✓ Isso, chamaria bem mais atenção, pelo menos pra mim.